

Novas competências no jornalismo televisivo: Entre a academia e a primeira experiência profissional

Ana Rita Neves Rogado

Dissertação de Mestrado em Jornalismo

Ana Rita Rogado, Novas Competências no
Jornalismo Televisivo: Entre a academia e
a primeira experiência profissional

Maio, 2019

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizada sob orientação científica da Professora Dora Santos Silva.

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a professora Dora Santos Silva, pelo apoio, incentivo e disponibilidade. Por ter acreditado em mim quando eu não acreditei. Ao professor António Granado, por ser uma referência. Ao professor Pedro Coelho, que despertou em mim o “bichinho da televisão”.

À Patrícia, à Beatriz e ao João. Por serem os meus amigos de sempre e para sempre. À Melissa, à Catarina, à Inês F. e à Lúcia, por respeitarem as minhas ausências.

Ao Diogo e à Iara por serem como irmãos. Às Ginas, pelo passado, presente e futuro. Ao João, ao Pedro, ao Duarte e ao Francisco, por não terem desistido de mim. Ao Miguel, por ser a melhor pessoa que o mestrado me deu.

À Cristiana, à Teresa, à Maria João, à Ana Luísa, à Carolina e ao Miguel, por serem mais que colegas de trabalho. À Mariana por ter sido uma surpresa tão boa.

Aos jornalistas da SIC que me acompanham desde o início. Ao André Palma, ao Bruno Ferreira, à Manuela Vicêncio, à Patrícia Almeida, à Liliana Lobo de Carvalho e ao Pedro Freitas.

À equipa da Edição da Noite da SIC Notícias, a minha equipa, com quem cresço todos os dias. Ao Hélder Felizardo, pelas oportunidades e pela confiança.

Ao André Antunes, por acreditar em mim desde o primeiro minuto, pelas palavras e por me deixar voar.

Aos meus primos. Aos mais velhos, por me terem mostrado que os laços que nos unem são eternos. Aos mais novos, por serem a minha lufada de ar fresco. À minha madrinha, o meu exemplo para toda a vida. À minha avó, por ser tão especial. Ao meu avô, pela família que me deu. Às minhas estrelinhas.

Ao meu afilhado Salvador, por ser o meu salvador – literalmente – em tantos momentos. Por despertar o melhor de mim.

À minha irmã, o meu maior amor. Pelo que diz sem dizer.

Aos meus pais, por serem a maior bênção da minha vida. Isto é vosso.

**NOVAS COMPETÊNCIAS NO JORNALISMO TELEVISIVO: ENTRE A ACADEMIA E A
PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

NEW SKILLS IN TELEVISION JOURNALISM: BETWEEN COLLEGE AND THE INTERNSHIP

ANA RITA NEVES ROGADO

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a relação entre os planos curriculares dos mestrados em jornalismo em Portugal e as exigências das redações de televisão. Nesse sentido, parte-se da hipótese que os planos curriculares dos cursos de segundo ciclo não são adequados às redações. Para testar a hipótese, utiliza-se uma metodologia mista, através de análise de conteúdo aos planos curriculares dos mestrados identificados na área de jornalismo; inquérito por questionário a alunos que tenham mestrado em jornalismo e tenham estágio em televisão; entrevistas semiestruturadas a coordenadores de estagiários e a coordenadores de mestrados e ainda uma entrevista ao jornalista e professor universitário Pedro Coelho. A hipótese formulada é confirmada, uma vez que há mestrados no ramo de jornalismo sem seminários dedicados a televisão, os coordenadores de estagiários defendem que os alunos chegam às redações pouco preparados para o mercado de trabalho e coordenadores de mestrados identificam as lacunas em relação ao jornalismo televisivo nos planos curriculares do mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Televisivo; Jornalistas; Competências; Ensino do Jornalismo; Mestrado; Estágio

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the relationship between the Portuguese Master's Degrees in Journalism and the requirements of the television stations. In this sense, it is assumed that the curricular plans of these Master's Degrees are not suitable to the television expectations. To test the hypothesis, we used a mixed methodology through content analysis to the curricular plans of the masters identified in the area of journalism; questionnaire survey for students who have master's degrees in journalism and have a television internship; semi-structured interviews with trainee coordinators and coordinators of master's degrees and an interview with journalist and university teacher Pedro Coelho. The hypothesis formulated is confirmed because there are master's degrees in journalism without seminars dedicated to journalism television. Trainee coordinators argue that students that arrive at television are poorly prepared for the job market and that master's coordinators have identified the gaps in relation to journalism in the curriculum of the master's program.

KEYWORDS: Television journalism; broadcast journalism; Journalists; Skills; Teaching Journalism; Master's degree; Internship

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: JORNALISMO TELEVISIVO	12
1. DO JORNALISMO AO JORNALISMO TELEVISIVO	12
1.1. JORNALISMO TELEVISIVO EM PORTUGAL	13
1.1.1. RTP, SIC E TVI.....	14
1.1.2. GÉNEROS JORNALÍSTICOS	15
1.1.3. NOTICIÁRIO E ALINHAMENTO DOS JORNAIS	18
1.1.4. DESAFIOS DA TELEVISÃO NA ERA DIGITAL	20
CAPÍTULO II: JORNALISTAS - O PRESENTE E O FUTURO	24
2.1. QUEM SÃO OS JORNALISTAS PORTUGUESES?	24
2.2. TRABALHAR EM TELEVISÃO	25
2.3. COMPETÊNCIAS.....	26
2.3.1. DEFINIÇÃO DE COMPETÊNCIAS.....	26
2.3.2. COMPETÊNCIAS PEDIDAS AO JOVEM JORNALISTA.....	30
2.4. CRISE NO JORNALISMO E “EMAGRECIMENTO DOS QUADROS”	32
CAPÍTULO III: ENSINO SUPERIOR DO JORNALISMO	35
3.1. ENSINO SUPERIOR EM JORNALISMO EM PORTUGAL.....	35
3.2. QUAL É O CAMINHO CERTO PARA A FORMAÇÃO DE JORNALISTAS?	39
3.3. ESTÁGIOS: A REALIDADE QUANDO CHEGAM À PROFISSÃO	42
CAPÍTULO IV: METODOLOGIA	46
4.1. OBJETIVOS E PERTINÊNCIA DO TEMA.....	46
4.2. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	48
4.3. METODOLOGIA	48
4.3.1. <i>CORPUS</i>	53
4.3.2. VARIÁVEIS DE ANÁLISE.....	54
CAPÍTULO V: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	56
5.1. A FORMAÇÃO ACADÉMICA E PESO NOS PLANOS CURRICULARES DOS MESTRADOS.....	56
5.1.1. MESTRADOS: BILHETE DE IDENTIDADE.....	56
5.1.2. UNIDADES CURRICULARES RELACIONADAS COM TELEVISÃO	60
5.1.3. CORPO DOCENTE.....	63
5.1.4. EVOLUÇÃO E LACUNAS	63
5.1.5. OPINIÃO DOS ALUNOS	65

5.2. RELAÇÃO ENTRE A ACADEMIA E OS ESTÁGIOS	66
5.2.1. ESTÁGIOS: BILHETE DE IDENTIDADE	68
5.2.2. COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO NA ÓTICA DOS JORNALISTAS COORDENADORES DOS ESTAGIÁRIOS	73
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
ÍNDICE DE GRÁFICOS	88
ANEXO A – ENTREVISTAS A COORDENADORES DE ESTAGIÁRIOS.....	89
NATÁLIA OLIVEIRA – COORDENADORA DE ESTAGIÁRIOS DA RTP	89
ANDRÉ ANTUNES - COORDENADOR DE ESTAGIÁRIOS DA SIC.....	90
ANEXO B – INQUÉRITO A ALUNOS	95
ANEXO C – ENTREVISTAS A COORDENADORES DE MESTRADOS	100
ANTÓNIO GRANADO – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	100
MARIA JOSÉ MATA – ESCS – INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA	104
PAULO MARTINS – ISCSP – UNIVERSIDADE DE LISBOA	106
FERNANDO VASCO RIBEIRO – FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO	109
ANEXO D – ENTREVISTA AO JORNALISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO PEDRO COELHO	111
ANEXO E – RESPOSTAS AO INQUÉRITO	116
ANEXO F – ANÁLISE DE CONTEÚDO AOS PLANOS CURRICULARES DOS MESTRADOS	118

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 - MODELO DE COMPETÊNCIAS APRESENTADO POR HIMMA-KADAKAS E PALMISTE BASEADO EM MICÓ E CARPENTER.....	27
TABELA 2 - MODELO DE COMPETÊNCIAS APRESENTADO POR DAVID FINEGOLD E ALEXIS SPENCER NOTABARTOLO.....	29
TABELA 3 - COORDENADORES DE MESTRADOS EM JORNALISMO/ CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	50
TABELA 4 – TÉCNICAS E OBJETIVOS.....	51
TABELA 5 – MESTRADOS EM JORNALISMO OU VARIANTE EM JORNALISMO	53
TABELA 6 – MANUAL DE CODIFICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO AOS MESTRADOS.....	54
TABELA 7 – SPSS VARIABLE VIEW DAS RESPOSTAS AO INQUÉRITO	116
TABELA 8 - SPSS DATA VIEW DAS RESPOSTAS AO INQUÉRITO	116
TABELA 9 - SPSS VARIABLE VIEW DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	118
TABELA 10 - SPSS DATA VIEW DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	118

INTRODUÇÃO

Já dizia Oliveira (2007) que em televisão a comunicação é complexa. Dos jornalistas são esperadas técnicas apelativas, como o timbre de voz, dicção, atitude e carisma para que sejam ouvidos e entendidos pelo público. Isto porque, além das bases do jornalismo de recolher e verificar informações, têm de fazer diretos, vivos para peças e apresentar telejornais.

Por um lado, há autores, como Fourier (2005), Mensing (2010) e Cebrián (2014) que defendem que a preparação teórica do curso é fundamental. Por outro, há investigadores, como Hermann (2017) e Pinto (2004), que dizem que só se aprende a praticar jornalismo nas redações. Afinal, que competências são necessárias para se trabalhar em televisão? E como se forma um jornalista?

É nesse sentido que a presente investigação é feita. O objetivo é perceber a relação entre os planos curriculares dos mestrados em jornalismo em Portugal e as exigências profissionais nas redações de televisão. Nesse sentido, parte-se da hipótese de que os planos curriculares dos cursos de segundo ciclo não são adequados às redações.

Esta investigação é importante na medida em que dá conta das funções que são esperadas dos estagiários nos órgãos de comunicação social e da opinião dos alunos em relação aos mestrados e aos estágios. Por outro lado, é um contributo para os coordenadores dos mestrados perceberem o caminho certo para o curso.

Para isso, no Capítulo I, é fundamental começar por realçar a importância do jornalismo televisivo e caracterizá-lo em Portugal. Por outro lado, abordam-se os géneros jornalísticos, noticiários e alinhamentos, que se trata de conceitos com que os jornalistas trabalham todos os dias, e a forma como influenciam o trabalho dos profissionais. No Capítulo II, caracterizamos os jornalistas portugueses e o trabalho em televisão. Como consequência, aborda-se também a definição de competências e enumera-se as que são pedidas ao jovem jornalista. Ainda neste capítulo, fala-se da crise deste setor e da forma como influencia os mais alunos que acabam os cursos e querem entrar no mercado de trabalho. No capítulo III, são caracterizados os cursos superiores

de jornalismo em Portugal em relação aos vários ciclos de estudos e falamos ainda do surgimento dos cursos profissionais e dos estágios desta área.

É no capítulo IV que se inicia a parte empírica da investigação, partindo da hipótese de que os mestrados não estão adequados às exigências das redações de televisão. Para testar a hipótese, utiliza-se uma metodologia mista. Primeiramente, faz-se uma análise de conteúdo aos planos curriculares dos mestrados para perceber o peso e as características das unidades curriculares de jornalismo televisivo nos planos dos cursos. De seguida, entrevistas semiestruturadas a coordenadores de estagiários. Com esta técnica procura-se identificar as competências que os jornalistas acham importantes para se trabalhar em jornalismo televisivo. Por outro lado, realiza-se um inquérito aos alunos dos mestrados em jornalismo sobre o curso e os estágios que realizaram. O objetivo é perceber as tarefas realizadas durante o estágio e a opinião sobre as competências necessárias nas redações e sobre o mestrado depois do contacto com a experiência profissional. São ainda realizadas entrevistas semiestruturadas a coordenadores dos mestrados para perceber as lacunas dos cursos e a evolução ao longo dos anos. Por último, entrevista-se o jornalista e especialista em formação académica em jornalismo Pedro Coelho para fazer a ponte entre os vários objetivos.

A investigação confirma a hipótese inicial de que os planos curriculares dos mestrados não estão adequados às redações de televisão. De um lado, os coordenadores de estagiários defendem que os alunos estão pouco preparados quando chegam às redações e admitem que os cursos são muito teóricos. Do outro, os coordenadores de mestrados em Ciências da Comunicação admitem as lacunas dos cursos em relação ao jornalismo televisivo e um deles admite mesmo a hipótese: “Se quer mostrar que os mestrados não têm uma aplicabilidade para o mestrado de trabalho, acredito que não tenham porque há uma concentração dessa aplicabilidade no primeiro ciclo”. Por último, há ainda 3 mestrados nesta área, nomeadamente cursos de Ciências da Comunicação, que não têm qualquer unidade curricular de televisão.

CAPÍTULO I: JORNALISMO TELEVISIVO

1. DO JORNALISMO AO JORNALISMO TELEVISIVO

Os jornalistas são fundamentais para a sociedade. Constroem uma visão do mundo e lançam a primeira pedra para análises críticas (Willnat, Weaver, & Wilhoit, 2019). Estes profissionais têm de ser encarados como aqueles que criam e reproduzem conhecimento para os cidadãos (Brandão, p. 143). Aliás, “nunca como agora, o mundo precisou tanto do jornalismo para dar sentido à gigantesca amálgama de informação que se gera, circula e troca diariamente” (Dias, 2011, p. 33).

O jornalismo tem passado por transformações consideráveis desde o final do século passado, principalmente devido a uma economia de mercado que tem como objetivo capitalizar novas fontes de informação (Garcia, Marmeleira, & Matos, 2014). Por um lado, o jornalismo é uma atividade que pretende gerar lucro, mas por outro, tem a função de servir o público (Coelho, 2013). Foi assim que se foi transformando: a servir o público, o cidadão informado, o cidadão que procura notícias e está informado sobre o mundo que o rodeia (Cardoso, Magalhães, & Crespo, 2017).

Os diferentes meios de comunicação - a imprensa, a televisão e a rádio - desenvolveram-se em separado até ao início da década de 1990 baseados numa lógica de conquista de público (Jespers, 1998). Mas houve um que sempre se sobressaiu: a televisão: “O meio de comunicação mais poderoso, influente e popular em todo o mundo. Através dele, podemos ser testemunhas oculares de qualquer acontecimento, a qualquer hora, em qualquer lugar” (Oliveira, 2007, p. 13).

A televisão, um fenómeno da segunda metade do século XX, surge num momento de crise, abalado pela ascensão do fascismo e pelas promessas de bem-estar social da União Soviética. É importante frisar que a guerra afetou a consolidação da televisão. Por exemplo, a BBC, que foi para o ar pela primeira vez em 1936, ficou sem transmissão durante os sete anos seguintes por causa do conflito militar (Leal Filho, 2006). No presente, a televisão continua a ser uma fonte importante de notícias, mas o público tem vindo a distanciar-se deste meio de comunicação, sobretudo o mais jovem (Nielsen & Sambrook, 2016). Desde há quatro anos que se gasta mais tempo na Internet do que a ver televisão (Salvador, 2019).

“Television is not just a simple technology or appliance - like a toaster - that has sat in our homes for more than fifty years. Rather, it functions both as a technology and a tool for cultural storytelling. We know it as a sort of “window on the world” or a “cultural hearth” that has gathered our families, told us stories, and offered glimpses of a world outside our daily experience” (Lotz, 2007, p. 3).

Através da televisão, o mundo entra-nos em casa. A qualquer hora do dia. E por isso é “altamente decisiva na construção da realidade social (...). A televisão dá-nos a principal imagem da realidade e permite a modificação das representações do mundo” (Brandão, 2010, p. 148), ocupa um espaço político e impõe a sua agenda a toda a sociedade (Leal Filho, 2006). Por outro lado, este meio de comunicação torna-se ainda maior, quando comparado aos outros meios, devido ao uso da imagem. Os factos não são apenas descritos, são mostrados, para que sejam vistos e ouvidos e a imagem substitui muitas vezes a palavra (Costa, 2011).

Nuno Brandão defende que “a televisão é uma das principais fontes para a construção da realidade social que permite a modificação das representações do mundo, funcionando como espelho da nossa existência quotidiana” (Brandão, 2010, p. 153), papel, aliás, corroborado por Leal Filho:

“Há melhor imagem sobre a história da TV em nossas casas? Aquela caixinha de diversões e informações que, no começo, ainda dividia seu espaço com conversas, livros, cinema, revistas e jornais, tomou conta de tudo. E não apenas da casa. Ela penetra hoje em dia todos os poros e frestas da sociedade. Dita hábitos, muda comportamentos, impõe padrões de linguagem, faz e desfaz na política” (Leal Filho, 2006, p. 23).

1.1. JORNALISMO TELEVISIVO EM PORTUGAL

Em Portugal, a principal fonte de notícias continua a ser a televisão, utilizada por mais de 55% dos portugueses. Dos portugueses que usam a televisão como principal fonte de informação, cerca de 65% tem 45 anos ou mais (Cardoso, Paisana, & Pinto-Martinho, 2018). Quase todos os portugueses assistem a programas na televisão pelo

menos uma semana e apenas 24,3% têm só 5 canais (RTP1, RTP2, SIC, TVI e Canal Parlamento); 75,6% têm, assim, mais de cinco canais disponíveis (OberCom, 2016).

Estes números indicam que a maioria da população portuguesa paga para ter mais canais. Essas pessoas têm gostos mais diversificados, como documentários, desenhos animados e filmes. Quanto às notícias, preferem conteúdos relacionados com economia, sociedade, saúde, educação, polícia, ciência e tecnologia (OberCom, 2016).

Os canais mais relevantes da televisão tradicional são a SIC, a TVI e a RTP (Cardoso, Paisana, & Pinto-Martinho, 2018). No entanto, “o canal especializado em informação atinge percentagens de utilização frequente mais que o canal generalista”, ou seja, a nível informativo, as pessoas preferem a SIC Notícias em vez de segmentos informativos da SIC generalista, por exemplo. Os papéis invertem-se na TVI, que foi utilizada com maior frequência por 27,6% dos inquiridos, face a 26,1% que utilizaram a TVI24” (Cardoso, Paisana, & Pinto-Martinho, 2018).

1.1.1. RTP, SIC e TVI

“A televisão pública deve definir-se como um influente e determinante fator na reprodução e renovação cultural” (Brandão, 2010, p. 152). Em Portugal, é o caso da RTP. Neste caso, ao caracterizar-se como estação de serviço público, pode não ter os conteúdos mais interessantes para a maioria das pessoas, mas têm de os dar porque são serviço público (Martins, 2012) .

E enquanto estação pública de televisão, a RTP tem o dever de contribuir com a diferença na informação diária, ou seja, oferecer produtos diferentes dos canais privados (Brandão, 2010). E deve ter como base a cidadania, com o objetivo de levar a democracia aos cidadãos, e a cultura, servindo de disseminadora de conteúdos linguísticos, espirituais e culturais, preservando a cultura portuguesa (Leal Filho, 2006). “O futuro do serviço público de televisão situa-se no desenvolvimento da sua própria personalidade e identidade e não quando oferece produtos similares aos canais privados” (Brandão, 2010, p. 152).

Do outro lado, estão as estações privadas, veiculadoras de entretenimento. A primeira em Portugal foi a SIC, inserida no grupo Impresa. Quando surgiu, em 1992, foi

pioneira de projetos no audiovisual e destacou-se com informação diária e moderna, demarcando-se do estilo tradicional da RTP (Sena, 2011). Tornou-se numa estação de classe média, de elite intelectual (Gomes, 2011).

A TVI foi a segunda estação de televisão privada, concorrente direta da SIC. No início, assumia-se como uma televisão com características distintas das estações comerciais, com vínculo à Igreja Católica (Sena, 2011). O ano 2000 marcou a história desta estação de televisão, porque foi nesse ano que surgiu o *website* TVI online.

O caráter mais sério e responsável da RTP, em comparação com as estações privadas, pode ser confirmado por um estudo realizado às aberturas dos telejornais das 3 estações. A investigação concluiu que todas davam importância ao mesmo tema: “acidentes e catástrofes”. Na RTP, correspondia a 20,88% do total de peças, na SIC a 20,33% e na TVI a 18,68%. No entanto, as segundas notícias mais frequentes na estação pública foram “Estado/ política internacional”, enquanto na SIC e na TVI foram “problemas sociais” (Brandão, 2010, p. 41). Isto significa que a estação pública dá prioridade ao Estado e à política internacional, enquanto as estações privadas preferem abordar com mais regularidade a problemas da sociedade.

O investigador do ISCTE, Adelino Gomes concluiu com a observação participante que realizou para a tese de doutoramento, entre 2006 e 2010, que a RTP se caracterizava pela estação com jornalistas menos escolarizados, mais velhos e com mais homens; a SIC como a mais escolarizada, a mais jovem e com o maior equilíbrio entre a relação homem-mulher; e a TVI como a mais feminina e com maior proximidade entre diferentes faixas etárias (Gomes, 2011).

1.1.2. GÉNEROS JORNALÍSTICOS

O jornalista tem de ser capaz de descobrir novas notícias exclusivas, encontrar um ângulo para a peça e recolher e verificar informações (Ekström & Lundell, 2011). Em televisão, acresce a comunicação jornalística que é bastante complexa. São necessárias técnicas atraentes e apelativas para os jornalistas serem ouvidos e entendidos pelo público (Oliveira, 2007).

O jornalista tem de assegurar os diretos, os vivos, a apresentação de um jornal ou a moderação de um debate. Para isso, recorre a técnicas e características como o timbre de voz, dicção, atitude, características físicas, expressão corporal e carisma, para cada um dos géneros jornalísticos (Jespers, 1998). Aliás, a imagem em televisão é tão importante que, no Brasil, a jornalista Michelle Sampaio, que trabalhou como pivô durante 16 anos na estação de televisão “Rede Vanguarda”, foi despedida depois de ter engordado na sequência de uma gravidez. Certo ou errado, aconteceu. Foi afastada da apresentação das notícias e passou a fazer reportagens, mas mesmo assim negaram-lhe visibilidade (Pinto, 2019). A jornalista contou a história na rede social Instagram no final de março de 2019.

Em relação aos géneros jornalísticos, o mais curto e simples é o *off*. Neste caso, só o pivô que apresenta o noticiário é que tem a palavra: lê o que está escrito no alinhamento em direto. Não é preciso muita investigação ou trabalho de exterior, o objetivo é dar a notícia de forma resumida (Oliveira, 2007).

Ainda na mesma linha de pensamentos, há as peças com duração variável entre os 1’20’’ e os 1’50’’ com informação geralmente recolhida *numa saída em reportagem* (Oliveira, 2007).

Em relação a peças mais complexas, surge a Reportagem/ Grande Reportagem. Para Gradim (2000), “é o género jornalístico mais nobre, havendo até quem o considere sublime e literariamente privilegiado”. Este aborda questões atuais, polémicas e pertinentes. Por isso, a investigação e a produção são demoradas e as técnicas utilizadas pela equipa são sofisticadas (Oliveira, 2007). A história tem de ser contada entre 25 a 50 minutos, com o máximo de pormenores (Gradim, 2000).

A entrevista é outro género jornalístico, que implica o contacto com uma fonte durante a recolha de informação. Em televisão pode ser feita em direto, com um ou mais entrevistados, ou pode ser gravada em estúdio ou numa saída em reportagem para ser utilizada em peças e reportagens (Gradim, 2000). A entrevista em direto exige recursos complexos de realização e é preciso que o jornalista domine o tema e tenha dinâmica e ritmo que despertem a curiosidade e mantenham o interesse do espectador (Oliveira, 2007). Neste género jornalístico, há uma interação antes e depois das entrevistas entre

o jornalista e a fonte. Por exemplo, antes da entrevista, o jornalista explica o rumo da conversa ou o objetivo da entrevista, fazem-se testes de voz e de posição do entrevistado em frente à câmara. No fim da entrevista, muitas vezes tem-se uma conversa mais informal, com orientações, informações básicas e verificação de factos (Ekström & Lundell, 2011).

No caso de entrevistas a especialistas, há casos em que o jornalista fala previamente com o entrevistado sobre as questões para que as respostas possam ter mais pormenores úteis para a história (Ekström & Lundell, 2011).

Próximo da entrevista, há o debate. O jornalista coloca questões a convidados em estúdio, geralmente com opiniões distintas e modera as respostas de cada um (Oliveira, 2007). As perguntas são preparadas previamente pelo jornalista, depois de uma investigação intensiva (Ekström & Lundell, 2011).

Semelhante ao debate, há o espaço de opinião ou comentário, onde o autor convidado exprime os pontos de vista em relação a determinado assunto. Não transmite informações novas, como seria de esperar no jornalismo. O objetivo é esclarecer o público e até realçar aspetos que podem ter passado despercebidos (Gradim, 2000). Neste caso, o jornalista tem de fazer perguntas para que o comentário não se torna exaustivo e que o comentador mostre interesse no que está a dizer (Ekström & Lundell, 2011).

Os diretos são outro género jornalístico. Neste caso, os jornalistas tornam-se transmissores do que se passa no momento, como fazem todos os outros jornalistas, a diferença está em aparecerem na televisão como testemunhas dos eventos, no local do acontecimento. Aliás, tornam os telespectadores parte integrante do cenário e o objetivo é provocar-lhes uma sensação de presença (Martins, 2012). Este é um dos géneros mais desafiadores e complexos de todos. O jornalista tem de levar o espectador até ao local. Quer isto dizer que o espectador que estiver a assistir ao direto tem de se sentir como se estivesse no local. Neste caso, além do conteúdo, a linguagem corporal torna-se importante para prender o espectador (Oliveira, 2007): “Televisão e direto. Dois simples elementos que se podem transformar num sucesso profissional ou num fracasso descomunal” (p. 45).

Por fim, as notícias mais leves, os fait-divers, com temáticas diversificadas que relatam curiosidades do quotidiano, como o caso de roubos, coincidências ou casos épicos. O principal objetivo é distrair e desanuviar a audiência (Gradim, 2000).

1.1.3. NOTICIÁRIO E ALINHAMENTO DOS JORNAIS

Quando falamos em alinhar um noticiário, o espectador é visto como um consumidor que vai comprar determinado produto. Naturalmente, compra o que mais lhe agrada (Martins, 2012). Aliado a isso, os jornalistas têm uma grande responsabilidade social. Quanto trabalham em televisão, essa responsabilidade torna-se gigantesca e aumenta consoante a seleção dos acontecimentos que transformam em notícia (Brandão, 2010). André Antunes dizia em entrevista a Borges (2017) que os critérios de seleção dependem de muitos fatores: “depende da estratégia do jornal, do que é que a gente quer fazer do jornal naquele dia. Mas uma notícia pode valer por si e pode valer para abrir o jornal independente de ser uma notícia centrada em Lisboa, no Porto, em qualquer delegação em qualquer parte do país ou nas ilhas ou no mundo” (Antunes, 2017).

O alinhamento corresponde à ordem hierárquica pela qual as notícias são distribuídas ao longo dos noticiários. Esse alinhamento é formado consoante critérios editoriais, que têm em vista o público-alvo. Os editores escolhem como peça de abertura a informação mais forte, suscetível a captar a atenção do maior número de espectadores e indo ao encontro dos seus interesses (Costa, 2011). Tratam-se de “decisões cruciais de incluir ou excluir uma peça, por exemplo, são tomadas em questão de segundos e em interação contínua com os apresentadores, repórteres no exterior e, eventualmente, com membros da hierarquia ou com outras entidades, através de eventuais contactos telefónicos” (Gomes, 2011, p. 210).

Essa responsabilidade que os jornalistas têm em mãos é grande porque “quanto maior for o ênfase dado a determinadas categorias temáticas, nos seus telejornais, seja pela forma ou pela posição no alinhamento, maior será a importância que os cidadãos atribuem a esses temas como determinantes para o sentido que têm na sociedade” (Brandão, 2010, p. 143). Aliás, durante o processo de alinhar o jornal, os editores vão criando vários picos de interesse e muitas vezes a proximidade entre a notícia e a

audiência é um critério chave para essa definição (Costa, 2011), prova disso, é este caso em particular: “a TVI escolheu como peça de abertura uma reportagem sobre as longas filas na segurança social, provocadas pela entrega dos documentos sobre a prova de rendimentos. Um dos critérios da informação da TVI é a escolha de assuntos que de certa forma se posicionem mais próximos da população, com os quais a população sinta uma real familiaridade, que a afete de forma direta. Os outros canais, a SIC e a RTP, optaram ambos por abrir o jornal da hora do almoço com peças relacionadas com o défice do estado” (Costa, 2011, p. 35).

Por outro lado, o trabalho do jornalista “ignora hoje determinadas áreas da realidade social em detrimento de um crescente assédio mediático pelo insólito, pelo negativo e pela catástrofe, procurando a todo o custo, mesmo nas notícias referentes à política nacional, a lógica impiedosa da concorrência (Brandão, 2010, p. 151). Prova disso é que, entre 2015 e 2017, a percentagem de mulheres como protagonistas é superior à dos homens em apenas 3 categorias: familiares, figuras públicas/celebridades e saúde (Lusa, 2019).

Por exemplo, Antunes (2017) diz que o Primeiro Jornal da SIC é “um bocadinho mais de proximidade” quando comparado com o Jornal da Noite do mesmo canal. Isto porque “o público da hora de almoço está mais disposto a ver este tipo de história” e acrescenta que à noite o público é diferente: “estamos a falar de outro tipo de classes sociais, de pessoas com outro tipo de estudos e as notícias são necessariamente diferentes” (Antunes, 2017, p. 46). Esta ideia era corroborada por (Reis, 2017), que defende, também em entrevista, que o Primeiro Jornal tem que ser um jornal onde as notícias mais locais tenham mais peso que no Jornal da Noite” porque “têm um ADN diferente” (Reis, 2017).

Brandão (2010) defende que é necessário que “se assuma uma atitude reflexiva sobre o progressivo aumento destas notícias no contexto dos noticiários televisivos e que se possa proporcionar o estabelecimento de um novo regime de prioridades noticiosas no alinhamento dos telejornais portugueses. Caso contrário, os referidos noticiários apenas estarão a incentivar leituras negativas da vida quotidiana” (Brandão, 2010, p. 166).

1.1.4. DESAFIOS DA TELEVISÃO NA ERA DIGITAL

“Television news will continue to reach millions of people for years to come via evening bulletins and 24-hour news channels. But to remain relevant and reach a younger audience, television news providers also have to embrace a whole new range of digital platforms and experiment with on-demand, distributed, and mobile video news” (Nielsen & Sambrook, 2016, pp. 5-6).

O jornalismo atual, principalmente aquele que se pratica em televisão, tem apostado menos no tratamento das notícias, ou seja, os acontecimentos que se transformam em notícias têm sido os mais sensacionalistas de modo a chegar a largas camadas do público. O mesmo público que nos intervalos dos jornais vai assistir à publicidade (Brandão, 2010). Por isso, os órgãos de comunicação social procuram ajustar as práticas ao que a audiência mais gosta (Humprecht & Esser, 2018).

Na era digital, as notícias tornaram-se onnipresentes e as pessoas acedem à informação em vários formatos, plataformas e dispositivos, o que significa que a lealdade a um determinado órgão de comunicação acabou (Purcell, Rainie, Mitchell, Rosenstiel, & Olmstead, 2010). “A explosão” da tecnologia originou transformações na informação, principalmente no que toca à rapidez e à democratização dos conteúdos (Rocha & Sousa, 2008).

As relações entre as pessoas e as notícias passaram a ser portáteis, personalizadas e participativas. Isto significa que se pode aceder às notícias facilmente nos telemóveis, a *homepage* pode ser alterada para incluir apenas as notícias que interessam e as notícias podem ser comentadas e partilhadas nas redes sociais (Purcell, Rainie, Mitchell, Rosenstiel, & Olmstead, 2010). As redes sociais contribuem para a disseminação e partilha de informação e para a interatividade com os leitores, contudo, o jornalismo precisa de perceber a melhor forma de aproveitar estas potencialidades sem pôr em causa a informação, já que os utilizadores participam nesse processo de partilha (Bonix, 2011).

Por outro lado, há séries e filme novos todos os dias que podem ser consumidos em vários locais e a qualquer hora. Os consumidores querem o melhor conteúdo pelo melhor preço. Este serviço de *Streaming* tem assustado os canais tradicionais, que são

desafiados a novos conteúdos, novos formatos de negócio e novas ofertas (Salvador, 2019). “A escolha não é «em que aparelho vou ver o programa», mas se vou preferir ver uma série sozinho em frente ao meu computador, ou se prefiro partilhá-la com a minha família (os meus «próximos») num televisor, ou, ainda, se prefiro vê-la ao mesmo tempo que comunico com os que estão distantes” (Jost, 2015, p. 12).

A utilização das redes sociais na distribuição de notícias aumenta o número de leitores nos *websites* e leva a uma maior fidelização. Por isso, os vários media são obrigados a arranjar formas de chamar a atenção dos consumidores (Canavilhas, 2010). Nos *websites* é possível dar mais informação sobre o determinado tema, porque há espaço para isso, quando comparado com um telejornal, no entanto, os websites seguem os mesmos assuntos que os canais de televisão, para conseguir maior audiência e maior número de partilhas (Jost, 2015).

Como resultado da democratização de informação, a audiência de alguns telejornais foi diminuindo ao longo dos anos. É o caso do ITV Evening News, no Reino Unido, que atraiu cerca de 3,4 milhões de telespectadores em 2010 e caiu para cerca de 2,5 milhões no final de 2015, e até de programas na Alemanha (RTL Aktuell) e em França (TF1 20) (Nielsen & Sambrook, 2016). Da mesma forma que 92% dos americanos obtêm notícias através de múltiplas plataformas, como a televisão nacional e local, a internet, jornais e rádio. A Internet ultrapassou os jornais e a rádio como plataforma preferida para consumo de notícias e está, por isso, logo atrás da televisão (Purcell, Rainie, Mitchell, Rosenstiel, & Olmstead, 2010).

Em 2018, os órgãos de comunicação social da Alemanha eram os que mais usavam gráficos de informação (grafismos) e mapas com informações geográficas. Estas ferramentas digitais servem para apresentar e explicar a informação a fundo e elevam a qualidade do jornalismo porque constituem desafios aos outros meios de comunicação. O país que menos utilizava estas ferramentas era Itália (Humprecht & Esser, 2018). Em contrapartida, as notícias dos órgãos de comunicação social da Alemanha raramente tinham hiperligações, que aumentam a transparência do jornal com os leitores – modelo de transparência, uma vez que remetem para as notícias com mais informações e na qual se basearam. Esses links apareciam com mais frequência em notícias britânicas e dos Estados Unidos da América (Humprecht & Esser, 2018). Este

estudo foi feito a 48 websites de notícias de 6 países: França, Itália, Alemanha, Suíça, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

“Há alguns anos, o tema sobre o fim da televisão espalhou-se como fogo. A multiplicação de ecrãs, a explosão da oferta de canais, os novos suportes (telefone, tablets, etc.) iriam colocar um fim à televisão ou, pelo menos, à televisão como a conhecíamos nas últimas décadas: uma instituição com programas e conteúdos capaz de reunir o máximo de pessoas possível em torno de um único ecrã” (Jost, 2015, p. 9).

Os jornalistas nunca mais voltaram a fazer o mesmo trabalho de campo (Pavlik, 2000). Em Portugal, chegaram novos equipamentos às redações e os jornalistas passaram a ter cursos no Cenjor (Canavilhas, 2009). Aliás, “o Cenjor (Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas) é a instituição de formação ou ensino a que os jornalistas portugueses mais recorreram para complementar os seus estudos” (OberCom, 2017, p. 11).

“O ambiente foi sendo cada vez mais tecnológico e os jornalistas multiplicaram tarefas, muitas delas técnicas” (Garcia, Marmeleira, & Matos, 2014, p. 10). Além disso, as novas funções exigem constantes mudanças e desafios e por isso, há a necessidade de ter jornalistas com competências intelectuais, mais até do que competências práticas. Para Fourier (2005), só assim se assegura o futuro do jornalismo.

As entrevistas passaram a poder ser feitas via telefone ou *e-mail* e a poder consultar a internet, comunicados e bases de dados a qualquer hora e em qualquer lugar (Westlund, 2013). É o caso das campanhas políticas, por exemplo, em que os resultados são publicados *online* em tempo real (Pavlik, 2000).

A relação dos portugueses com dispositivos móveis e com informação está acima da média, em comparação com as populações inquiridas no âmbito do estudo RDNR2018. Em 2018, o Messenger do Facebook e o Whatsapp consolidaram a importância no que diz respeito à partilha de conteúdos informativos. O Facebook é ainda a rede social mais utilizada para esse fim, no entanto, com menos 2% que em 2017. Essa diminuição deve-se ao aumento de utilizadores nas redes sociais privadas (OberCom, 2016).

Em Portugal, a revista Visão lançou uma edição exclusiva para iPad em 2010. No entanto, quase todas as peças nesta versão eram uma cópia do que estava na revista em papel ou no website e os elementos multimédia eram quase ausentes. O utilizador não podia comentar ou partilhar as peças nas redes sociais, contactar com os jornalistas ou participar em fóruns de discussão. No total, em 8 082 peças analisadas havia apenas 5 infografias. Este órgão de comunicação não estava, de todo, a aproveitar as potencialidades deste ambiente digital (Silva, 2014, p. 133).

Por outro lado, em 2011, a maioria dos órgãos de comunicação portugueses queria disponibilizar todos os formatos – texto, áudio e vídeo – nas versões online, mas ainda não apostava na qualidade e rigor jornalístico, isto é, publicavam vídeos de redes sociais misturados com produtos jornalísticos, reportagens sem ficha técnica, vídeos noutra língua sem legendagem. Isto acontecia devido à pressão da concorrência (Dias, 2011).

Este ambiente caracterizado pela convergência de funções no jornalismo pede uma nova abordagem nos estudos do jornalismo (Fourie, 2005), até porque os meios de comunicação são cada vez mais competitivos e têm de procurar e explorar novos caminhos (Westlund, 2013). Principalmente a televisão, se não quiser perder a liderança.

CAPÍTULO II: JORNALISTAS - O PRESENTE E O FUTURO

2.1. QUEM SÃO OS JORNALISTAS PORTUGUESES?

A primeira análise sociológica aos jornalistas portugueses foi feita em 1987 por José Manuel Paquete de Oliveira. Três anos mais tarde, com a colaboração de José Luís Garcia, é feito o primeiro inquérito nacional aos jornalistas. O objetivo foi criar um retrato tendo em conta a ausência de dados sobre estes profissionais e a crise económico-financeira deste setor (Crespo, Azevedo, & Cardoso, 2017). Inicialmente, o jornalista tinha apenas a função de informar e manter a informação atualizada de forma simples (Zelizer, 2005).

“A inclusão do público no processo produtivo; a disseminação dos canais de produção, de emissão e de receção; os novos hábitos de consumo de notícias; o primado absoluto da visualização; a atualização permanente; a instantaneidade; a possibilidade de acesso direto aos factos sem a necessidade de uma mediação jornalística. Todos estes elementos de diferença vieram redesenhar o jornalismo” (Coelho, 2013, p. 187).

Nos dias de hoje, informar é uma das tarefas mais exigentes. O jornalista tem de ter a humildade de se apagar em relação ao acontecimento que está a relatar e a inteligência e perspicácia para que o trabalho final resulte (Gradim, 2000).

Os jornalistas têm de obter as informações o mais rapidamente possível para o órgão de comunicação onde trabalham ser o primeiro a dar a notícia, têm de verificar a informação que estão a dar e têm de ouvir diferentes pontos de vista (Willnat, Weaver, & Wilhoit, 2019). Um estudo feito a cidadãos e jornalistas americanos mostrou que têm pontos de vista diferentes sobre o papel dos *media*. Enquanto os jornalistas acham que discutir política nacional e internacional e interpretá-la são as funções “extremamente importantes”, ou seja, as mais importantes no jornalismo, o público prefere que as informações ao público sejam dadas rapidamente”, que os jornalistas evitem informações “não verificadas” e que deixem as fontes “expressar opinião” (Willnat, Weaver, & Wilhoit, 2019).

Num traço geral, e recorrendo a dados de 2017, a maioria dos jornalistas tem entre 35 e 44 anos (38%), licenciatura pré-Bolonha (43,3%) e é solteira (37,9%). Nesse ano estavam registados 6114 jornalistas (Crespo, Azevedo, & Cardoso, 2017). No ano anterior, 33,4% dos jornalistas portugueses não tinham contrato fixo (Sindicato dos Jornalistas, 2017). Só na área metropolitana de Lisboa trabalhavam quase dois terços dos jornalistas portugueses (Crespo, Azevedo, & Cardoso, 2017).

Em 2016, mais de metade dos jornalistas recebia menos de mil euros líquidos por mês. Nesse ano, 11,6% dos jornalistas recebiam menos de 500 euros e a maioria desses 11,6% (7%) não chegava a receber 300 euros (Sindicato dos Jornalistas, 2017). O mesmo estudo concluiu que a carga de trabalho da maioria dos jornalistas em Portugal era de 35 a 40 horas semanais; no entanto, 13,8% trabalhavam de 51 a 60 horas e 9% trabalhavam mais de 60 horas por semana. Dos jornalistas que trabalham horas extraordinárias, 63,4% não tinham compensação por isso (Sindicato dos Jornalistas, 2017).

Por outro lado, a maioria dos jornalistas já ponderou o abandono da profissão. Em causa está o baixo rendimento, a degradação da profissão, a precariedade contratual e a ansiedade (OberCom, 2017). Aliás, na última década, registou-se uma quebra no número de jornalistas com carteira profissional (Crespo, Azevedo, & Cardoso, 2017).

Aliás, o problema é geral. Um estudo feito a universidades com cursos superiores de jornalismo mostrou que encontrar trabalho para todos os licenciados nesta área ia ser um problema num futuro (Gardeström, 2017). Prova disso é que em 2016, os mais jovens, com menos de 24 anos, representavam apenas 6,6% dos jornalistas (Crespo, Azevedo, & Cardoso, 2017).

2.2. TRABALHAR EM TELEVISÃO

No fim do século passado, trabalhavam aproximadamente 200 jornalistas nas redações dos grandes canais franceses e britânicos. A realização de uma edição de um jornal envolvia cerca de 65 pessoas em cada turno, incluindo jornalistas, coordenadores,

pivôs, realizadores, repórteres de imagem, editores de imagem, sonoplastas, entre outros (Jespers, 1998, p. 49).

Por outro lado, as mulheres mostram mais interesse em trabalhar em televisão, enquanto os homens preferem trabalhar em imprensa. Por outro lado, as mulheres preferem fazer peças relacionadas com cultura e viagens, enquanto a escolha dos homens vai para notícias complexas de economia e política (Jackson, Thorsen, & Reardon, 2019).

O jornalista que trabalha em televisão tem de exercer uma grande variedade de funções. Entre elas, uma investigação prévia, pesquisa em arquivo, preparar e fazer entrevistas, moderar debates, reportagens em direto e emissões especiais (Jespers, 1998). Assim que sabe que tem de fazer uma determinada peça, o jornalista começa a recolher informações e a preparar as entrevistas (Gradim, 2000). Tem ainda de encontrar fontes, combinar e fazer as entrevistas e eventuais vivos, escrever a peça, sonorizar e supervisionar a montagem (Jespers, 1998). Para tudo isto resultar, o trabalho é feito em equipa.

Por outro lado, os jornalistas têm de ter redobrada atenção à informação das peças, uma vez que trabalham numa das principais fontes de construção social da realidade: a televisão (Brandão, 2010, p. 133).

2.3. COMPETÊNCIAS

2.3.1. DEFINIÇÃO DE COMPETÊNCIAS

O conceito de “*competency*” tem uma estreita ligação com o de “*skill*”. Vários especialistas têm tido dificuldade em separar os dois conceitos (Finegold & Notabartolo, 2010). Por exemplo, os jornalistas de um órgão de comunicação social *online* na Estónia não distinguem os conceitos e como não definem “*skill*” específicas para jornalistas de online. Por isso, “realçaram que as habilidades jornalísticas eram universais,

independentemente da plataforma para a qual estavam a produzir conteúdo”¹ (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018, p. 6).

No entanto, “*skill*” pode ser definida como o que o jornalista precisa de saber para ser eficaz no desempenho da tarefa, enquanto “*competency*” é a forma como realiza a tarefa (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018). Segundo a OCDE, “*competency*” é mais do que uma “*skill*”, envolve capacidades para realizar tarefas complexas e específicas e a forma como as desempenham (Finegold & Notabartolo, 2010).

As habilidades básicas e fundamentais são normalmente descritas como a capacidade de ler, escrever, raciocinar e comunicar de forma eficaz (Finegold & Notabartolo, 2010).

Um estudo feito às competências dos jornalistas de *online* levou a que fosse formado em 2018 um modelo que juntasse “*skill*” e “*competency*”, a partir de moldes apresentados por dois autores: as competências apresentadas por Micó, em 2006, complementadas com as habilidades apresentadas por Carpenter, em 2009 (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018). O modelo apresentado foi este:

Tabela 1 - Modelo de competências apresentado por Himma-Kadakas e Palmiste baseado em Micó e Carpenter

Multicompetências (Micó)	Capacidade de convergência (produzir conteúdos para diferentes meios)	Capacidade de executar a maioria das tarefas	Conhecimento por várias áreas (capacidade de fazer notícias sobre assuntos diferentes)
Habilidades e conhecimento (Carpenter)	Capacidade de síntese	Liderança	Envolvimento na comunidade
	Escrita multiplataforma	Pesquisa	Vontade de abordar problemas sociais
	Trabalho em equipa	Programação de computadores	Áreas de conhecimento

¹ Tradução livre

			especializadas fora do jornalismo
	Programas na internet	Publicar e gerir conteúdos na internet	
	Edição de imagem	Webdesign	
	Podcasting	Edição de áudio e vídeo	
	Blogger	Captação de vídeo	
	Redes sociais	Fotografar	
Competências e conhecimentos necessários em todas as áreas (Carpenter)	Vontade de aprender		
	Independência		
	Criatividade		
	Pensamento crítico		
	Capacidade de resolução de problemas		
	Capacidade de trabalhar sob pressão		
	Saber fazer perguntas		
	Boa comunicação Vários idiomas		

Devido à dificuldade em definir o conceito, “existem poucos estudos que avaliam diretamente os efeitos das competências nos resultados das empresas”² (Finegold & Notabartolo, 2010, p. 1). Por isso, consideramos que essa estreita ligação entre os dois conceitos não justifica a distinção e referimo-nos a “*competency*” e a “*skills*” como um só: a capacidade de o desempenho eficaz de determinada tarefa, “um *kit* de

² Tradução livre

ferramentas, uma pré-condição para um jornalista produzir conteúdo”³ (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018, p. 13).

O estudo de David Finegold e Alexis Spencer Notabartolo às competências do século XXI agrupou 15 competências em 5 categorias: Habilidades analíticas, Habilidades interpessoais; Capacidade de execução, Processamento de informações; e Capacidade de mudança e aprendizagem (Finegold & Notabartolo, 2010).

Tabela 2 - Modelo de Competências apresentado por David Finegold e Alexis Spencer Notabartolo

Habilidades analíticas (Analytic skills)	Habilidades Interpessoais (Interpersonal skills)	Capacidade de execução (Ability to execute)	Processamento de informações (Information processing)	Capacidade de mudança e aprendizagem (Capacity for change)
Espírito crítico	Comunicação	Iniciativa própria	Conhecimento da informação	Criatividade/ Inovação
Capacidade de resolução de problemas	Colaboração	Produtividade	Literacia Mediática	Aprendizagem
Tomada de decisões	Liderança e responsabilidade		Domínio das tecnologias	Flexibilidade
Pesquisa				

No que diz respeito às “habilidades analíticas”, a capacidade de resolução de problemas é a competência mais importante: “Envolve o processo de resolução de um problema baseado no planeamento passo-a-passo e no raciocínio”⁴ (Finegold & Notabartolo, 2010, p. 8). Esta competência tornou-se uma componente-chave para o trabalho que exige flexibilidade e inovação, tal como o jornalismo televisivo. Por outro lado, a comunicação (capacidade de interagir com os outros de forma eficaz) da

³ Tradução livre

⁴ Tradução livre

categoria “habilidades interpessoais” é também uma das características mais importantes (Finegold & Notabartolo, 2010).

Por outro lado, os investigadores Michaël Opgenhaffen, Leen d'Haenens e Maarten Corten, que fizeram o estudo a 597 jornalistas da Flandres, em 2013, dividiram as 57 competências em três categorias: atitudes e personalidades; recolha de notícias/informação; e produção de notícias. O objetivo era definir as competências básicas ao exercício da profissão e contribuir para a formação mais adequada na área. Em relação às atitudes e personalidade, referem-se ao facto de a pessoa ser estudiosa, crítica e se tem cultura geral. Neste campo, a cultura geral é superior ao conhecimento especializado, bem como a capacidade de trabalhar para várias plataformas – 9 em 10 jornalistas só produziam conteúdos para uma plataforma (Opgenhaffen, d'Haenens, & Corten, 2013). O conhecimento do inglês e a capacidade de síntese de grandes quantidades de informação foram as características mais importantes salientadas pelos jornalistas. Além disso, os jornalistas dão mais importância às atitudes e personalidade do que à produção de notícias (Opgenhaffen, d'Haenens, & Corten, 2013).

2.3.2. COMPETÊNCIAS PEDIDAS AO JOVEM JORNALISTA

O paradigma da informação e comunicação sofreu transformações nos últimos anos. Em causa estava a necessidade de uma sociedade em rede devido à migração para o digital. As novas tecnologias da informação alteraram, consequentemente, a forma como a audiência recebe a informação e o trabalho de quem a produz (Moreno & Cardoso, 2017).

“Os órgãos de comunicação passaram a ser apenas mais um nó na rede global de nós de produtores de informação” (Moreno & Cardoso, 2017, p. 12). Isto significa que os cidadãos passaram a ter muitas fontes de informação disponíveis.

Aos recém-formados que chegam agora às redações é-lhes exigido uma participação contínua e flexibilidade de horário (Garcia, Marmeleira, & Matos, 2014). Por outro lado, é-lhes pedido que dominem ferramentas técnicas para conseguirem desempenhar funções diferentes, como editar áudio ou vídeo, construir uma infografia ou construir uma galeria de fotos.

Em televisão é habitual o jornalista escrever, sonorizar e editar e peça sozinho (Pacheco, 2014). Segundo Gradim, no início do século, o jornalista tinha de realizar estas tarefas em 15 ou 20 minutos, devido ao ritmo das redações de televisão (Gradim, 2000).

Além disso, nos fins-de-semana os horários do turno são superiores aos horários durante a semana, uma vez que há menos jornalistas na redação. Isto significa que os jornalistas têm de ser capazes de fazer turnos de mais horas e fazer mais peças (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018).

Um estudo realizado a uma redação de um jornal *online* na Estónia mostrou que os editores do jornal consideram que os jornalistas devem conseguir produzir conteúdos para múltiplas plataformas, neste caso, jornal e *online*, contudo, consideram que é uma competência que todos os jornalistas devem ter e não apenas o de *online* (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018). Para esses jornalistas, saber tirar fotos e gravar é uma das competências fundamentais que um jornalista deve ter, tal como falar vários idiomas, um vasto conhecimento de temas e especializações em áreas fora da área do jornalismo. Apesar de todas essas características, “a competência mais importante foi a rapidez”⁵ (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018, p. 6).

Por outro lado, mesmo versátil, um jornalista não produz material (seja ele vídeo, fotografia ou texto) tão bom como quando é desenvolvido por profissionais especializados. Num estudo realizado a jornalistas de três agências de notícias, 95% dos jornalistas da agência EFE, 89% dos jornalistas da Europa Press (EP) e 70% da Agência Catalana de Notícias (ACN) defenderam que as fotografias que um fotógrafo tira são melhores do que as que o jornalista tira; 100% da EFE, 89% da EP e 74% da ACN acham que os vídeos filmados por um jornalista têm qualidade inferior à de um repórter de imagem (Micó-Sanz & Sánchez-Marín, 2014). No entanto, há contradições no jornalismo contemporâneo. Apesar de os editores e coordenadores dos órgãos de comunicação procurarem jornalistas especializados, fotógrafos e editores, esses jornalistas acabam por muitas vezes não usar essas competências específicas como deviam usar, devido à

⁵ Tradução livre

falta de recursos humanos das redações. Como resultado disso, têm muitas tarefas para fazer e pouco tempo para as ter prontas (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018).

Como prova, no estudo realizado ao órgão de comunicação da Estónia concluiu que os editores esperavam que os jornalistas conseguissem fazer peças com agilidade e sem dificuldade sobre diferentes temas, no entanto, na prática isso não acontecia. Muitos jornalistas copiavam comunicados de imprensa ou os textos anteriores sobre o tema em questão (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018).

Por outro lado, o texto de um jornal televisivo de 30 minutos conta entre 4 500 a 6 000 palavras. Um jornal diário impresso, de 56 páginas, tem espaço para mais de 250 000 palavras (Jespers, 1998). Isto significa que o jornalista de televisão tem de conseguir passar a informação relevante no menor número de palavras possível. Para isso tem de ter grande capacidade de síntese e resiliência (Oliveira, 2007).

2.4. CRISE NO JORNALISMO E “EMAGRECIMENTO DOS QUADROS”

“A crise que abala a maioria dos órgãos de informação em Portugal pode parecer aos mais desprevenidos uma mera questão laboral ou mesmo empresarial. Trata-se, contudo, de um problema mais largo e mais profundo, e que, ao afetar um sector estratégico, se reflete de forma negativa e preocupante na organização da sociedade democrática.” (TSF, 2012).

A indústria dos órgãos de comunicação social em Portugal tem sido afetada de forma negativa pela crise económica do país, pela diminuição da publicidade e pela quebra de audiências (Bastos, 2014). Entre 2008 e 2011, o mercado publicitário perdeu quase 200 milhões de euros, o que corresponde a uma quebra de cerca de 26% (Pacheco & Freitas, 2014).

Como consequência da crise, começou a haver um desgaste das condições de trabalho e um desequilíbrio entre a procura e a oferta (Bastos, 2014) e houve uma diminuição de apostas em projetos e em recursos humanos (Casero-Ripollés, Izquierdo-Castillo, & Doménech-Fabregat, 2016). Quer isto dizer que muitas empresas despediram jornalistas nos últimos anos. Só no grupo Impresa, entre 2008 e 2011, saíram 452

jornalistas (Pacheco & Freitas, 2014). Mas esta situação já se arrasta há alguns anos. Entre 2000 e 2005, cerca de 350 jornalistas portugueses tinham rescindido contratos (Bastos, 2014). Em 2006 havia 8 948 jornalistas, número que baixou para 6 705 em 2011/2012 (Manuel, 2014).

Esta situação levou um grupo de jornalistas a escrever uma carta aberta sobre os despedimentos coletivos, a precariedade profissional e o desinvestimento nas redações, em 2012:

“O jornalismo não se resume à produção de notícias e muito menos à reprodução de informações que chegam à redação. Assenta na verificação e na validação da informação, na atribuição de relevância às fontes e acontecimentos, na fiscalização dos diferentes poderes e na oferta de uma pluralidade de olhares e de pontos de vista que deem aos cidadãos um conhecimento informado do que é do interesse público, estimulem o debate e o confronto de ideias e permitam a multiplicidade de escolhas que caracteriza as democracias. O exercício destas funções centrais exige competências, recursos, tempo e condições de independência e de autonomia dos jornalistas” (TSF, 2012).

A qualidade do conteúdo jornalístico está dependente dos recursos humanos disponíveis para trabalhar a informação, ou seja, dos jornalistas (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018). Essa opinião era partilhada pelos jornalistas que escreveram a carta aberta. Os profissionais defendiam que esta situação ia refletir-se em perda de rigor, qualidade e fiabilidade e que se tornaria numa desinformação da sociedade e enfraquecimento da democracia (TSF, 2012). Ainda na mesma linha de pensamento, Diana Andringa, uma das jornalistas que assinaram a carta, disse numa entrevista à TSF que a democracia não existe sem o jornalismo e sublinhou que esta profissão “é mais indispensável do que nunca”, numa altura em que “é preciso que os cidadãos estejam profundamente bem informados” (Andringa, 2012).

A este fenómeno, vários especialistas e académicos têm chamado “proletarização” do jornalismo: os jornalistas mais velhos são substituídos por jornalistas mais novos, com menos experiência, vínculos precários e carga laboral

pesada (Bastos, 2014). No entanto, nem sempre os jornalistas mais velhos são os mais produtivos: “alguns jornalistas não conseguem manter a competência até ao fim da carreira”⁶ (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018, p. 9).

⁶ Tradução livre

CAPÍTULO III: ENSINO SUPERIOR DO JORNALISMO

“O jornalismo tem uma grande vantagem em relação às outras ciências sociais e humanas, uma vez que pode proporcionar oportunidades inigualáveis ao aluno de aprendizagem de habilidades com uma estreita ligação com a teoria”⁷ (de Burgh, 2003, p. 115).

3.1. ENSINO SUPERIOR EM JORNALISMO EM PORTUGAL

Até meados do século XIX, Portugal não tinha jornalistas profissionais. As pessoas que se dedicavam ao jornalismo tinham ambições políticas e colaboravam com os jornais para progredirem na política (Sousa, 2009). A questão do ensino do jornalismo era secundária e os defensores da necessidade de um curso superior eram raros (Sobreira, 2003). Aliás, no século passado, o jornalismo era visto como um talento, uma aptidão que só alguns tinham o privilégio de ter (Gardeström, 2017).

Em comparação com outros países, o ensino superior em jornalismo foi tardio. Os primeiros a lançar a pedra foram os Estados Unidos, no final do século XIX. E de seguida a Finlândia e o Canadá. A forma como cada curso surgia dependia do sistema educacional de cada país (Gardeström, 2017).

A formação em jornalismo só começou a ser falada em vários encontros internacionais no final do século. Foi exemplo disso o Congresso Internacional da Imprensa, em Lisboa, em 1898 (Ferenczi, 1996). A partir dessa altura, os meios de comunicação social quiseram recrutar jornalistas que se dedicassem a tempo inteiro ao jornalismo, com critérios profissionais rigorosos e que não se limitassem a ser “políticos de jornal” (Sousa, 2009).

A intenção de criar uma Escola Superior de Jornalismo em Portugal surgiu em 1926, pelo Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa. No entanto, a ideia foi condenada pelo diretor do Comércio do Porto da altura, Bento Carqueja (Correia, 1997). Em 1941, o Sindicato Nacional de Jornalistas, representado pelo presidente Luís Teixeira, propôs

⁷ Tradução livre

ao subsecretário de Estado da Educação o projeto de um curso de formação jornalística, justificado pela necessidade de “promover, de maneira decisiva, a valorização profissional dos jornalistas” (Correia, 1997; Pinto, 2004, pp. 50-51). O curso, destinado a 30 alunos e que funcionaria na sede do sindicato, teria a duração de 2 anos e seria complementado com conferências e palestras dadas por profissionais da área e visitas a redações (Sobreira, 2003). Mas o projeto não foi em frente. Na altura, havia ainda uma falta de convicção dos jornalistas em relação ao ensino na profissão (Sobreira, 2003).

Até aqui, os projetos para o ensino superior em jornalismo não passavam de intenções. Ao Estado Novo, o regime político instaurado em Portugal, não interessava formar jornalistas. Os profissionais eram vistos por António Salazar como uma oposição do regime (Sobreira, 2003).

A reviravolta aconteceu a na década de 1970, quando o ensino superior começou a ser visto como uma forma de entrada na profissão e a ideia de a vocação não chegar para responder às exigências do trabalho acentuou-se (Sobreira, 2003). Abolida a censura, “o regresso ao país de alguns intelectuais que se encontravam no estrangeiro foram importantes para as transformações que se começavam a operar e mais importantes ainda para permitir o advento do estudo do jornalismo no ensino superior” (Teixeira, 2012, p. 410).

Em 1979, nasceu a primeira licenciatura em Comunicação Social, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Pinto M., 2004). O nome do curso foi alterado para Ciências da Comunicação no ano letivo de 1993/1994 (Mesquita & Ponte, 1997). No ano seguinte, surgiu a licenciatura no Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (Teixeira, 2012). Os primeiros alunos com o diploma por estas instituições chegaram às redações em meados da década de 1980, numa altura em que se viviam privatizações, desregulamentação e introdução de novas tecnologias nos media (Mesquita & Ponte, 1997).

Mas a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa não foi apenas a pioneira em licenciaturas na área. Foi também a primeira em lançar programas de investigação mais avançados, como o CECL, Centro de Estudos de

Comunicação e Linguagens que edita a Revista de Comunicação e Linguagens desde 1985 (Coelho, 2013).

Em 1983, a Universidade do Minho inicia a especialização em Comunicação Social na licenciatura em Ciências Sociais (Teixeira, 2012). Em 1984, surgiu o primeiro mestrado na área, na Universidade Nova de Lisboa, com especialização em Estudo dos Media e Jornalismo (Pinto, 2004). Até 1993, teve a designação de Comunicação Social e depois disso Ciências da Comunicação (Teixeira, 2012).

Contudo, a década de 1980 ficou marcada pelo início de cursos profissionais de jornalismo como o Centro de Formação de Jornalistas (CFJ), em 1983, no Porto, e o Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas – Cenjor, em 1986, em Lisboa (Teixeira, 2012; Mesquita & Ponte, 1997). Para Pinto (2004), os cursos profissionais surgiram como sinal de que os universitários saídos da faculdade não conseguiam responder às necessidades que a profissão exigia.

Ao mesmo tempo, os cursos nas universidades não paravam de surgir. Em 1989, a Universidade da Beira Interior criou a licenciatura em Comunicação Social, com a duração de cinco anos (Canavilhas, 2009). Neste ano, o Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração, em Aveiro, lançou o bacharelado em Jornalismo e a Universidade Autónoma de Lisboa a licenciatura em Ciências da Comunicação, a primeira numa faculdade privada (Teixeira, 2012).

Se a década de oitenta se caracteriza pela criação de cursos nas faculdades públicas e centros de formação profissional, a década seguinte ficou marcada pelo surgimento de cursos do ensino politécnico (Teixeira, 2012). No entanto, as opiniões em relação à formação de jornalistas ainda se dividiam, principalmente porque a maioria dos cursos apresentava uma formação genérica em comunicação. Nesta altura, já se notava diferença entre o ensino praticado nas universidades e nos institutos politécnicos. Enquanto as universidades eram mais teóricas, os politécnicos focaram-se na vertente prática (Graça, 2007).

Por outro lado, o Tratado de Bolonha originou transformações na educação superior. As distinções entre o ensino universitário e politécnico deixaram de existir e as

licenciaturas passaram a chamar-se cursos de 1º ciclo, com a duração de três anos, menos dois anos do que o habitual (Graça, 2007). A redução do tempo nas licenciaturas fez com que muitos estudantes optassem pela continuação dos estudos superiores, para o segundo ciclo, o mestrado, para que se sentissem preparados e habilitados para o mercado de trabalho (Teixeira, 2012).

As vagas para os cursos nas faculdades públicas eram todas preenchidas e as médias eram elevadas (Pinto, 2004). Em 2010, existiam 32 cursos na área: 17 no ensino público e 15 no privado. As faculdades públicas tinham disponibilizado 491 vagas na universidade e 390 no politécnico (Teixeira, 2012).

No entanto, as designações dos cursos nesta área vão desde Jornalismo, às Ciências da Comunicação, Comunicação Social e outras variantes. “Os planos curriculares mostram que, apesar de algumas reestruturações, ainda existe muita confusão no reino do ensino do jornalismo. Ou será melhor dizer Comunicação? Comunicação Social? Ciências da Comunicação?” (Teixeira, 2012, p. 417). Para o autor, com duas ou três disciplinas específicas de jornalista é difícil dar uma formação adequada e eficaz (Teixeira, 2012). As Ciências da Comunicação são a matriz dominante da área: 18 dos 27 cursos da área identificados por Pedro Coelho, numa investigação à formação académica do jornalismo em Portugal, são de Ciências da Comunicação (Coelho, 2013).

Seja qual for o nome, os cursos da área de jornalismo têm várias cadeiras da área das ciências sociais, ou seja, “gerais”, “a disciplina tradicional”, como o caso de “história” no curso de história. Os cursos na área do jornalismo incluem, por exemplo, sociologia, que ajuda os alunos a entender a importância da profissão para a sociedade, ou política para perceberem o relevo da formação de opinião (de Burgh, 2003). No entanto Carla Baptista, professora da NOVA FCSH reconheceu, em entrevista a Coelho (2013) que o programa das unidades curriculares depende do perfil profissional dos docentes que a lecionam e apelou a diálogo entre os professores para passar a haver complementaridade entre os conteúdos lecionados, em vez de repetições. Aliás, houve alunos a corroborar esta ideia: falaram em “cadeiras soltas”, em que não conseguiam

fazer a articulação entre as cadeiras teóricas e as cadeiras práticas, e na dificuldade de os professores enquadrarem as matérias em contemporâneos (Coelho, 2013).

3.2. QUAL É O CAMINHO CERTO PARA A FORMAÇÃO DE JORNALISTAS?

A dúvida entre a teoria e a prática é um tema recorrente quando se fala em formação no jornalismo (Pinto, 2004). “O debate em torno do modelo mais adequado para o ensino do jornalismo tem sido um ato falhado. Se o avaliarmos do ponto de vista dos resultados: de facto, não há consenso sobre o currículo ideal” (Marinho, 2007, p. 1).

A relação entre o jornalismo e a academia sempre foi um ponto de desacordo entre vários investigadores. Não só em Portugal, como no mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, estas diferentes opiniões sobre o caminho certo do ensino do jornalismo originaram debates na viragem do século e ainda hoje suscitam dúvidas (Hermann, 2017). Aliás, percebe-se que houve sempre discordância em relação ao ensino superior do jornalismo, uma vez que primeira investigação sueca sobre este tema, em 1960, teve como objetivo resolver problemas nas universidades causados pelo sistema educativo (Gardeström, 2017).

Na *Columbia University* houve um caso curioso. O Presidente da universidade adiou a seleção de um novo reitor, com o objetivo de “clarificar o que deve ser a visão de uma escola de jornalismo moderna, na era da informação em constante evolução que vivemos”. Para Lee Bollinger, ensinar o ofício era insuficiente no contexto de uma grande universidade. Por isso, criou um grupo de trabalho para debater o rumo da *Graduate School of Journalism* com alunos, professores e investigadores e um *webforum*, “Zoned for Debate”. O debate acabou mesmo por chegar a órgãos de comunicação como o *New York Times* ou o *Wall Street Journal* (Marinho, 2007).

Por outro lado, “é comum a discussão sobre o ensino em jornalismo desenrolar-se em torno das dicotomias teoria/prática ou ensino académico/ensino orientado para o exercício de competências ou ainda a questão de saber se o jornalismo deverá ser entendido enquanto campo de estudo, investigação e ensino autónomo ou como uma parte da área científica das ciências da comunicação” (Marinho, 2007, p. 5)

A educação em jornalismo é vista, por alguns teóricos, como base de conhecimento para futuros jornalistas (Josephi, 2009). Querem dizer que sem uma preparação ética, sociológica e cultural, adquirida no ensino superior, o jornalista não está preparado para exercer a profissão (Correia, 1997).

Para Fidalgo (2001), apesar de a prática ser essencial, os alunos precisam da preparação teórica do curso. O mesmo defende Hugo de Burgh, que afirma que as disciplinas mais gerais, como política, direito e sociologia, “contribuem para formar cidadãos conscientes e capazes de contribuir para a vida intelectual e cultural da sociedade”⁸ (de Burgh, 2003, p. 98).

Coelho (2013, p. 125), defende que “o futuro do jornalismo parece depender, cada vez mais, do investimento da universidade e de todos os agentes que promovem e legitimam a aquisição do saber”. Esta ideia era também defendida por Cebrián, que dizia que há técnicas essenciais que um jornalista tem de conhecer no momento de exercer a profissão e que se adquirem na faculdade (Cebrián, 2014).

Aliás, há mesmo teóricos que defendem que se os professores de jornalismo incluírem nos planos curriculares disciplinas que desenvolvam as competências intelectuais dos alunos, como o raciocínio e a contextualização, em vez de apostarem nas competências práticas, a qualidade do jornalismo vai elevar-se (Fourie, 2005).

Do outro lado da barricada estão os defensores da prática, que defendem que o talento jornalístico só pode ser adquirido através da prática e da experiência (Correia, 1997). Para Pinto (2004), onde se aprende verdadeiramente a praticar jornalismo é nos diferentes contextos das redações e das empresas jornalísticas.

Por isso, “a criação de pontes entre a universidade e o mercado impõe-se, assim, como um dos pilares em que deve assentar a reestruturação do campo jornalístico” (Coelho, 2013, p. 125). A relação entre a teoria e a prática pode ser uma das soluções para o ensino superior do jornalismo (Mensing, 2010), uma vez que os estudantes de jornalismo deve ser dado “uma caixa de ferramentas, em vez de “apenas conhecimento” (Hermann, 2017).

⁸ Tradução livre

Por exemplo, nos Estados Unidos, no primeiro curso superior de jornalismo, que surgiu em 1934, os alunos trabalhavam todos os dias na redação da própria faculdade, tinha cursos obrigatórios e aprendiam edição, produção e técnicas de reportagem. Os estudantes eram considerados pequenos jornalistas que viviam naquele ano num ambiente de redação (Tucher, 2011).

O investigador Pedro Coelho mostrou-se preocupado depois da investigação das licenciaturas à área do Jornalismo/ Ciências da Comunicação e apelou a uma reconstrução do jornalismo, através de pontes entre a academia e o mercado e na recuperação de valores. Para o autor, a academia devia estar atenta ao jornalismo do presente, à crise de sustentabilidade, das audiências, ao papel democrático do jornalismo ultrapassado pela notícia que vende e entretém. O mesmo estudo concluiu haver um fosso entre o mercado de trabalho e a académica, realçado pelos alunos através de uma “deficiente articulação entre a teoria e a prática”. Por outro lado, as características do corpo docente, com ligações precárias ao estabelecimento de ensino, não permitem que o jornalismo se transforme numa área de estudo com capacidade para reconstruir a profissão (Coelho, 2013, p. 524). Aliás, esta é já uma preocupação com mais de 20 anos no setor: segundo Correia (1997), neste ano, o ensino do jornalismo era já uma preocupação cada vez maior para os jornalistas.

Os professores desta área têm a responsabilidade de entender a dinâmica da comunidade e desafiar os alunos a desenvolver novas ideias no jornalismo centradas em redes de informação e novas práticas de jornalismo (Mensing, 2010). Para Donica Mensing, o ensino do jornalismo não deve passar pela produção de notícias a níveis industriais, mas por um jornalismo de comunidade, que identifique e esclareça os interesses comuns e, dessa forma, construa espírito crítico nas sociedades. Para a autora,

“da mesma forma que o objetivo dos programas dos cursos de engenharia não é preparar os estudantes para o primeiro emprego em grandes empresas mas construir pontes sólidas, o objetivo da formação em jornalismo

*deve basear-se em formar alunos que saibam comunicar*⁹ (Mensing, 2010, p. 516).

Por outro lado, a educação do jornalismo deve ter “a cidadania” como uma das bases. Os estudantes devem interrogar-se sobre o tipo de cidadão que querem ser e que esperam que a sociedade se torne. Porque os jornalistas têm esse poder. E se a sociedade está em “péssimo estado, em certa medida é responsabilidade dos jornalistas”¹⁰ (Mensing, 2010, p. 517).

3.3. ESTÁGIOS: A REALIDADE QUANDO CHEGAM À PROFISSÃO

Os estágios têm sido objeto de debate no ensino superior à medida que o número de licenciados aumenta e o mercado de trabalho é cada vez mais competitivo. Por um lado, os estágios são vistos como uma “exploração”, principalmente quando são não-remunerados, mas ao mesmo tempo podem abrir portas à profissão (Hunt & Scott, 2018). Mas que papel devem assumir os estagiários? Carla Baptista, em entrevista a Pedro Coelho, alertava para relatos dos alunos da NOVA FCSH: se por um lado podia haver “extrema indiferença na entidade patronal”, por outro, havia situações em que depositavam responsabilidades nos estagiários que não deviam ser solicitadas (Coelho, 2013, p. 376). O investigador concluiu que essas situações dependem dos modelos de estágio aplicados nos órgãos de comunicação social e da personalidade do jornalista responsável pelo estágio (Coelho, 2013).

Contudo, os estágios não remunerados têm tendência a ser menos formais e a exigir maior nível de qualificação, enquanto os alunos que frequentam estágios remunerados eram mais propensos a dizer que se ajustavam aos planos curriculares (Hunt & Scott, 2018). Em Portugal, só a realização de um estágio em jornalismo abre as portas ao exercício da profissão (Correia, 1997). Esse período de estágio é importante para o estudante adquirir experiência (Teixeira, 2012).

Na Dinamarca, há dois sistemas diferentes de estágios: a maioria dos cursos inclui estágios remunerados entre 1 ano e 1 ano e meio; por outro lado, o Centro de

⁹ Tradução livre

¹⁰ Tradução livre

Estudos Universitários em Jornalismo na Universidade de Aarhus oferece aos alunos um módulo sobre empreendedorismo e inovação, que prepara os alunos para entrar numa determinada empresa, ao mesmo tempo que frequentam um estágio não remunerado, entre 4 e 6 meses. Neste caso, os alunos têm um cronograma e rotinas de trabalho em que têm de cumprir, ao mesmo tempo que implementam um projeto inovador no local do estágio. No entanto, apenas 25% dos estudantes escolheram fazer estágios em órgãos de comunicação social. A maioria optou por agências de comunicação e departamentos de comunicação e relações públicas (Sparre & Færgemann, 2016).

No que diz respeito ao jornalismo, comunicar e conhecer o desconhecido são razões que fazem com que os jovens portugueses continuem a olhar para o jornalismo como futura profissão (Manuel, 2014). Mas isto não acontece, por exemplo, no Reino Unido. Um estudo realizado a estudantes de jornalismo mostrou que são motivados pelo trabalho dinâmico do jornalismo, em vez do desejo de mudar o mundo. Aliás, a maioria dos alunos prefere *soft news*, ou seja, conteúdos de cultura, entretenimento ou de viagens, em detrimento de notícias mais complexas e atuais (Jackson, Thorsen, & Reardon, 2019).

Este desinteresse dos alunos por *hard news* pode estar relacionado com a formação académica e a socialização na universidade, o que significa que os professores académicos têm um papel importante no caminho que os alunos pretendem criar (Jackson, Thorsen, & Reardon, 2019). Como resultado disso, o futuro da “carreira de vários jornalistas é cada vez mais imprevisível”¹¹ (Opgenhaffen, d'Haenens, & Corten, 2013, p. 134).

Os alunos recém-chegados à profissão falam em “precariedade”, “fragilidade” e numa profissão “cada vez mais desvalorizada” (Andringa, 2014). A maioria dos estágios não são remunerados e os alunos têm poucas hipóteses de contratação no fim do estágio (Graça, 2007). Muito jovens acumulam dois, três, quatro e até cinco estágios (Gomes, Neves, & Brites, 2014). A falta de oportunidades dos alunos resulta muitas vezes em decepção, no entanto já muitos estudantes têm a consciência do panorama da área (Casero-Ripollés, Izquierdo-Castillo, & Doménech-Fabregat, 2016). Aliás, o número

¹¹ Tradução livre

de estágios não remunerados é cada vez maior, principalmente em estágios de seis meses (Hunt & Scott, 2018).

Os estudantes de jornalismo vão tendo uma percepção diferente à medida que progridem nos estudos, para pior. Muitas vezes os planos dos mestrados não correspondem às expectativas dos alunos (Casero-Ripollés, Izquierdo-Castillo, & Doménech-Fabregat, 2016). Muitas vezes, o desapontamento acontece quando têm o primeiro contacto com a profissão, nos estágios ou na primeira colocação de trabalho, quando se confrontam com compromissos éticos (Jackson, Thorsen, & Reardon, 2019). Os alunos chegam aos órgãos de comunicação com vontade de trabalhar mas muitas vezes são surpreendidos por falta de tempo por parte dos jornalistas para os acompanhar e muitas incertezas se terão aptidão para a profissão (Coelho, 2013).

Combater a deceção geral dos estudantes de jornalismo é um dos desafios colocados aos professores universitários desta área (Casero-Ripollés, Izquierdo-Castillo, & Doménech-Fabregat, 2016), ideia salientada também por Coelho (2013):

“a pro-atividade dos alunos não é suficiente para vencerem, sozinhos, as primeiras barreiras, as primeiras frustrações, ou, sequer, para lidarem com a efemeridade da euforia, provocada pelas primeiras vitórias” (Coelho, 2013, p. 379)“.

Aliás, o descontentamento com a profissão é claro quando a maioria dos jornalistas (67%) neste momento admite que se ficar desempregado dificilmente conseguiria ter uma nova oportunidade num meio de comunicação social (OberCom, 2017). Por outro lado, o estagiário é uma presença cada vez mais frequente nas redações. Segundo os dados mais atuais que a autora tem conhecimento, a percentagem de estagiários aumentara de 5,4% em 2004 para 9,2% em 2009 (Garcia, Marmeleira, & Matos, 2014, p. 13).

Em 2010, o então presidente da ERC admitiu uma crise no acesso à profissão em entrevista ao Público: “as condições em que um jornalista acede à profissão são hoje muito mais difíceis do que eram há uns anos” (Lopes, 2010).

Os jovens que chegam à profissão confrontam-se com demasiados estudantes a querer entrar no mercado de trabalho, formas de recrutamento pouco criteriosas, precariedade laboral e atividades extraprofissionais (Garcia, Marmeleira, & Matos, 2014). E é por isso que o estudante deve vivenciar a rotina de uma redação de televisão, que envolve também pressão e prazos rígidos para as tarefas, antes de ingressar na profissão (Teixeira, 2012).

CAPÍTULO IV: METODOLOGIA

4.1. OBJETIVOS E PERTINÊNCIA DO TEMA

A discussão sobre a formação certa na área do jornalismo está longe de ser uma novidade. No final do século passado havia, pelo menos, duas correntes vincadas: de um lado, os que afirmavam que a experiência era a melhor escola de jornalismo; do outro, os que defendiam que sem uma boa base de preparação ética, deontológica, sociológica, cultura e técnica não se está preparado para exercer a profissão (Correia, 1997). Aliás, esses dois mundos eram visíveis nas redações dos órgãos de comunicação social formadas por jornalistas seniores, com experiência, e por jovens recém-chegados, cheios de ideias novas e ágeis com as tecnologias digitais (Canavilhas, 2009).

No entanto, os alunos universitários acumulam cada vez mais estágios em jornalismo, o que significa que são poucos os jovens que ficam nas redações a trabalhar depois desse período de estágio (Gomes, Neves, & Brites, 2014).

A autora estagiou na SIC em 2018, quando frequentava o primeiro semestre do mestrado em Jornalismo. Estava a aprender muita coisa pela primeira vez, apesar de ser licenciada em Ciências da Comunicação. Escolheu estagiar em televisão para ganhar experiência. Quando ficou com a vaga do estágio, questionou-se se estaria mesmo preparada para trabalhar numa redação de televisão. Procurou cursos práticos de jornalismo e inscreveu-se num curso do Cenjor.

Na altura, questionava-se se seria normal ser licenciada em Ciências da Comunicação e nunca ter ouvido determinados conceitos. A dúvida era: que competências mínimas tinha de ter para estagiar numa redação de televisão e que competências e funções eram esperadas dos estagiários? Já dizia Brandão (2010, p. 148) que o mundo entra-nos em casa através da televisão e que a “caixa mágica” é “altamente decisiva na construção da realidade social”. Estaria preparada para um bom desempenho no estágio? Afinal, e já defendia Correia (1997), “como se aprende a profissão? Quais as condições que é necessário preencher para que se possa dizer que é oficial de tal ofício?”. Essa ideia é corroborada por Canavilhas: “com as exigências legais para o ingresso na profissão a um nível muito baixo, o Ensino do jornalismo só tem uma opção: provar que este nível de formação é uma real mais-valia para as

empresas, demonstrando que um licenciado ou mestre não vale pelo grau, mas pelos conhecimentos e competências obrigatoriamente adquiridos para a obtenção desse mesmo grau” (Canavilhas, 2009).

Coelho (2013) sugere que um aluno ao apostar no instituto politécnico desenvolve técnicas que permitem responder às necessidades imediatas da profissão; contudo, não desenvolve ferramentas que atribuam significado a essas funções. Nesse caso, o aluno pode optar por frequentar um mestrado. Por outro lado, um aluno que escolha o caminho universitário terá de o articular com o segundo ciclo, uma vez que na licenciatura adquire competências reflexivas e o único contacto com a profissão dá-se apenas no último semestre do curso. Nesse caso, as competências profissionais desses alunos poderão ser adquiridas no segundo ciclo (Coelho, 2013).

Rui Novais, em entrevista a Coelho, avançou que, em 2011, ainda trabalhavam na Faculdade de Letras da Universidade do Porto os mesmos docentes que lecionavam quando tirou o curso e lecionavam com os mesmos métodos de trabalho, “completamente ultrapassados” (Coelho, 2013, p. 383).

Já no estágio, a autora comparava o trabalho na SIC com funções que já tinha desempenhado em estágios noutros meios de comunicação. Tinha determinadas características (interesse e proatividade) que considerava importantes, mas seriam suficientes para um bom desempenho durante um estágio em jornalismo televisivo? Oliveira (2007) defendia que em televisão são necessárias técnicas mais complexas. A relação entre o jornalista, a câmara e o telespectador depende da dicção, da atitude, do carisma e da expressão corporal do jornalista (Jespers, 1998). Técnicas que se aprendem nos mestrados? Se não se aprendem, não se devia aprender? Afinal, como se aprende a ser jornalista?

Foram todas estas dúvidas que a levaram a querer saber mais sobre a formação do jornalismo e as exigências nas redações de televisão. É nesse sentido que a presente dissertação é feita. O principal objetivo é perceber a adequação entre os planos curriculares dos mestrados em jornalismo às exigências profissionais no jornalismo televisivo, em contexto de estágio. Para responder a este objetivo, parte-se da hipótese de que os planos curriculares dos mestrados em Jornalismo do país não são adequados

às exigências das redações de televisão. Esta hipótese surge no seguimento da constatação de vários autores, abordados no capítulo III: Ensino Superior do Jornalismo.

4.2. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Para testar esta hipótese, foram formuladas 4 perguntas de investigação:

1. Qual é o peso e as características das unidades curriculares sobre jornalismo televisivo nos planos curriculares dos mestrados em jornalismo do país?
2. Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na perceção dos coordenadores destes cursos de mestrado?
3. Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na perceção dos coordenadores de estágios no local?
4. Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na perceção de alunos que já terminaram o estágio?

4.3. METODOLOGIA

Para encontrar resposta às questões de investigação, definiu-se uma metodologia mista, dividida em cinco momentos. A análise qualitativa possibilita compreender a forma como os sujeitos executam ações (Moreira, 2007), através de uma recolha de aspetos menos imediatos e com mais profundidade em relação ao que está em análise, com uma sustentação e interpretação (Espírito Santo, 2010). A somar a isto, a análise quantitativa, que permite o conhecimento sistemático e comparável de fenómenos (Moreira, 2007), ou seja, permite captar a frequência com que se verificam determinadas tendências e fenómenos (Espírito Santo, 2010).

Numa primeira fase, foi feita uma análise de conteúdo aos planos curriculares dos mestrados em Jornalismo ou Ciências da Comunicação/ Comunicação Social nas faculdades do país, identificadas no subcapítulo seguinte, com o objetivo de perceber o peso e as características das unidades curriculares sobre jornalismo televisivo nos planos curriculares dos cursos. Os elementos recolhidos foram analisados no programa SPSS Statistics Data.

De seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a coordenadores de estagiários da RTP e SIC, uma vez que são os responsáveis pelos alunos durante o tempo de estágio. A ideia foi identificar as tarefas dos estagiários durante o percurso nos órgãos de comunicação e as competências necessárias para o trabalho jornalístico numa redação de televisão, na percepção dos coordenadores de estágios. Nesse sentido, achou-se pertinente entrevistar a jornalista Natália Oliveira, da RTP, o jornalista André Antunes, da SIC. A jornalista da TVI responsável pelos estagiários foi também contactada, no entanto, não obtivemos resposta. O jornalista e coordenador de estagiários da SIC foi abordado pessoalmente, enquanto às restantes duas jornalistas foi enviado um *email* prévio a solicitar a entrevista. A jornalista da RTP sugeriu que as questões fossem enviadas por *email*.

Esta técnica permite que o investigador conduza a entrevista consoante o seu interesse, que coloque novas perguntas durante a conversa além das questões previamente definidas (Daymond & Holloway, 2005). Desta forma, é possível “uma grande riqueza informativa quanto às expressões e enfoque dos entrevistados” (Moreira, 2007, p. 211).

Em terceiro lugar, realizou-se um inquérito por questionário a alunos dos mestrados em jornalismo que estagiaram em televisão¹². Os alunos tiveram conhecimento do inquérito através de contacto pessoal via Facebook ou LinkedIn ou nas páginas de turma no Facebook, depois de serem identificados numa análise nos repositórios das faculdades aos relatórios de estágio dos últimos 3 anos. No total, obtiveram-se 32 respostas.

Esta técnica teve com objetivo perceber as dificuldades e desafios que encontraram durante o estágio, ou seja, as competências que acham essenciais para o trabalho numa redação de televisão. Os resultados do inquérito foram analisados no programa SPSS Statistics Data, à semelhança da análise de conteúdo.

Em quarto lugar, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a coordenadores dos mestrados para perceber a evolução e as lacunas dos cursos e a percepção que têm

¹² Ver anexo B

das competências necessárias para o trabalho numa redação de televisão¹³. Neste caso, foram contactados previamente por *email* 8 coordenadores de mestrados, abaixo mencionados:

Tabela 3 - Coordenadores de Mestrados em Jornalismo/ Ciências da Comunicação

Docentes	Mestrado	Faculdade	Público/Privado
António Granado	Jornalismo	NOVA FCSH	Universidade Pública
Maria José Pereira da Mata	Jornalismo	ESCS	Politécnico Público
José Ricardo Pinto Carvalheiro	Jornalismo	Universidade da Beira Interior	Universidade Pública
João José Figueira da Silva	Jornalismo e Comunicação	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	Universidade Pública
Paulo Martins	Comunicação Social (variante Jornalismo)	ISCSP – Universidade de Lisboa	Universidade Pública
Fernando Vasco Moreira Ribeiro	Ciências da Comunicação (variante Estudo dos Media e Jornalismo)	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	Universidade Pública
Sandra Tuna	Ciências da Comunicação (variante Jornalismo)	Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Fernando Pessoa	Universidade Privada
Catarina Duff Burnay	Media e Jornalismo	FCH – Universidade Católica	Universidade Privada

¹³ Ver anexo C

Por último, foi realizada uma entrevista semiestruturada ao jornalista Pedro Coelho, uma vez que tem a perceção académica porque é professor universitário na NOVA FCSH; a perceção no papel de jornalista, visto que trabalha em contexto de redação de televisão, na SIC; e “especialista” em formação académica em jornalismo, por ser autor do estudo: “A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica; Jornalismo e mercado – os novos desafios colocados à formação”¹⁴.

De forma a esclarecer a relação entre as técnicas de recolha de informação e os objetivos, construiu-se a seguinte tabela:

Tabela 4 – Técnicas e objetivos

Técnicas	Tipo de metodologia	Fonte	Pergunta de Partida
Análise de conteúdo	Quantitativa	Websites das Faculdades Mestrados em Jornalismo e Ciências da Comunicação	Qual é o peso e as características das unidades curriculares sobre jornalismo televisivo nos planos curriculares dos mestrados em jornalismo do país?
Entrevistas semiestruturadas a coordenadores de estágios	Qualitativa	Coordenadores de estagiários	Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na perceção dos coordenadores de estágios no local?

¹⁴ Ver anexo D

Inquérito a alunos	Quantitativa	Estudantes dos mestrados em jornalismo que tenham estagiado em televisão	Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na perceção de alunos que já terminaram o estágio?
Entrevistas semiestruturadas a coordenadores de mestrados	Qualitativa	Coordenadores dos mestrados	Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na perceção dos coordenadores destes cursos de mestrado?
Entrevista semiestruturada ao jornalista e professor universitário Pedro Coelho	Qualitativa	Jornalista e autor do estudo “A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica; Jornalismo e mercado – os novos desafios colocados à formação”	Fazer a ponte entre os vários objetivos

4.3.1. CORPUS

O *corpus* consiste nos elementos em que a análise de conteúdo se vai focar. Para resultar, tem de ser delimitada através da formulação de uma pergunta de partida (Cunha, 2012). Neste caso: “Qual é o peso e as características das unidades curriculares sobre jornalismo televisivo nos planos curriculares dos mestrados em jornalismo do país?”

Primeiramente, na análise aos mestrados é importante reunir os mestrados em jornalismo ou áreas próximas, como Ciências da Comunicação e Comunicação Social, com a variante de jornalismo, abaixo na tabela:

Tabela 5 – Mestrados em Jornalismo ou variante em Jornalismo

Mestrado	Faculdade	Público/Privado	Número de Vagas
Jornalismo	FCSH – Universidade Nova de Lisboa	Universidade Pública	25
Jornalismo	ESCS	Politécnico Público	30
Jornalismo	Universidade da Beira Interior	Universidade Pública	20
Jornalismo e Comunicação	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	Universidade Pública	25
Comunicação Social (variante Jornalismo)	ISCSP – Universidade de Lisboa	Universidade Pública	30
Ciências da Comunicação (variante Estudo dos Media e Jornalismo)	Faculdade de Letras da Universidade do Porto	Universidade Pública	65
Ciências da Comunicação (variante Jornalismo)	Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Fernando Pessoa	Universidade Privada	15
Ciências da Comunicação	FCH – Universidade Católica	Universidade Privada	25

(variante Media e Jornalismo)			
-------------------------------	--	--	--

Fonte: Hemeroteca Municipal de Lisboa (<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ComunicacaoSocial/Universidades.htm>)

Assim, a análise de conteúdo a mestrados será feita a 8 mestrados: em faculdades públicas, a 3 em Jornalismo, 1 em Jornalismo e Comunicação, 1 em Comunicação Social, e 1 em Ciências da Comunicação; em faculdades privadas, 1 em Ciências da Comunicação e 1 em Media e Jornalismo.

4.3.2. VARIÁVEIS DE ANÁLISE

De forma a facilitar a recolha de dados na análise de conteúdo, foi feita uma tabela com as várias variáveis definidas.

Tabela 6 – Manual de Codificação da análise de conteúdo aos mestrados

Variáveis	Opções de resposta
Universidade	1. Pública 2. Privada
Tipo Mestrado	1. Jornalismo 2. Ciências da Comunicação com variante 3. Comunicação Social
Número de vagas no último ano letivo	Número
Número de Unidades Curriculares do mestrado	Número
Tipo de Unidades Curriculares do mestrado	1. Teóricas 2. Práticas 3. Teórico-práticas 4. Sem Informação
Número de Unidades Curriculares relacionadas com televisão	Número

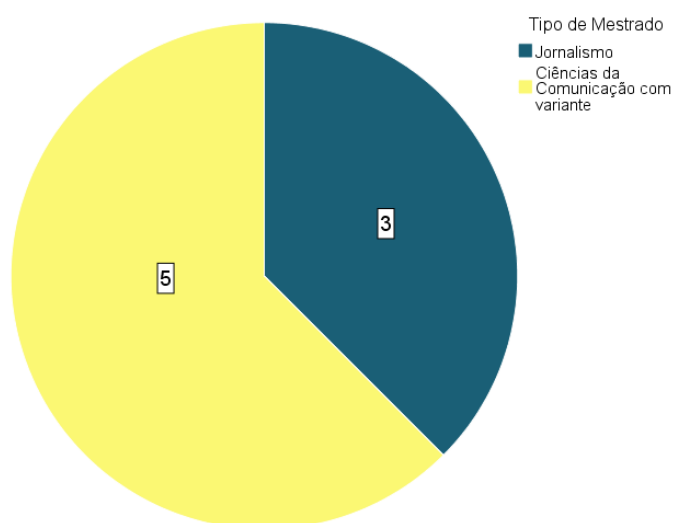
Tipo de Unidades Curriculares relacionadas com televisão	<ol style="list-style-type: none"> 1. Teóricas 2. Práticas 3. Teórico-práticas 4. Sem informação
Professores	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jornalistas no ativo 2. Investigadores 3. Jornalistas no ativo e investigadores 4. Sem informação
Créditos das Unidades Curriculares da Componente Letiva	
Créditos das Unidades Curriculares da Componente Não Letiva	
Número de Semestres	

CAPÍTULO V: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

5.1. A FORMAÇÃO ACADÉMICA E PESO NOS PLANOS CURRICULARES DOS MESTRADOS

5.1.1. MESTRADOS: BILHETE DE IDENTIDADE

Gráfico 1 - Mestrados em Jornalismo ou Comunicação



De acordo com o gráfico 1, conclui-se que, dos 8 mestrados identificados, 5 são na área das Ciências da Comunicação e 3 em Jornalismo. Nos 5 mestrados em Ciências da Comunicação, 1 deles é denominado “Comunicação Social”, com as vertentes de Comunicação Estratégica e Jornalismo, 1 é em “Jornalismo e Comunicação” e os restantes 3 são em Ciências da Comunicação com variante de Estudo os Media e Jornalismo, Jornalismo e Media e Jornalismo, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade Fernando Pessoa e Universidade Católica, respetivamente.

Tal como identificou Coelho (2013), no estudo ao primeiro ciclo de mestrados, também a área de Ciências da Comunicação é a matriz dominante desta área. A acrescentar a isto, na área da Comunicação há vários nomes para os cursos e para as vertentes, o que significa que continua a haver confusão no que diz respeito à denominação dos cursos, uma das questões levantadas por Teixeira (2012): “(...) será

melhor dizer Comunicação? Comunicação Social? Ciências da Comunicação?” (Teixeira, 2012, p. 417).

Paulo Martins, coordenador da vertente de Jornalismo do mestrado em Comunicação Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, defende que as licenciaturas deviam ser mais genéricas, de forma a serem a base dos estudos e abrirem caminhos, e os mestrados mais específicos em determinada área, como o caso de mestrados em Jornalismo separados de Comunicação Estratégica e Relações Públicas. O coordenador do mestrado acha que os alunos ainda não têm uma “noção exata” do que pretendem fazer quando estão no primeiro ciclo e acrescenta que neste momento devem ser, no máximo, 10% os alunos que frequentam a licenciatura de Ciências da Comunicação e querem ser jornalistas¹⁵.

Esta ideia é semelhante à de Pedro Coelho, que admite a possibilidade de um aluno fazer o primeiro ciclo de estudos num curso mais abrangente e no segundo ciclo fechar o ângulo, com conhecimentos suficientemente próximos do jornalismo. “Quando chega ao mestrado, o aluno vai claramente trabalhar mais próximo do jornalismo”¹⁶, diz.

No que diz respeito ao mestrado em Comunicação Social, Paulo Martins realça que a vertente de Jornalismo é menos atrativa em comparação com a vertente de Comunicação Estratégica¹⁷. Isto acontece porque a vertente de Comunicação Estratégica do ISCSP coloca o mestrado entre os melhores da Europa e até mesmo o melhor na área da Comunicação Estratégica, através de um *ranking*, o “*Master Ranking 2014-2015 - The Best Masters and MBA worldwide*”, que engloba os 4 mil melhores cursos de mestrado e MBA do mundo. Este *ranking* foi promovido pela Eduniversal, consultora francesa de Ensino Superior (ISCSP, 2017).

O coordenador do mestrado em Jornalismo da NOVA FCSH, António Granado, diz que o mestrado em Jornalismo foi criado com o objetivo de ser profissionalizante, com a intenção de preparar os alunos para o mercado de trabalho, enquanto, na opinião

¹⁵ Entrevista no anexo C

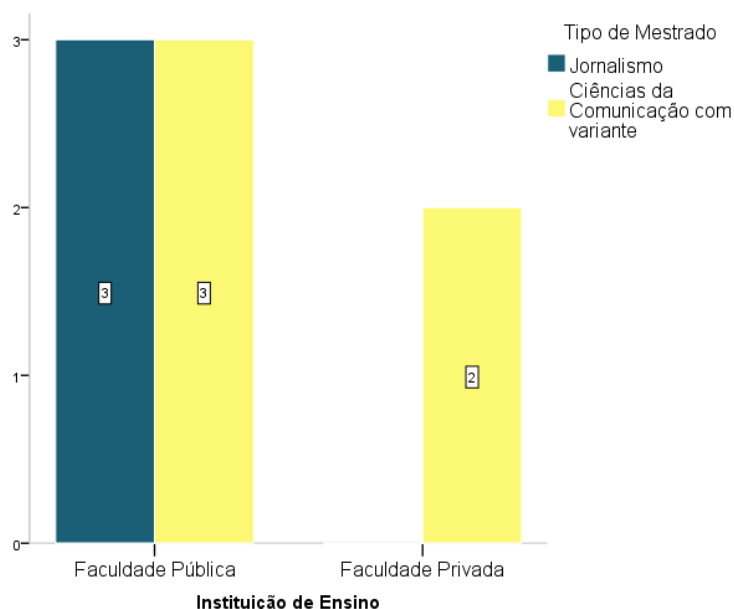
¹⁶ Entrevista no anexo D

¹⁷ Entrevista no anexo C

do responsável, os mestrados em Ciências da Comunicação destinam-se a pessoas interessas em seguir a área dos *media* e do jornalismo¹⁸.

Já no mestrado de jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social, a coordenadora do mestrado considera que o curso faz a ponte entre o mercado de trabalho e a teoria através da componente teórica, da componente metodológica, importante para a investigação, e através dos *ateliers* práticos de televisão, imprensa, rádio e online, que são, segundo Maria José Mata, formas de preparar os alunos para os estágios que vão realizar¹⁹

Gráfico 2 - Mestrados e Instituições de Ensino



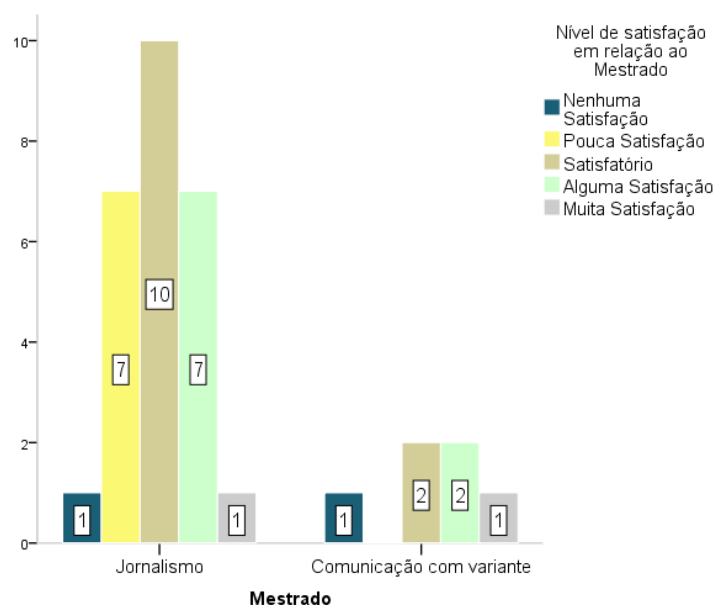
Através da análise do Gráfico 2, podemos perceber que todos os cursos de Jornalismo são em Instituições Públicas de Ensino Superior, mais concretamente na NOVA FCSH, na Escola Superior de Comunicação Social (ECS) e na Universidade da Beira Interior. A ECS faz parte do Instituto Politécnico de Lisboa, ou seja, o tipo de instituição onde o ensino é mais direcionado para a prática (Graça, 2007). Em contrapartida, nas instituições de ensino superior privadas, só há mestrados em Ciências da Comunicação.

¹⁸ Entrevista no anexo C

¹⁹ Entrevista no anexo C

A jornalista Natália Oliveira avança que na RTP sabem as faculdades e os cursos dos estagiários e que se notam diferenças de faculdade para faculdade e de curso para curso ²⁰. No entanto, André Antunes, da SIC, não estabelece diferenças em relação às faculdades: “Já recebi excelentes estagiários que são da Universidade do Minho, outros da UBI, outros do Algarve, outros da NOVA, outros do ISCSP”. Aliás, o jornalista da SIC diz que é irrelevante saber o percurso académico dos alunos. Prefere antes saber de que terra são e o que gostam de fazer, por exemplo. E acrescenta que os estagiários que recomendou que ficassem a trabalhar no órgão de comunicação social são de faculdades, cidades e condições socioeconómicas diferentes²¹.

Gráfico 3 - Satisfação dos alunos em relação ao Mestrado



De acordo com o gráfico 3, dos alunos dos mestrados em Jornalismo, 10 mostraram-se satisfeitos (nível 3, numa escala de 1 a 5) com o plano curricular do segundo ciclo; 7 alunos estavam pouco satisfeitos; outros 7 mostraram alguma satisfação; 1 aluno está muito satisfeito com o mestrado; e outro aluno disse que não tinha nenhuma satisfação, à semelhança do que acontece com os mestrados em

²⁰ Entrevista no anexo A

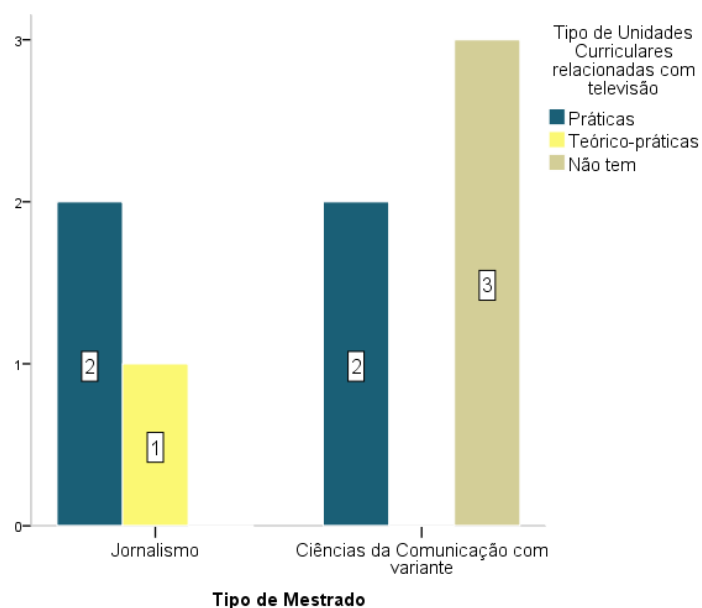
²¹ Entrevista no anexo A

Comunicação. Os restantes alunos de Comunicação disseram que estavam satisfeitos (2) e que tinham alguma satisfação (2).

António Granado, coordenador do mestrado em jornalismo na NOVA FCSH, considera que este mestrado prepara os alunos para o mercado de trabalho, à exceção da área da rádio. Quando questionado sobre a razão de essa vertente não ser lecionada, o coordenador do mestrado disse que o curso foi criado com a intenção de dar aos alunos uma preparação geral e que, com o tempo, acharam importante especificar a área da televisão por ser a área em que notavam mais dificuldades no mercado de trabalho²².

5.1.2. UNIDADES CURRICULARES RELACIONADAS COM TELEVISÃO

Gráfico 4 - Unidades Curriculares relacionadas com jornalismo televisivo



Em relação às Unidades Curriculares relacionadas com jornalismo televisivo, em dois mestrados em Jornalismo, as cadeiras de Televisão são práticas e num dos casos são teórico-práticas. No entanto, o mesmo não acontece nos Mestrados em Ciências da Comunicação, em que, dos 5 mestrados, 3 não têm Unidades Curriculares sobre jornalismo televisivo.

²² Entrevista no anexo C

No caso do mestrado em jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social, como conta a coordenadora do curso Maria José Mata, a cadeira de televisão tem um caráter de *atelier*, com um número reduzido de alunos para que possam funcionar como tal e para que sejam dadas aos alunos competências técnicas exigentes²³.

Apesar de haver cadeiras práticas de televisão, a jornalista Natália Oliveira, da RTP, defende que os estagiários vêm pouco preparados para a RTP e diz que o estágio é “um grande confronto com a realidade” porque os cursos são muito teóricos²⁴. O jornalista da SIC André Antunes também defende que as faculdades são muito teóricas e que os estagiários podiam vir “muito mais bem preparados” para os estágios.

O mestrado em Comunicação Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas é um dos cursos que não incluem jornalismo televisivo nos planos curriculares. O coordenador da vertente de jornalismo concorda que a vertente prática do curso não está consolidada mas avança que estão a tentar adquirir equipamento para que isso seja possível²⁵.

Vasco Ribeiro, coordenador do Mestrado em Ciências da Comunicação, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto defende que a faculdade tem uma componente “muito técnica” na licenciatura e que o segundo ciclo é destinado a uma componente mais científica e académica. Aliás, acrescenta que não há nenhuma aula prática de televisão. “Quem quer ser jornalista não precisa de um mestrado em Ciências da Comunicação”, defende.

O coordenador Vasco Ribeiro explica que o curso de Ciências da Comunicação tem a vertente de Jornalismo e o objetivo da componente letiva é a interpretação do papel do jornalismo na sociedade: “se pergunta se há alguém vem de um curso que não é de Ciências da Comunicação para o Mestrado e quer formação em televisão, eu seguramente nunca lhe aconselharia este mestrado”. Vasco acrescenta ainda: “Se quer mostrar que os mestrados não têm uma aplicabilidade para o mestrado de trabalho,

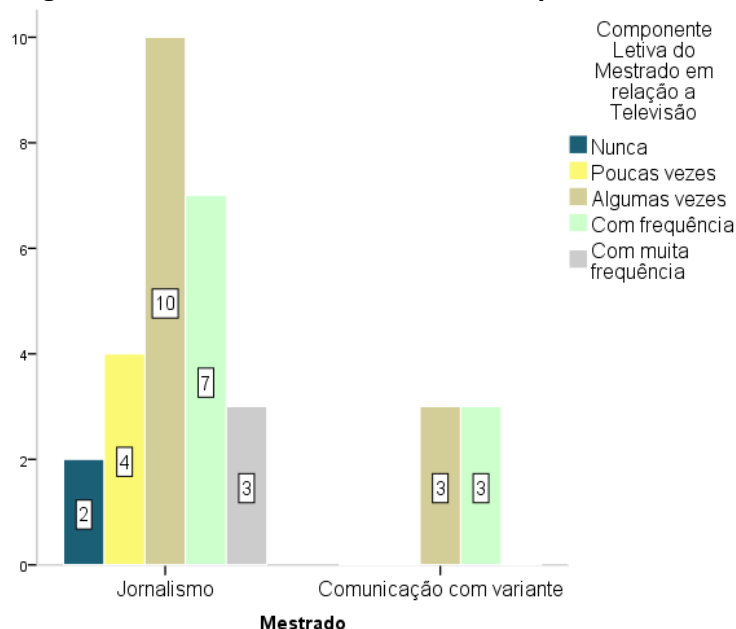
²³ Entrevista no anexo C

²⁴ Entrevista no anexo A

²⁵ Entrevista no anexo C

acredito que não tenham porque há uma concentração dessa aplicabilidade no primeiro ciclo”.

Gráfico 5 - Abordagem de Jornalismo Televisivo na Componente Letiva do Mestrado

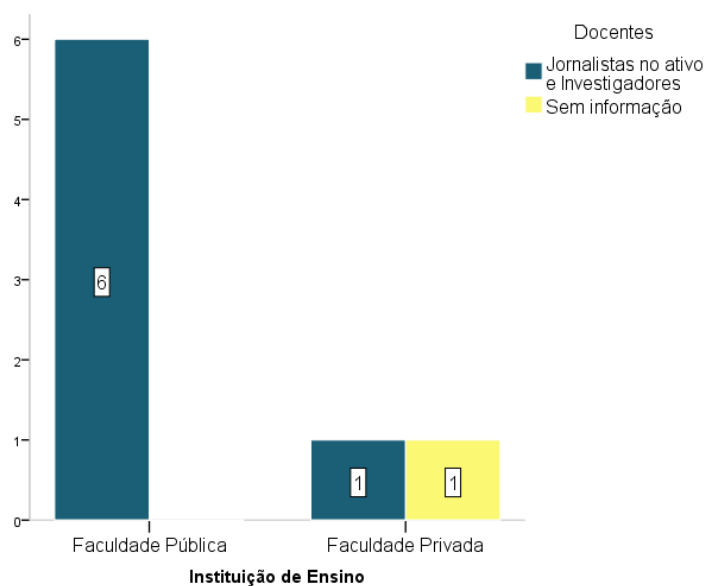


Dos 32 casos analisados, os alunos de Comunicação dizem que abordaram conteúdos televisivos na componente letiva “com frequência” e “algumas vezes”. Este facto é curioso, uma vez que, como vimos anteriormente, a maioria dos mestrados de Ciências da Comunicação não tem Unidades Curriculares de jornalismo televisivo nas componentes letivas dos mestrados.

No que diz respeito aos mestrados em Jornalismo, as diferenças são maiores: há 3 alunos que dizem que esses conteúdos foram abordados “com muita frequência”, também há alunos a dizer que “nunca” abordaram, o que significa que há diferenças nas linhas orientadoras e nos objetivos dos mestrados em jornalismo. A acrescentar a isto, há 7 alunos a afirmarem que o jornalismo televisivo foi falado nos mestrados “com frequência; 10 dizem que foi “algumas vezes” e ainda 4 dizem que foram falados “poucas vezes”.

5.1.3. CORPO DOCENTE

Gráfico 6 - Corpo Docente do Mestrado



Com a análise do gráfico 6, podemos concluir que o corpo docente dos mestrados é formado por jornalistas no ativo e investigadores. No entanto, em muitos casos, os jornalistas no ativo são jornalistas *freelancers*, que vão fazendo trabalhos ao mesmo tempo que dão aulas universitárias e são investigadores.

O corpo docente foi apontado como uma das condicionantes dos planos curriculares dos cursos. Vários alunos tinham até falado em “cadeiras soltas” que não faziam a articulação entre as cadeiras práticas e teóricas (Coelho, 2013).

Por outro lado, têm a responsabilidade de entender a dinâmica da área (Mensing, 2010). No caso do mestrado em jornalismo na NOVA FCSH, o coordenador de curso diz que o corpo docente é uma das vantagens do mestrado, uma vez que é constituído por docentes que já tiveram experiência em jornalismo e salienta o professor Pedro Coelho, que leciona a cadeira de Jornalismo Especializado do mestrado, mais concretamente, Investigação para televisão, e que é ainda jornalista na SIC.

5.1.4. EVOLUÇÃO E LACUNAS

No caso da NOVA FCSH, o coordenador de curso conta que o mestrado já começou com cadeiras práticas e que têm o hábito de ir buscar docentes às redações,

que trabalham no terreno. António Granado acrescenta ainda que ao longo dos anos tem sentido que o mestrado tem adquirido credibilidade e que o número de alunos interessados tem aumentado nos últimos anos. Foi o caso do ano-letivo 2018/2019: houve três vezes mais alunos – de licenciaturas do país inteiro - a candidatarem-se ao mestrado do que vagas disponíveis (25). O coordenador avança ainda que muitos alunos deste mestrado têm conseguido ficar a trabalhar nos órgãos de comunicação social²⁶.

Em relação ao mestrado em jornalismo na Escola Superior de Comunicação, a coordenadora do mestrado explica que a componente letiva do mestrado é apenas de 3 semestres e que por isso não há espaço para criar novas cadeiras. No entanto, diz que os alunos têm mostrado mais interesse na área de televisão ao longo dos anos²⁷. Maria José Mata acrescenta que o plano curricular do mestrado resulta de uma discussão prévia, que passa por discussão interna e por uma auscultação de mercado com pessoas ligadas ao jornalismo e a entidades empregadoras²⁸.

Já nos mestrados de Comunicação, mais concretamente o de Comunicação Social, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, o coordenador da vertente de jornalismo diz que este ano o número de alunos dessa vertente aumentou e houve mesmo casos de alunos a passarem da vertente de Comunicação Estratégica que, até agora, era a principal referência do mestrado, para a de Jornalismo²⁹.

António Granado diz que não fizeram sugestão de alteração à A3ES - Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, mas conta que há pouco tempo mudaram o mestrado de 2 dias por semana – que tinha sido definido para atrair estudantes de outras cidades – para 3 dias. Isto porque o facto de os alunos terem aulas só 2 dias significava que num desses dias a carga horária fosse muita, uma vez que tinham de ter aulas das 18h à 00h. Já Maria José Mata, coordenadora do mestrado em Jornalismo da ESCS, conta que, depois da avaliação da agência, tomarão opções.

Em relação às lacunas do mestrado em jornalismo na NOVA FCSH, António Granado considera o horário pós-laboral do curso uma barreira para cadeiras ainda mais

²⁶ Entrevista no anexo C

²⁷ Entrevista no anexo C

²⁸ Entrevista no anexo C

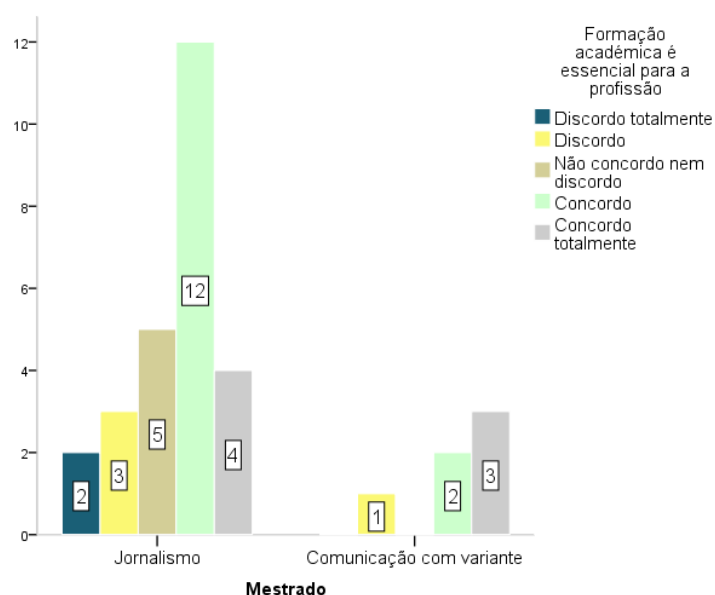
²⁹ Entrevista no anexo C

práticas, como, por exemplo, uma simulação de ambiente de redação, onde os alunos escrevessem artigos para uma publicação *online*. À semelhança do que já acontece desde o século passado nos Estados Unidos, em que os alunos trabalham todos os dias na redação da faculdade e têm cursos obrigatórios para aprenderem edição, produção e técnicas de reportagem (Tucher, 2011).

Já Vasco Ribeiro, coordenador do Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, avança que está prevista uma reestruturação no mestrado, que em princípio entrará em vigor no ano-letivo de 2020/2021. No entanto, a mudança será no ramo de Comunicação Política.

5.1.5. OPINIÃO DOS ALUNOS

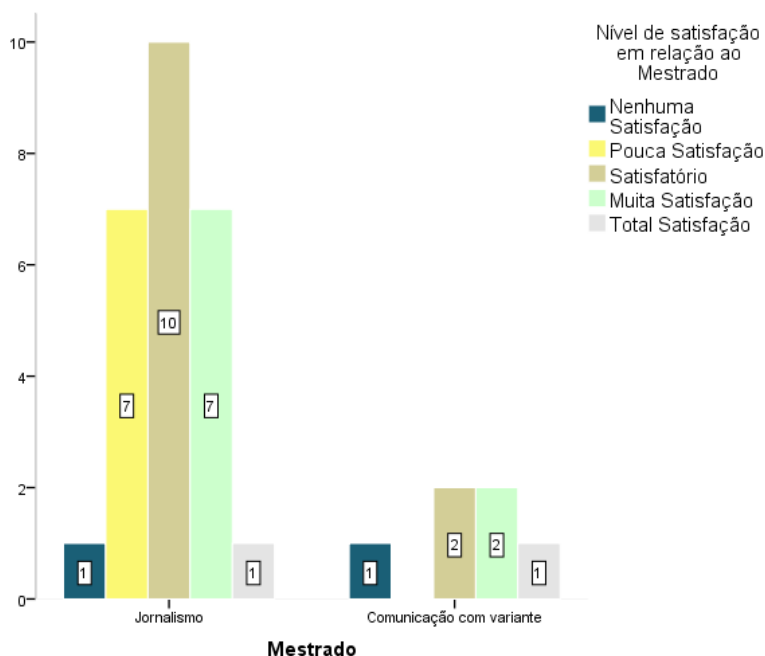
Gráfico 7 - Importância da formação académica para a profissão



Dos estudantes de jornalismo que responderam ao inquérito, 12 concordam que a formação académica é essencial para o exercício da profissão e 4 concordam totalmente. Já 2, apesar de em menor número, discordam totalmente, e 3 discordam. Há ainda 5 que não concordam nem discordam. Este facto é curioso, porque apesar de os mestrados em jornalismo serem mais práticos que os de comunicação, há 2 alunos que não consideram a formação académica essencial. No que diz respeito aos alunos

dos mestrados em Comunicação, 3 concordam totalmente, 2 concordam e apenas 1 discorda.

Gráfico 8 - Satisfação em relação ao mestrado



No que diz respeito ao nível de satisfação dos alunos em relação aos mestrados, 10 alunos de jornalismo estão satisfeitos com o curso; 7 estão pouco satisfeitos; 7 estão muito satisfeitos; 1 está totalmente satisfeito; e 1 não está nada satisfeito. Já no mestrado em comunicação, os valores não variam muito: 2 alunos estão satisfeitos, 2 estão muito satisfeitos; 1 está totalmente satisfeito; e 1 não está nada satisfeito.

5.2. RELAÇÃO ENTRE A ACADEMIA E OS ESTÁGIOS

Os alunos que terminam agora os cursos queixam-se da precariedade e fragilidade desta profissão (Andringa, 2014). Prova disso são os vários estágios acumulados por alunos e a as poucas hipóteses de contratação no fim do estágio (Gomes, Neves, & Brites, 2014). Aliás, em 2010, o então presidente da ERC, admitiu ao jornal Público que as condições de acesso à profissão tinham piorado (Lopes, 2010).

De acordo com Natália Oliveira, jornalista da RTP, a duração dos estágios no órgão de comunicação social tem a ver com os protocolos entre a academia/centro de

estágios e as faculdades ou outras escolas ou com o IEFP no caso de estágio profissionais. A jornalista acrescentou ainda que os alunos podem estagiar por todas as áreas de Direção de Informação e por áreas específicas que tenham interesse.

Na SIC, segundo André Antunes, coordenador de estagiários do Primeiro Jornal, os alunos não têm o acompanhamento que deviam ter “por escassez de tempo” e de “recursos”, mas o jornalista reconhece que faz esforços nesse sentido: marca-lhes saídas em reportagem e pede que os textos dos estagiários sejam revistos por jornalistas com experiência³⁰. É importante que os textos sejam revistos por jornalistas séniores, uma vez que os textos dos estagiários vão ser uma fonte de construção social (Brandão, 2010). Aliás, Coelho (2013) já referia na investigação que fez às licenciaturas da área do jornalismo, que os estudantes eram muitas vezes surpreendidos pela falta de tempo dos jornalistas para os acompanharem durante o estágio.

Na RTP, os estagiários são “observadores ativos”, como classifica a responsável pelos estagiários Natália Oliveira: “aprendem observando e participando nas tarefas desempenhadas pelos profissionais das equipas em que estão integradas”³¹.

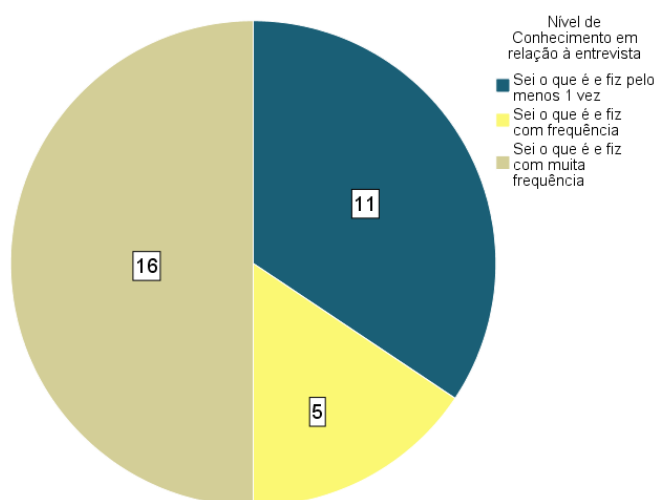
São essas tarefas que vamos identificar no subcapítulo seguinte:

³⁰ Entrevista no anexo A

³¹ Entrevista no anexo A

5.2.1. ESTÁGIOS: BILHETE DE IDENTIDADE

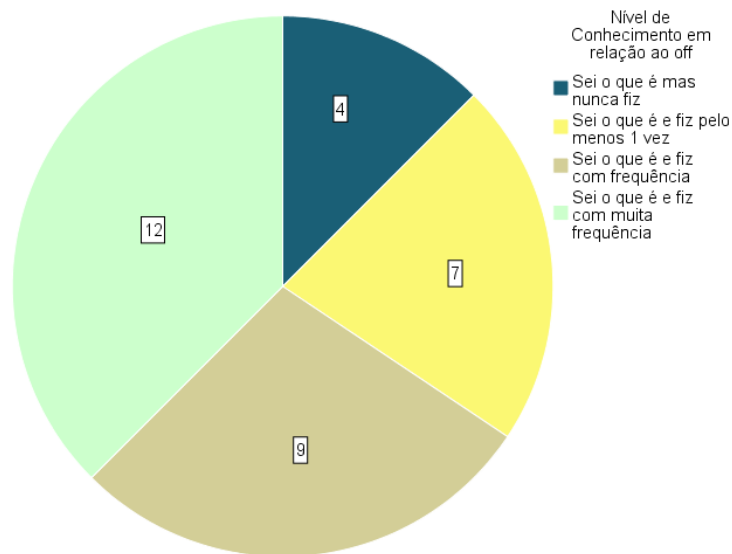
Gráfico 9 – Entrevistas



Em relação às tarefas desempenhadas pelos alunos de mestrado durante o período de estágio, a entrevista é uma tarefa realizada por muitos estagiários: 16 alunos realizaram-na com muita frequência; 11 alunos fizeram pelo menos 1 vez e 5 alunos fizeram “com frequência” durante o estágio. Não houve ninguém que tivesse respondido que nunca fez uma entrevista, o que significa que esta foi uma tarefa desempenhada por todos os estagiários.

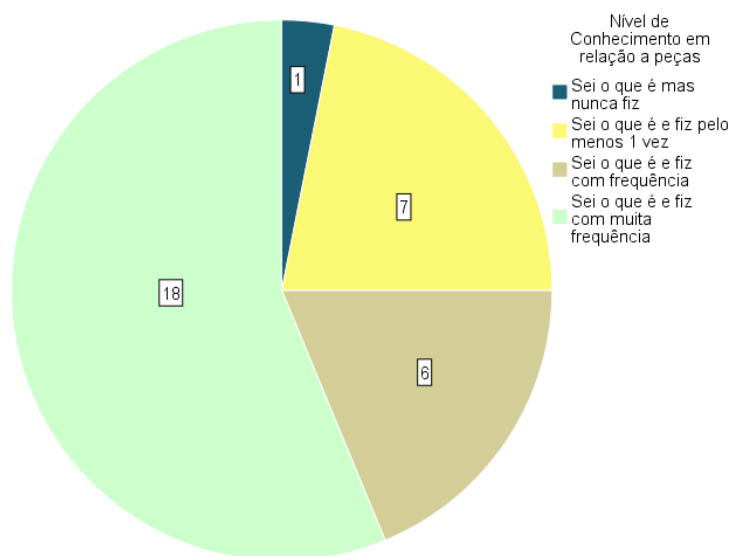
André Antunes, da SIC, diz que, numa fase inicial do estágio, os alunos vão fazer entrevistas e recolher depoimentos para peças de jornalista e defende que às vezes até são entrevistas com “com importância noticiosa relevante”, para peças do início do jornal. Neste caso, são entrevistas gravadas para posteriormente serem utilizadas em peças ou reportagens de jornalistas ou dos estagiários. Isto significa que os estagiários são importantes nas redações, pelo menos na SIC, onde sabemos que isto acontece, uma vez que fazem entrevistas para peças no início do jornal, com uma grande responsabilidade social e informação forte (Costa, 2011) porque os cidadãos atribuem maior importância aos conteúdos do início do jornal (Brandão, 2010).

Gráfico 10 - Off



Já a realização de *offs* é diferente da realização de entrevistas: 12 alunos disseram que desempenharam esta tarefa com muita frequência, 9 com frequência e 7 fizeram pelo menos uma vez. No entanto, há 4 alunos que nunca o fizeram. O que significa que a entrevista é pedida mais vezes que os *offs* e que esta última tarefa nem sempre é pedida aos estagiários. Conclui-se, por isso, que apesar de ser o género mais simples, curto e que a maioria das vezes não implica sair da redação (Oliveira, 2007), nem sempre é pedido aos estagiários.

Gráfico 11 - Peças

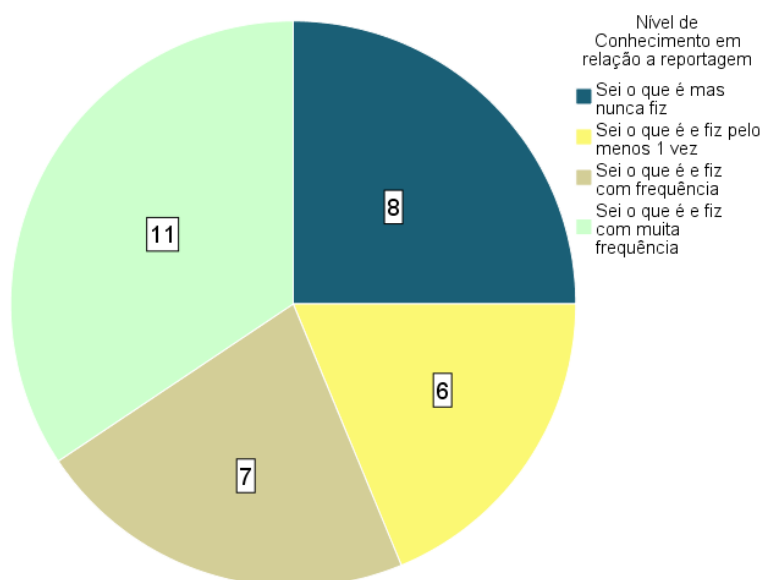


No que diz respeito a peças, a maioria dos estagiários dizem que o fizeram com muita frequência; 6 alunos dizem que fizeram com frequência; 7 fizeram pelo menos 1 vez; e 1 aluno sabe o que é mas nunca fez.

Sobre este género jornalístico, André Antunes da SIC conta que tem recebido estagiários muito bons nos últimos meses: “Temos tido casos nos últimos meses de trabalhos muito interessantes feitos por estagiários, peças muito boas, peças que se calhar feitas por alguns jornalistas seniores não ficariam tão boas”

O jornalista da SIC conta ainda que vai percebendo o ritmo e o gosto dos estagiários e em função disso, distribui as peças pelos 2 ou 3 estagiários que tem no Primeiro Jornal; no entanto, salienta que tenta que sejam dadas as mesmas oportunidades aos estagiários para que possam crescer³². Por outro lado, confessa que quando dá uma peça importante a um estagiário tenta controlar o trabalho que vai sendo feito: “Se é para sair em reportagem com quem é que vai filmar, na edição tento que o editor de imagem seja mais rápido e experiente”.

Gráfico 12 - Reportagem



³² Entrevista no anexo A

Em relação à reportagem, 8 alunos disseram que nunca fizeram durante o estágio; 6 disseram que fizeram pelo menos 1 vez; 7 afirmaram que fazem com frequência; e 11 com muita frequência.

André Antunes, coordenador do Primeiro Jornal da SIC, aponta a reportagem como uma das tarefas que dá aos estagiários: “Quando começam a crescer mais um pouco, dou-lhes algumas reportagens um pouco mais ligeiras para começarem e depois vamos subindo, vamos crescendo”. No entanto, o jornalista considera que no fim do estágio, um aluno ainda tem um longo caminho a percorrer, “muito campo para crescer, para ser melhor contador e histórias”³³.

Neste momento, está a decorrer o projeto REC – Repórteres em Construção, um projeto que Pedro Coelho, da SIC e da NOVA FCSH, e Paulo Martins, do ISCSP, referiram. Segundo o jornalista da SIC, o projeto não substitui o mundo profissional nem a académica e surge como “antecipação ao que o meio profissional não consegue dar”. O REC aposta na reportagem, um género em desuso nos órgãos de comunicação tradicionais, e atribui aos alunos competências que não trazem da formação académica.

“É muito centrada naquilo que mais falha na área jornalística, que é a reportagem”, remata. Até porque, já defendia Grandim (2000), é o género jornalístico mais nobre”.

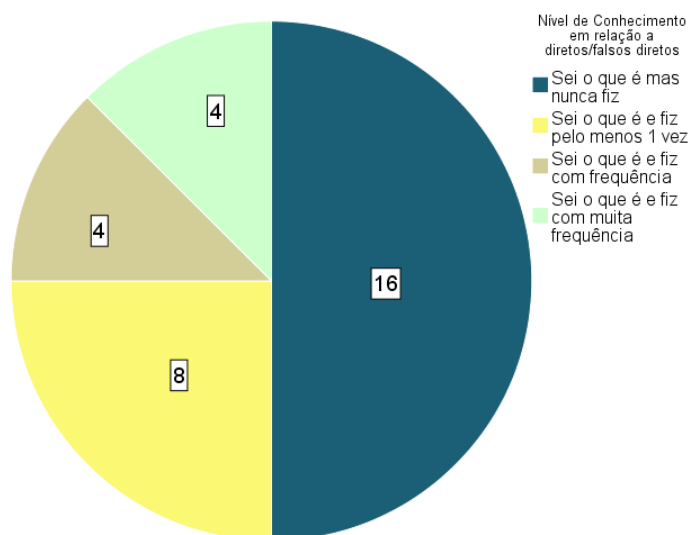
Paulo Martins, do ISCSP, acrescenta que o projeto nasceu do Congresso dos Jornalistas e tornou-se numa iniciativa dos professores com ligação ao jornalismo e alunos que queiram seguir esta área. A ideia é dar-lhes experiências que os aproximam do mercado trabalho.

Por outro lado, Pedro Coelho diz ainda que a maior parte dos cursos de jornalismo aposta na notícia – objetiva, simples, “o mais próximo das ciências exatas” e que são raras as vezes em que aprendem a trabalhar a reportagem. Para o jornalista, a reportagem constrói-se de uma forma “muito mais rica” e “muito mais criativa”, uma vez que “o jornalista tem de levantar o rabo da cadeira e ir para o lugar onde as coisas

³³ Entrevista no Anexo A

acontecem, tem de mergulhar na ação”³⁴. Isto corresponde ao que diz Oliveira (2007), que afirma que a investigação e a produção nas reportagens são demoradas.

Gráfico 13 - Direto/ Falso Direto



De todos os géneros jornalísticos, os diretos/ falsos diretos é a tarefa menos pedida aos estagiários. Como podemos observar no gráfico 13, 16 alunos nunca fizeram e 8 fizeram pelo menos 1 vez. Só 8 é que fazem com frequência (4) ou com muita frequência (4). No caso da SIC, por exemplo, André Antunes diz que os alunos acabam os estágios sem fazer um direto³⁵. Isto porque é uma função complexa e arriscada, em que são necessárias determinadas características no timbre de voz, atitude e expressão corporal (Jespers, 1998), para que os espectadores se sintam parte integrante do cenário, ou seja, sentirem que estão no local (Martins, 2012). Oliveira (2007) diz mesmo que é um dos géneros mais desafiadores e complexos de todos, por isso percebe-se que a maioria dos estagiários nunca tenham realizado esta função.

³⁴ Entrevista no anexo D

³⁵ Entrevista no anexo A

5.2.2. COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS AO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO NA ÓTICA DOS JORNALISTAS COORDENADORES DOS ESTAGIÁRIOS

Para Natália Oliveira, da RTP, a aptidão mais importante é o estagiário ser competente nas tarefas que desempenha. No entanto, também considera que as características pessoais do estagiário são valorizadas³⁶. O jornalista e professor universitário Pedro Coelho defende que as características pessoais e as competências que se vão adquirindo com a experiência têm de “andar juntas”. Isto significa que é preciso disponibilidade para receber conhecimento e essa disponibilidade é um ato de caráter: “A associação entre características pessoais e aquisição de conhecimentos parece-me determinante para o sucesso”, acrescenta.

Já André Antunes, da SIC, defende que as características pessoais são mais importantes do que as que se adquirem na faculdade e que “acima de tudo” tem de ser interessado e interessante, curioso, querer aprender e ser humilde. “É com a humildade que se aprende”, defende³⁷. Uma ideia corroborada por Pedro Coelho: “Desde logo uma que me parece fundamental, que é a humildade. Aquilo que os alunos parece que não trazem de casa. Ter caráter à prova de bala. A humildade para quem começa é o primeiro ponto da viagem. Ser humilde, acreditar que não sabem tudo, pelo contrário, que sabem muito pouco, e terem uma enorme disponibilidade para aprender”.

À semelhança do estudo aos jornalistas flamengos, que concluiu que dão mais importância às atitudes e personalidade do que à produção de notícias (Opgenhaffen, d'Haenens, & Corten, 2013), em Portugal, características pessoais, como a humildade, curiosidade e disponibilidade são também as mais valorizadas. Ainda que tenham de estar ligadas a competências no exercício das tarefas. Estas competências são, segundo Carpenter, necessárias em todas as áreas (Himma-Kadakas & Palmiste, 2018) e dizem respeito às habilidades interpessoais e à capacidade de mudança e aprendizagem, apresentadas, em 2010, por David Finegold e Alexis Spencer Notabartolo.

³⁶ Entrevista no anexo A

³⁷ Entrevista no anexo A

André acrescenta ainda que a curva de aprendizagem é maior para pessoas interessantes. “O que noto é que aquilo que são bons estagiários durante o estágio e têm uma curva de progresso grande são pessoas diferentes, naturalmente diferentes, que querem mais, que querem saber, querem fazer, querem aprender, estão disponíveis, têm uma atitude humilde perante o trabalho”, defende³⁸.

A jornalista da RTP diz que se há oportunidades vão lembrar-se e procurar os estagiários cujas competências para a função se destacaram³⁹. Por outro lado, André Antunes lembra que os coordenadores de estagiários têm um papel importante no percurso dos alunos: “se tiverem o azar de passar por 2 ou 3 equipas que não tiveram oportunidade de brilhar e libertar o seu potencial, nunca lhes damos a oportunidade de o mostrar”.

Para Pedro Coelho, jornalista na SIC e professor universitário na NOVA FCSH, é determinante que as pessoas que queiram ser jornalistas dominem o quadro de valores do jornalismo: “é muito diferente um gestor ou um economista entrar numa redação para fazer jornalismo. Domina a área mas está de tal forma fechado no nicho dele que depois não consegue transmitir conhecimento jornalístico. Não sabe duas coisas: como falar para as massas, que o jornalismo também é isso, e não domina o quadro de valores do jornalismo, não sabe qual é a estrutura, a base, a essência da profissão onde vai exercer funções”.

³⁸ Entrevista no anexo A

³⁹ Entrevista no anexo A

CONCLUSÃO

A formação académica na área do jornalismo é um tema discutido há já muitos anos e por vários autores, não só em Portugal, como no mundo. Até porque a primeira investigação sueca sobre o ensino superior do jornalismo teve como objetivo resolver as lacunas do sistema educativo dos cursos desta área.

Em Portugal esta discussão foi especialmente tardia. Aliás, até meados do século XIX, não havia jornalistas profissionais no país. A formação académica só começou a ser falada no final desse século, num Congresso Internacional da Imprensa. Mas só muito depois – quase um século - é que o ensino superior começou a ser visto como uma forma de entrada na profissão. A primeira licenciatura surgiu em 1979 e cinco anos mais tarde nasceu o primeiro mestrado, ambos os cursos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Por outro lado, e por ser um dos temas centrais da investigação, houve uma tentativa de definir competências, mas percebeu-se que é difícil. Se *“skill”* diz respeito ao que o jornalista precisa de saber para realizar tarefas, *“competency”* envolve capacidades para realizar tarefas complexas. No entanto, os investigadores têm tido dificuldade em defini-lo. Dessa forma, falamos de *“caraterísticas pessoais”*, como a vontade de aprender, a criatividade e boa comunicação, e *“competências que se adquirem com a prática”*, como edição de imagem e de som e capacidade de convergência.

No que diz respeito ao estado da arte dos estudos sobre formação académica em jornalismo, importa salientar o estudo de Pedro Coelho *“A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica Jornalismo e mercado - os novos desafios colocados à formação”*. A investigação foi feita às 27 licenciaturas da área do jornalismo. Nesse estudo, o investigador apelou a pontes entre a academia e o mercado de trabalho e à atenção da academia em relação ao jornalismo do presente, à crise de sustentabilidade e ao papel democrático do jornalismo (Coelho, 2013). É importante salientar o estudo de Marju Himma-Kadakas, *“Expectations and the actual performance of skills in online journalism”*, na Estónia, que concluiu que as skills jornalísticas devem ser avaliadas a nível universal, como um todo,

independentemente da plataforma para a qual estejam a produzir conteúdo. E ainda o estudo de Pieter Fourie, *“Journalism studies: The need to think about journalists' thinking”*, que concluiu que o futuro do jornalismo só pode ser assegurado com uma preparação teórica dos cursos superiores.

É para esse ponto que vamos agora. Em relação aos mestrados da área do Jornalismo, verifica-se que há mais mestrados em Ciências da Comunicação com vertentes relacionados com jornalismo que mestrados em Jornalismo, tal como acontece nas licenciaturas desta área. Segundo Teixeira (2012), é difícil dar uma formação adequada e eficaz com duas ou três disciplinas específicas de jornalista. Imagine-se em cursos sem unidades curriculares destinadas a jornalismo televisivo, como vimos no capítulo anterior.

Respondendo às questões de investigação:

Qual é o peso e as características das unidades curriculares sobre jornalismo televisivo nos planos curriculares dos mestrados em jornalismo do país?

Os três mestrados em jornalismo em Portugal têm unidades curriculares de jornalismo televisivo. Em dois dos três mestrados, são práticas e no outro curso são teórico-práticas.

No entanto, isso não acontece nos mestrados de Comunicação, em que três dos cinco mestrados não têm Unidades Curriculares dedicadas a esse ramo do jornalismo. É exemplo disso o mestrado em Comunicação Social do ISCSP. O coordenador da vertente de jornalismo, Paulo Martins, admite que o curso não tem uma vertente prática consolidada, nem seminários dessa área, mas adianta que a faculdade está a tentar adquirir equipamento para resolver essa questão. O mestrado em Ciências da Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto é outro caso. O coordenador do curso, Vasco Ribeiro, defende que o segundo ciclo é mais destinado a investigações científicas e acrescenta que acredita que os mestrados não têm aplicabilidade para o mercado de trabalho. “Se pergunta se há alguém vem de um curso que não é de Ciências da Comunicação para o Mestrado e quer formação em televisão, eu seguramente nunca lhe aconselharia este mestrado”, conclui.

No entanto, há um facto curioso: apesar de haver cursos sem cadeiras de televisão nestes mestrados há alunos que frequentaram estes cursos que dizem que os conteúdos relacionados com jornalismo televisivo são abordados “com frequência” e “algumas vezes”. O contrário acontece nos mestrados em jornalismo, que todos têm unidades curriculares de televisão, no entanto, há alunos que dizem que nunca abordaram esses conteúdos nas aulas.

Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na percepção dos coordenadores de estágios no local?

Os coordenadores de estagiários concordam que a formação académica prepara mal os alunos para a profissão. Na RTP, salientam a importância das competências técnicas no desempenho da profissão. Já na SIC, André Antunes, o coordenador que recebe mais estagiários, defende que as características pessoais, como interesse, curiosidade e humildade são mais importantes que as técnicas que se vão adquirindo com a experiência ao longo do tempo.

Pedro Coelho, professor universitário, jornalista e especialista em formação académica no jornalismo defende que ambas devem “andar juntas”, mas destaca a humildade e disponibilidade para aprender, que correspondem a características pessoais.

Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na percepção de alunos que já terminaram o estágio?

Em relação aos mestrados de jornalismo, 1 aluno depois de realizar o estágio está muito satisfeito em relação ao plano de estudos do curso; 10 estão satisfeitos; 7 têm alguma satisfação; 7 estão pouco satisfeitos; e 1 não tem nenhuma satisfação. No entanto, há 12 estudantes a concordarem que a formação académica é essencial para o desempenho da profissão – uma ideia defendida já depois de realizarem os estágios e há ainda 4 a concordar totalmente. Há apenas 2 alunos que discordam totalmente e 3 que discordam. O que significa que há pelo menos 8 alunos do mestrado em jornalismo “pouco satisfeitos”/ “nenhuma satisfação”, mas há apenas 5 que não são a favor da formação académica, o que significa que há alunos que não estão satisfeitos com o plano de estudos do mestrado, mas defendem a formação académica para o desempenho da profissão.

No que diz respeito aos alunos dos mestrados em Comunicação, há 3 que concordam totalmente com a formação académica, 2 que concordam e apenas 1 que discorda.

Nos estágios, a tarefa mais realizada pelos estagiários é a entrevista. Na SIC, é uma das funções desde o início do estágio. As peças televisivas são também uma tarefa muito realizada e, segundo o coordenador dos estagiários, há peças de alunos nos últimos meses muito boas. A reportagem é também uma das tarefas pedidas nos estágios, no entanto, André Antunes, da SIC, diz que não consegue dar a atenção aos estagiários que eles mereciam. É nesse sentido que nasce o REC – Repórteres Em Construção. De acordo com o professor universitário Pedro Coelho é uma antecipação do que o mundo profissional não consegue dar e atribui aos alunos competências que não trazem da formação académica e que os aproxima do mercado de trabalho.

A investigação não consegue dar contributos mais aprofundados a esta pergunta, uma vez que o questionário não permitiu confrontar os inquiridos com algumas respostas.

Que competências são necessárias para o trabalho jornalístico em contexto de redação de televisão, na perceção dos coordenadores destes cursos de mestrado?

Os coordenadores dos mestrados em jornalismo defendem que os cursos devem fazer a ponte entre a academia e o mercado de trabalho.

Na Escola Superior de Comunicação Social, além dos estágios, essa ponte é feita em *ateliers* de televisão com um número reduzido de alunos de forma a prepará-los para os estágios que vão realizar. Por outro lado, a coordenadora do mestrado, Maria José Mata, avança que o interesse dos alunos na área de televisão tem aumentado. Por outro lado, o plano curricular do mestrado resulta de uma auscultação do mercado com pessoas ligadas ao jornalismo e a entidades empregadoras, o que demonstra preocupação em relação ao mercado de trabalho e ao desempenho dos alunos.

O mesmo acontece na NOVA FCSH. Segundo o coordenador do mestrado, António Granado, o curso de segundo ciclo no início era mais geral mas acabaram por especificar a área da televisão face às dificuldades de entrada dos alunos no mercado

de trabalho na área da televisão, o que demonstra uma preocupação e proximidade com os alunos e com as entidades empregadoras.

No entanto, a autora sentiu que alguns coordenadores de mestrado estavam na defensiva em relação ao mestrado durante a entrevista, o que pode ter influenciado os resultados. Além disso, as entrevistas foram feitas via telefone, por sugestão dos entrevistados ou por falta de possibilidade de deslocação, o que pode também ter deturpado algumas respostas, uma vez que a comunicação é diferente do que se a entrevista fosse feita pessoalmente.

A realização desta investigação mostrou-se relevante em diversos aspetos. Em primeiro lugar, por perceber que tal como acontece nas licenciaturas, também a maioria dos mestrados nesta área resultam de variantes em cursos de Ciências da Comunicação e que há apenas três mestrados em jornalismo em todo o país, dois deles em Lisboa. Por outro lado, perceber que, por surpresa minha, os coordenadores do estágio valorizam muito as características pessoais dos alunos

Desta forma, confirma-se a hipótese de partida, uma vez que os jornalistas coordenadores de estagiários dizem que os estagiários vêm pouco preparados para as redações, uma vez que os cursos são muito teóricos. Natália Oliveira, responsável por estagiários da RTP, diz mesmo que a aptidão mais importante “é ser competente nas tarefas que desempenha”. Ora, se os cursos têm pouca parte prática, os alunos têm de aprender noutro local.

Por outro lado, há mais mestrados em Ciências da Comunicação do que em jornalismo, e desses mestrados de Comunicação, há três cursos sem cadeiras dedicadas ao jornalismo televisivo. O que leva a crer que os mestrados em jornalismo preparam melhor os alunos para o mercado de trabalho, enquanto os de comunicação, mais gerais, se dedicam à vertente científica. No entanto, mesmo nos mestrados em jornalismo, em que as unidades curriculares são práticas e funcionam até como forma de *ateliers*, com número reduzido de alunos, nem esses mestrados escapam à desilusão dos estudos. Aliás, um dos coordenadores de um mestrado em Ciências da Comunicação defende que quem quer ser jornalista “não precisa de um mestrado em Ciências da Comunicação”. E salienta: “Se quer mostrar que os mestrados não têm uma

aplicabilidade para o mestrado de trabalho, acredito que não tenham porque há uma concentração dessa aplicabilidade no primeiro ciclo”.

Neste sentido, tal como defende Coelho (2013), a universidade precisa de investir nos alunos e em formas de promover e legitimar a aquisição do saber. Aliás, é preciso redefinir as bases do jornalismo e perceber o caminho certo para a formação universitária nesta área. É preciso aproximar a teoria dos cursos, sejam eles do primeiro ou do segundo ciclo, à prática. Às exigências da profissão. O futuro do jornalismo depende disso. E o futuro dos alunos, que ambicionam trabalhar em jornalismo televisivo, também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andringa, D. (18 de outubro de 2012). (TSF, Entrevistador)
- Andringa, D. (2014). Imaginário e realidade. Em J. Rebelo, *As novas gerações de jornalistas em Portugal* (pp. 73 - 81). Lisboa: Mundos Sociais.
- Antunes, A. (2017). O jornalismo de proximidade na televisão nacional: O caso da SIC. (C. Borges, Entrevistador) Obtido de https://run.unl.pt/bitstream/10362/24820/1/Relat%C3%B3rio_est%C3%A1gio_Cristiana_Borges_30_06_2017.pdf
- Bastos, H. (2014). Da crise dos media ao desemprego no jornalismo em Portugal. *FIAM-FAAM*, pp. 38 - 46.
doi:<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/232>
- Bonixe, L. (2011). Ciberjornalismo: modelo de negócio procura-se. *Clube dos Jornalistas*, 12-20. Obtido de <http://www.clubedejornalistas.pt/wp-content/uploads/2011/02/JJ-45.pdf>
- Brandão, N. G. (2010). *As notícias nos telejornais*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Canavilhas, J. (2009). Ensino do Jornalismo: o digital como oportunidade. Em *Jornalismo: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação* (pp. 49 - 56). Braga: Universidade do Minho.
doi:<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/jornalismo08/article/view/404/378>
- Canavilhas, J. (2010). Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. *II Congresso Internacional Comunicación*. Universidad de Salamanca.
- Cardoso, G., Magalhães, A. P., & Crespo, M. (2017). *Jornalismo, Indignação e Esperança*. Mundos Sociais.
- Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2018). *Digital News Report 2018: Portugal*. Reuters Institute for the Study of Journalism. Obtido de https://obercom.pt/wp-content/uploads/2018/09/DNR_PT_2018.pdf
- Casero-Ripollés, A., Izquierdo-Castillo, J., & Doménech-Fabregat, H. (2016). The Journalists of the Future Meet Entrepreneurial. *Journalism Practice*, 10:2, pp. 286-303. doi:<https://doi.org/10.1080/17512786.2015.1123108>
- Coelho, P. (2013). *A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica* (Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Estudo dos Media e do Jornalismo ed.). Obtido de <https://run.unl.pt/bitstream/10362/12109/1/Tese%20PC.pdf>

- Cook, T. D., & Reichardt, C. S. (1986). *Métodos Cualitativos y Cuantitativos en Investigación Evaluativa*. Madrid: Morata.
- Correia. (1997). *O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. doi:<http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-ensino-jornalismo.pdf>
- Costa, D. (2011). *Análise de critérios editoriais e comparação de alinhamentos: a TVI e o jogo das audiências*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.
- Crespo, M., Azevedo, J., & Cardoso, G. (2017). Jornalismo em Portugal: O contributo de Paquete de Oliveira para a caracterização da profissão e o retrato dos jornalistas de hoje. (M. e. Cidadania, Ed.) *Revista Comunicando*, 6. Obtido de http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20170727-page_35_53_miguelcrespo.pdf
- Cunha, I. (2012). *Análise dos Media*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Daymond, C., & Holloway, I. (2005). *Qualitative Research Methods in Public Relations and Marketing Communications*. Londres: Routledge.
- de Burgh, H. (2003). Skills are not enough: the case for journalism as an academic discipline. *Journalism*, pp. 95 - 112. Obtido de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.194.3331&rep=rep1&type=pdf>
- Dias, S. S. (2011). Portugal ainda distante das melhores práticas internacionais. *Jornalismo & Jornalistas*. Obtido de <http://www.clubedejornalistas.pt/wp-content/uploads/2011/02/JJ-45.pdf>
- Ekström, M., & Lundell, Å. K. (2011). BEYOND THE BROADCAST INTERVIEW. *Journalism Studies*, 12:2, pp. 172-187. doi:10.1080/1461670X.2010.493328
- Espírito Santo, P. (2010). *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Edições Silabo.
- Ferenczi, T. (1996). *L'invention du journalisme en France: Naissance de la Presse Moderne à la fin do XIX*. Paris: Editions Payot et Rivages.
- Finegold, D., & Notabartolo, A. S. (2010). 21st Century Competencies and Their Impact: An Interdisciplinary Literature Review. (M. Park, Ed.) Obtido de https://hewlett.org/wp-content/uploads/2016/11/21st_Century_Competencies_Impact.pdf
- Fourie, P. (2005). Journalism studies: The need to think about. *ECQUID NOVI*, 26:2, pp. 142-158. doi: 10.1080/02560054.2005.9653327

- Garcia, J. L., Marmeleira, J., & Matos, J. N. (2014). Incertezas, vulnerabilidades e desdobramento de atividades. Em J. Rebelo, *As novas gerações de jornalistas em Portugal* (pp. 9 - 19).
- Gardeström, E. (2017). Losing Control. *Journalism Studies*, 18:4, 511 - 524.
doi:<https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1073117>
- Gomes, A. (2011). O telejornal e o zapping na era da Internet - Estudo do comportamento de editores e telespectadores nos jornais televisivos das 20 horas da RTP1, SIC e TVI (2006-2010). Obtido de <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/7964/1/TESE%20FINAL%20ADELINO%2c%20final.pdf>
- Gomes, A., Neves, M., & Brites, R. (2014). Next journalism: Olhares cruzados sobre a profissão. Em J. Rebelo, *As novas gerações de jornalistas em Portugal* (pp. 37 - 50). Lisboa: Mundos Sociais.
- Graça, S. M. (2007). *Jornalistas portugueses: dos problemas da inserção aos novos dilemas*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.
- Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Covilhã: Estudos de Comunicação - Universidade da Beira Interior. Obtido de http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110826-gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf
- Hermann, A. K. (2017). J-school ethnography. *Journalism Studies*, 2, pp. 228-246.
doi:<https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1043322>
- Himma-Kadakas, M., & Palmiste, G. (2018). Expectations and the actual performance of skills. *Journal of Baltic Studies*.
doi:<https://doi.org/10.1080/01629778.2018.1479718>
- Himma-Kadakas, M., & Palmiste, G. (2018). Expectations and the actual performance of skills in online journalism. *Journal of Baltic Studies*.
doi:10.1080/01629778.2018.1479718
- Humprecht, E., & Esser, F. (2018). Mapping digital journalism: Comparing 48 news websites from six countries. 500-518. doi:10.1177/1464884916667872
- Hunt, W., & Scott, P. (2018). Paid and unpaid graduate internships: prevalence, quality and motivations at six months after graduation. *Studies in Higher Education*.
doi:10.1080/03075079.2018.1541450
- ISCSP. (2017). Obtido de ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas: <https://www.iscsp.ulisboa.pt/pt/noticias/iscsp-distinguido-com-o-melhor-mestrado-em-comunicacao-estrategica-da-europa>

- Jackson, D., Thorsen, E., & Reardon, S. (2019). Fantasy, Pragmatism and Journalistic Socialisation: UK Journalism Students' Aspirations and Motivations. *Journalism*. doi:10.1080/17512786.2019.1591929
- Jespers, J.-J. (1998). *Jornalismo televisivo*. Coimbra: Minerva.
- Joseph, B. (2009). Journalism Education. Em K. Wahl-Jorgensen, T. Hanitzsch, & T. & e-Library (Ed.), *The handbook of journalism studies*. Routledge. Obtido de <https://keralamediaacademy.org/wp-content/uploads/2015/02/Handbook-of-Journalism-Studies.pdf>
- Jost, F. (2015). Que relação com o tempo nos é prometida na era da ubiquidade televisiva. Em P. Serra, S. Sá, & W. S. Filho, *A Televisão Ubíqua* (pp. 9 - 24). Covilhã: Livros LabCom.
- Kolodzi, J. (2006). Convergence Journalism, Writing and reporting across the news media. (Oxford, Ed.) Obtido de https://books.google.pt/books?id=oaM6ux8OT3QC&pg=PA21&lpg=PA21&dq=convergence+journalism~&source=bl&ots=EzR6i3IP7C&sig=Tbq0eRmjoge4NTJKQ7g9qHc8hVc&hl=ptPT&sa=X&ved=0ahUKEwj8qdzU0_LUAhVJfRoKHS#v=onepage&q=convergence%20journalism~&f=false
- Leal Filho, L. L. (2006). *A tv sob controle: a resposta da sociedade ao poder da televisão*. São Paulo. Obtido de https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=3SAkAgnT9XEC&oi=fnd&pg=PA9&dq=PODER+DA+TELEVISAO&ots=1_tsbebC26&sig=PoW2XAkClq8jc-9tAEyafQ1eLcU&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Lopes, J. A. (2010). Liberdade de imprensa diminui com “proletarização e subproletarização” do sector. (Público, Entrevistador)
- Lotz, A. D. (2007). *The Television Will Be Revolutionized*. New York and London: New York University Press. Obtido de https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:KqyaBrSdRqIJ:https://moodle2.bgu.ac.il/moodle/pluginfile.php/766607/mod_folder/content/0/Lotz%25202007%2520--%2520TV%2520Will%2520be%2520Revolutionized%2520%2528pp.%25203-19%2529.pdf%3Fforcedownload%3D
- Lusa. (2019). Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2019/04/09/sociedade/noticia/homens-protagonizam-maioria-noticias-emitidas-horario-nobre-2015-2017-1868694>
- Manuel, A. (2014). Ser jornalista continua a estar na moda. Em J. Rebelo, *As novas gerações de jornalistas em Portugal* (pp. 61 - 71). Lisboa: Mundos Sociais.

- Marinho, S. (2007). Reflexão sobre a necessidade de um novo paradigma para o ensino do Jornalismo: o caso da Universidade de Columbia. *Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade*. Obtido de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6102/1/MarinhoS_universidadcolumbia_06.pdf
- Martins, C. (2012). *O que merece ser notícia na televisão? O domínio da informação-espetáculo*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/23663/1/Relat%C3%B3rio%20de%20est%C3%A1gio.pdf>
- Mensing, D. (2010). RETHINKING [AGAIN] THE FUTURE OF JOURNALISM. *Journalism Studies*, 511-523. doi:<https://doi.org/10.1080/14616701003638376>
- Mesquita, M., & Ponte, C. (1997). *Relatório sobre o ensino e a formação profissional na área do Jornalismo*. doi:<http://bocc.ubi.pt/pag/mesquita-mario-ponte-cristina-Cursos-Com1.html>
- Micó-Sanz, J., & Sánchez-Marín, G. (2014). Perfíles profesionales en las agencias de noticias. Estudio comparativo de ACN, EFE y Europa Press. *El profesional de la información.*, pp. 501-509.
- Moreira, C. D. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Moreno, J., & Cardoso, G. (2017). Os desafios do jornalismo na sociedade em rede. Em G. Cardoso, A. P. Martinho, & M. Crespo, *Jornalismo, Indignação e Esperança*. Lisboa: Mundos Sociais. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/328841929_Jornalismo_Indignacao_e_Esperanca
- Nielsen, R. K., & Sambrook, R. (2016). *What is happening to television news?* Reuters Institute for the Study of Journalism. Obtido de <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-06/What%20is%20Happening%20to%20Television%20News.pdf>
- OberCom. (2016). *Perfil dos consumidores de TDT*. Documento suplementar do relatório "A Televisão Digital Terrestre em Portugal: Futuro e Desafios". Obtido de https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/10/2016_OBERCOM_Perfil-dos-consumidores-de-Televisa%CC%83o-em-Portugal.pdf
- OberCom. (2017). *Jornalistas e Condições Laborais: Retrato de uma Profissão em Transformação*.

- Oliveira, J. N. (2007). *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa: Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (Cenjor). Obtido de <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=73220&img=458>
- Opgenhaffen, M., d'Haenens, L., & Corten, M. (2013). JOURNALISTIC TOOLS OF THE TRADE IN FLANDERS. *Journalism Practice*, pp. 127-144. doi:10.1080/17512786.2012.753208
- Pacheco, L. (2014). Jornalismo e tecnologia: Para onde sopram os ventos de mudança? Em J. Rebelo, *As novas gerações de jornalistas em Portugal* (pp. 51 - 60). Lisboa: Mundos Sociais.
- Pacheco, L., & Freitas, H. d. (2014). Poucas expectativas, algumas desistências e muitas incertezas. Em J. Rebelo, *As novas gerações de jornalistas em Portugal* (pp. 21 - 35). Lisboa: Mundos Sociais. Obtido em 21 de outubro de 2018
- Pavlik, J. (2000). The Impact of Technology on Journalism. *Journalism Studies*, 229-237. doi:1:2, 229-237, DOI: 10.1080/14616700050028226
- Pinto. (2019). *Jornalista de televisão despedida por não conseguir emagrecer*. Obtido de <https://expresso.pt/opiniao/2019-03-26-Jornalista-de-televisao-despedida-por-nao-conseguir-emagrecer#gs.5gdbxp>
- Pinto, M. (2004). *O ensino e a formação na área do jornalismo em Portugal: "crise de crescimento" e notas programáticas* (Vol. 5). Universidade do Minho. doi:<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1245/1188>
- Purcell, K., Rainie, L., Mitchell, A., Rosenstiel, T., & Olmstead, K. (2010). Understanding the participatory news consumer. How internet and cell phone users have turned news into a social experience. *Pew Research Center*. Obtido de http://www.gabinetecomunicacionyeducacion.com/sites/default/files/field/adjuntos/understanding_the_participatory_news_consumer.pdf
- Reis, M. B. (2017). O jornalismo de proximidade na televisão nacional: O caso da SIC. (C. Borges, Entrevistador) Obtido de https://run.unl.pt/bitstream/10362/24820/1/Relat%C3%B3rio_est%C3%A1gio_Cristiana_Borges_30_06_2017.pdf
- Rocha, P. M., & Sousa, J. P. (2008). A atual formação dos jornalistas e o mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Portugal. *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, pp. 1 - 15.
- Salvador, J. M. (2019). Obtido de Expresso: <https://expresso.pt/cultura/2019-04-13-Nao-me-deem-musica--nem-televisao-#gs.5gdctq>
- Sena, N. M. (2011). *A televisão por dentro e por fora*. MinervaCoimbra. Obtido em 19 de outubro de 2018

- Silva, D. S. (2014). Aproveitamento das potencialidades dos dispositivos móveis pelas revistas impressas: um estudo de caso da aplicação da revista Visão para iPad. 109-138.
- Sindicato dos Jornalistas. (2017). *Sindicato dos Jornalistas*. Obtido de <http://www.jornalistas.eu/?n=9687>
- Sobreira, R. M. (2003). O ensino do Jornalismo e a Profissionalização dos Jornalistas em Portugal (1933 - 1974). Em *Media & Jornalismo* (pp. 67 - 87). Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Leiria.
- Sousa, J. P. (2009). Os pioneiros da teorização do jornalismo em Portugal e a definição do território do jornalismo e dos jornalistas. Em *Culturas Midiáticas* (Vol. 2, pp. 9 - 30). doi:<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-os-pioneiros-da-teorizacao-do-jornalismo-em-portugal.pdf>
- Sparre, K., & Færgemann, H. M. (2016). Towards a Broader Conception of Entrepreneurial Journalism Education. *Journalism Practice*, pp. 266-285.
- Teixeira, P. O. (2012). O ensino do jornalismo em Portugal: breve história e panorama curricular, ao virar da primeira década do século XXI. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9, 407 - 427.
doi:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p407/23355>
- TSF. (2012). *Pelo jornalismo, pela democracia*. Carta Aberta.
- Tucher, A. (2011). TEACHING JOURNALISM HISTORY TO JOURNALISTS. *Journalism practice*, 5:5, pp. 551-565. doi:10.1080/17512786.2011.601905
- Westlund, O. (2013). Mobile News. *Digital Journalism*, 6-26.
doi:10.1080/21670811.2012.740273
- Willnat, L., Weaver, D. H., & Wilhoit, C. (2019). The American Journalist in the Digital Age. *Journalism Studies*, pp. 423-441.
doi:<https://doi.org/10.1080/1461670X.2017.1387071>
- Zelizer, B. (2005). Definitions of Journalism. Em G. Overholser, & K. H. Jamieson, *The press* (pp. 66 - 80). New York: Oxford University Press.

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - MESTRADOS EM JORNALISMO OU COMUNICAÇÃO	56
GRÁFICO 2 - MESTRADOS E INSTITUIÇÕES DE ENSINO	58
GRÁFICO 3 - SATISFAÇÃO DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO MESTRADO	59
GRÁFICO 4 - UNIDADES CURRICULARES RELACIONADAS COM JORNALISMO TELEVISIVO	60
GRÁFICO 5 - ABORDAGEM DE JORNALISMO TELEVISIVO NA COMPONENTE LETIVA DO MESTRADO	62
GRÁFICO 6 - CORPO DOCENTE DO MESTRADO.....	63
GRÁFICO 7 - IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA A PROFISSÃO.....	65
GRÁFICO 8 - SATISFAÇÃO EM RELAÇÃO AO MESTRADO	66
GRÁFICO 9 – ENTREVISTAS	68
GRÁFICO 10 - OFF	69
GRÁFICO 11 - PEÇAS	69
GRÁFICO 12 - REPORTAGEM	70
GRÁFICO 13 - DIRETO/ FALSO DIRETO	72

ANEXO A – ENTREVISTAS A COORDENADORES DE ESTAGIÁRIOS

NATÁLIA OLIVEIRA – COORDENADORA DE ESTAGIÁRIOS DA RTP⁴⁰

1. Na RTP, os estágios têm a duração de quanto tempo?

NATÁLIA OLIVEIRA (NO) - Esta resposta tem que ser dada pela nossa Academia/Centro Estágio, uma vez que isso tem a ver com protocolos definidos entre esse serviço e as faculdades ou outras escolas quando são estágios curriculares ou ainda pelo IEFP quando são estágios profissionais. Por nós, Direção de Informação, não há um tempo definido para a duração do estágio. É a Academia que nos diz por quanto tempo vem o estagiário.

2. Por que secções podem passar os estagiários?

NO - Por todas as áreas da Direção de Informação ou só por áreas específicas do interesse do estagiário.

3. Que funções desempenham os estagiários?

NO - São observadores ativos. Aprendem observando e participando nas tarefas desempenhadas pelos profissionais das equipas em que são integrados.

4. Que competências tem de ter um estagiário para uma possível contratação?

NO - As competências inerentes à função para a qual vai ser contratado. Como sabe, na RTP e na Direção de Informação há imensas categorias profissionais: jornalistas, repórteres de imagem, editores de imagem, técnicos.... Assim, as competências também são muito variadas. Obviamente que a primeira grande aptidão é ser competente nas tarefas que desempenha, qualidade que esperamos ter sido revelada no estágio que efetuou.

5. O que é mais valorizado no estagiário? As características pessoais ou as competências técnicas?

NO – Ambas.

6. Numa altura em que o acesso à profissão é cada vez mais difícil, que papel tem o coordenador do estagiário para uma possível contratação?

NO - A contratação não depende só da avaliação do coordenador de estágio mas obviamente que a avaliação e o desempenho demonstrado pelo estagiário levam a que,

⁴⁰ Entrevista por email, por sugestão da jornalista

quando necessário, nos vamos lembrar e procurar aqueles cujas competências para a função se destacaram.

7. Na sua opinião, acha que os estagiários vêm preparados das faculdades para o que o estágio exige?

NO - Na minha opinião, os estagiários vem pouco preparados. Os cursos continuam a ser muito teóricos e o estágio é o grande confronto com a realidade.

8. O coordenador sabe de que faculdade vem o estagiário e de que ciclo de estudos? Se sim, sente diferenças nos estagiários de faculdade para faculdade e da licenciatura para o mestrado?

NO - Sim, o coordenador sabe de que faculdade e de que curso vem o estagiário. Sim, notam-se diferenças de faculdade para faculdade e de curso para curso.

ANDRÉ ANTUNES - COORDENADOR DE ESTAGIÁRIOS DA SIC⁴¹

1. Por norma, quantos estagiários tem o jornal que coordena, o Primeiro Jornal?

André Antunes (AA) - Por norma, tem 2.

2. No Primeiro Jornal, os estágios têm a duração de quanto tempo?

AA - Varia entre os 2 meses e os 3 meses.

3. Que acompanhamento tem o estagiário ao longo do estágio?

AA - Infelizmente o estagiário não tem o acompanhamento que devia ter. Já todos fomos estagiários e quando estamos nessa fase gostamos sempre de aprender. Uns mais do que outros, mas todos gostamos. Infelizmente eu não tenho o tempo para dedicar aos estagiários que acho que eles merecem. Mas para já tento que eles vão para a rua, façam reportagem, aprendam no terreno. Depois quando chegam, tento que o texto deles seja revisto por alguém mais experiente, um jornalista mais sénior. Na minha opinião, não é o ideal por escassez de tempo e também de alguns recursos.

⁴¹ Entrevista presencial

4. Que funções desempenham os estagiários?

AA - Normalmente conto com os estagiários para dois tipos de coisas. Numa fase inicial dos estágios, irem fazer uma entrevista, recolherem um depoimento ou até mesmo fazer um bocadinho de reportagem que possa dar o contributo para uma peça que está a ser feita por um jornalista sénior. E às vezes até são coisas do início do jornal. Ou seja, têm uma importância noticiosa relevante. Quando começam a crescer mais um pouco, dou-lhes algumas reportagens um pouco mais ligeiras para começarem e depois vamos subindo, vamos crescendo. Às vezes podem pensar que "é uma peça mais para o fim do jornal" e que "por isso pode ser feita por um estagiário" mas isso não quer dizer nada. O jornal não tem só uma zona nobre, tem várias zonas nobres e às vezes há trabalho de estagiários que é colocado em zonas nobres do jornal. Temos tido casos nos últimos meses de trabalhos muito interessantes feitos por estagiários, peças muito boas, peças que se calhar feitas por alguns jornalistas seniores não ficariam tão boas.

5. Que competências tem de ter um estagiário para uma possível contratação?

AA - Acima de tudo tem de ser esperto, tem de ser interessado, tem de ser uma pessoa interessante. Se tiver essas qualidades será um bom profissional em tudo, não apenas no jornalismo. Há estagiários que chegam aqui e não fazem ideia do que se passa no mundo à volta deles, há outros que chegam, damos-lhes uma coisa para fazer e eles dizem "sim, já estive a ler hoje sobre isso" ou "já ouvi isso hoje nas notícias". Terem curiosidade, quererem aprender, terem interesse e terem humildade. É com a humildade que se aprende.

6. Ou seja, acha que as características pessoais são mais importantes são mais importantes que as competências técnicas?

AA - Acho. Ou pelo menos com aquelas que adquiriram na escola ou na faculdade. Acho que se forem pessoas interessantes, interessadas, cultas, também é importante. Há estagiários que chegam aqui e não sabem quem são as pessoas mais importantes do país e do mundo. Se forem pessoas interessantes têm uma curva de aprendizagem grande. O que noto é que aquilo que são bons estagiários durante o estágio e têm uma curva de progresso grande são pessoas diferentes, naturalmente diferentes, que

querem mais, que querem saber, querem fazer, querem aprender, estão disponíveis, têm uma atitude humilde perante o trabalho. Na minha opinião, essas características pessoais são primordiais para serem bons profissionais. Não tanto como chegarem aqui e já saberem editar, por exemplo. Porque essas ferramentas mais formais aprendem-se aqui ou mais tarde.

7. A partir de que momento é que percebe que é um bom estagiário?

AA - Vejo logo no início, pela atitude, pela garra, pela curiosidade.

8. Naquele momento em que percebe que o estagiário não é, por exemplo, proactivo. Que papel tem o coordenador?

AA - Isso é complicado. Já aconteceu ter um estagiário e perceber que não consigo fazer nada com aquela pessoa. Eu não posso prejudicar a pessoa mas também não posso prejudicar o trabalho que eu faço porque eu não trabalho para o estagiário, trabalho para o público. É o meu farol. Dou trabalhos menores. Há pessoas que damos oportunidades e não desenvolvem. Não têm culpa, simplesmente não foram talhadas para isto. Se calhar estão no sítio errado. Até podem vir a ser muito bons na imprensa ou na rádio. Mas posso fazer um "*mea culpa*" no sentido em que não consigo ter disponibilidade. Agora o jornal acabou, almocei e vou já preparar o jornal de amanhã. Durante a tarde continuam a ligar-me e tenho de começar a decidir coisas. Às vezes até às 11 da noite. Ou seja, infelizmente não tenho tempo de os chamar e olhar, com o estagiário, para o que fizeram de menos bem e aconselha-lo. Mas ao mesmo tempo há casos em que sinto que esse tempo ia ser perdido.

9. Por exemplo, tem 3 estagiários no Primeiro Jornal. Como é que a distribuição de trabalho é feita?

AA - Vou percebendo o que é que cada um gosta e como é que é o ritmo da pessoa, se uma pessoa é mais rápida, mais lenta, mais despachada. Depois há pessoas que percebes que para determinada peça não têm perfil, que é melhor outra. Depois penso "está peça está mais acima no jornal, sei que A, B ou C é mais despachado que o outro. Mas ao mesmo tempo tento ter alguma justiça nessas decisões. Ou seja, tento que sejam dadas as mesmas oportunidades. Lá porque uma pessoa é "melhor do que a

outra", não posso prejudicar a outra dando sempre bife do lombo a uma e salsichas de lata à outra, senão depois a outra não cresce.

9. Numa altura em que o acesso à profissão é cada vez mais difícil, que papel tem o coordenador do estagiário para uma possível contratação?

AA - Acho que tem 2 papeis muito importantes. O primeiro é, na formação, tentar dar-lhes as ferramentas e as oportunidades todas para que possam crescer ao máximo e possam mostrar ao máximo aquilo que valem durante o estágio. Há pessoas que podem vir para cá estagiar, mas se tiverem o azar de passar por 2 ou 3 equipas que não tiveram oportunidade de brilhar e libertar o seu potencial, nunca lhes damos a oportunidade de o mostrar. Imagina que o estágio deles é numa equipa que é atender telefones o tempo inteiro. Podemos ter perdido ali um José Manuel Mestre daqui a 10 anos ou uma Cândida Pinto e nunca soubemos. A minha preocupação é dar-lhes as ferramentas todas para brincarem, dar-lhes as oportunidades e forma-los. Num segundo momento, é dar um feedback aos diretores e à administração. Dou sempre. Digo-lhes "atenção, há aqui uma pessoa com potencial".

10. Há pouco falávamos do alinhamento das peças de estagiários. Acha que é um risco pôr um estagiário a fazer uma peça para o início do jornal?

AA - Às vezes é. Mas o jornal que eu faço é um jornal de risco. Tu sabes disso, não é? Nem todas as decisões que tomamos são corretas e às vezes pode ser um erro entregar aquela matéria a um estagiário, já aconteceu. Já aconteceu entregar uma peça a um estagiário e durante a manhã percebe-se que a notícia ganha uma importância maior. E eu penso "se calhar não devia ter entregado isto a um estagiário. Isto merecia um bocado diferente, mais musculado". E depois também não posso meter essa pressão em cima de um estagiário porque a culpa não é dele. Não têm nenhuma obrigação de entregar uma peça para ganhar um prémio. É um risco. Mas não é um salto de fé. Não arrisco assim tanto quando entrego as coisas aos estagiários. Sei que uns melhor do que outros, mal ou bem, vão entregar aquela peça. Mas quando lhes exijo uma coisa realmente importante, digo-lhes logo que aquela peça é de determinada peça e tento controlar. Tento compensar de outras formas. Se é para sair em reportagem com quem é que vai filmar, na edição tento que o editor de imagem seja mais rápido e experiente.

11. Na sua opinião, achas que os estagiários vêm preparados da faculdade para o que o estágio exige?

AA - Não. Acho que podiam vir muito mais bem preparados, mas também as faculdades são muito teóricas. No meu tempo era assim, pelo que eu vejo também é assim. Pelo que eu vejo de como os estagiários se distinguem uns dos outros é pelas características que os distinguem uns dos outros, são pelas características deles. Se são cultos, interessados, se sabem escrever porque tiveram hábitos de leitura ou de escrita. Coisas que têm a ver com a forma como eles próprios se construíram enquanto pessoas. O resto daquilo 'que é o trabalho das faculdades não noto que aqui seja um fatos importante. Já recebi excelentes estagiários que são da Universidade do Minho, outros da UBI, outros do Algarve, outros da NOVA, outros do ISCSP e não estebeleço uma diferença. Não penso "aquela faculdade entrega os melhores estagiários. Acho que tem muito mais a ver com as pessoas do que com o percurso que elas tiveram. Eu quando saí da faculdade não estava preparado para construir seja o que for. Fui para um curso de 1 ano no Cenjor e acabei por ir à Rússia fazer a cobertura de um evento. Quando cheguei à redação da SIC já vinha com muitas ferramentas.

12. E acha que os alunos saem do local do estágio preparados para o que a profissão exige?

AA – Não, porque ser jornalista é uma aprendizagem permanente. Tens diferentes valências. Quando acabas o estágio nunca fizeste um direto e nunca foste pivô. Ser jornalista de televisão é uma coisa que se constrói ao longo de toda a carreira. Nunca coordenaste um jornal. Eu continuo em construção. Já fiz diretos, já fiz reportagens mas nunca fui pivô, nunca fui diretor. Percebes o que estou a dizer? Quando acaba o estágio, na parte da reportagem, que os estagiários puderem fazer, se quiseses considerar a questão base mas ao mesmo tempo mais nobre do jornalismo, ainda há um longo caminho a percorrer, ainda há muito campo para tu cresceres, para seres melhor contador de histórias em televisão. A televisão tem essa particularidade de ser muito interessante, de ser um meio que nos permite contar histórias de uma forma diferente.

13. O coordenador sabe de que faculdade vem o estagiário e de que ciclo de estudos?

AA - Não, nem quero saber, nem pergunto. É-me irrelevante. Quando falo com os estagiários pergunto-lhes de que terra são, onde é que vivem, o que gostam de fazer, do que qual foi o seu percurso académico. Até porque como te disse há pouco não consigo estabelecer nenhuma distinção em relação à faculdade. Por exemplo, estagiários que recomendei que cá ficassem, que fossem integrados nas equipas são estagiários que são de sítios completamente diferentes. Tens o caso da Ana Leite, da Rita Rogado. São pessoas que vêm de sítios completamente diferente, de origens diferentes, de origens socioeconómicas diferentes, de faculdades diferentes. Interessa-me as qualidades pessoais e em termos de carácter. Avalio-as muito em termos de carácter. Aquela coisa básica de "se é porreira, se é boa pessoa" ou se é antes "um chico esperto". Isso dá para perceber.

14. Na sua opinião, os critérios de acesso ao estágio deviam ser mais seletivos?

AA - Acho. Agora não sei bem quais são os critérios mas antigamente tínhamos protocolos com determinadas faculdades. Mandavam-nos pessoas para cá, já havia uma pré-escolha. Mas acho que devíamos ter um filtro mais apertado, não para recusar mas para os distribuir melhor. Somos uma empresa de Comunicação Social, não é só reportagens televisivas. Há pessoas que podem ser muito boas em marketing ou relações públicas. Acho que essa separação logo ao início era boa.

ANEXO B – INQUÉRITO A ALUNOS

O meu nome é Ana Rita Rogado. Este inquérito é realizado no âmbito da Dissertação do Mestrado em Jornalismo da Universidade Nova de Lisboa e pretende avaliar a relação entre os Mestrados em Jornalismo/ Comunicação com variante de Jornalismo e os estágios dos alunos. Todos os dados recolhidos são anónimos e confidenciais e as respostas serão usadas apenas para fins académicos. O preenchimento terá a duração de cerca de 5 minutos. Agradeço desde já a sua colaboração. Estou disponível para quaisquer dúvidas. Contacto: ritarogado96@gmail.com

1. Género

Feminino

Masculino

2. Idade

Menos de 20 anos

Entre 20 e 24 anos

Entre 25 e 29

Entre 30 e 34

35 ou mais

3. Licenciatura:

Área de Jornalismo/ Comunicação

Outra área

4. Mestrado:

Jornalismo

Comunicação com variante

5. No mestrado frequentou:

Universidade Pública

Universidade Privada

6. Local do estágio

RTP

SIC

TVI

Outro

7. Depois do estágio foi contratado?

Sim

Não

8. Assinale o grau de conhecimento que considera ter em relação às seguintes funções:

	Não sei o que é	Sei o que é mas nunca fiz	Sei o que é e fiz pelo menos uma vez	Sei o que é e fiz com frequência	Sei o que é e fiz com muita frequência
Entrevista					
Off					
Cortar vivos					
Peça					
Reportagem					
Direto/ falso direto					
Pivotar					
Edição de imagem/ som					
Sonorizar					

9. Indique de 1 a 5, sendo 1 “Nenhuma satisfação” e 5 “Total Satisfação”, o nível de satisfação em relação à aprendizagem durante o estágio
10. Indique de 1 a 5, sendo 1 “Nenhuma satisfação” e 5 “Total Satisfação”, o nível de satisfação em relação ao plano de estudos do Mestrado
11. Assinale o grau de concordância em relação à percepção que tem sobre o jornalismo televisivo e os estágios em televisão:

	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
O estágio é fundamental para a formação dos alunos do Mestrado					
O mestrado prepara os alunos para o que é exigido no estágio					
Os alunos têm oportunidades para aprender durante o estágio					
Os alunos têm oportunidades para mostrar as capacidades durante o estágio					
No estágio foi necessário dominar ferramentas					

técnicas para funções diferentes, como editar vídeo e/ou som, infografias, editar/ tirar fotografias					
Os estagiários são fundamentais nas redações					
Os estagiários têm poucas hipóteses de contratação no fim do estágio					
As caraterísticas pessoais são mais importantes que as capacidades que se vão adquirindo com o tempo					
A formação académica é					

essencial para a profissão de jornalista					
------------------------------------------	--	--	--	--	--

12. Indique de que forma a componente letiva do mestrado incidiu nas seguintes áreas do jornalismo:

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Com frequência	Com muita frequência
Imprensa					
Rádio					
Televisão					
Online					

ANEXO C – ENTREVISTAS A COORDENADORES DE MESTRADOS

ANTÓNIO GRANADO – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA⁴²

1. Como são selecionados os alunos para o mestrado? Têm preferência por alunos da área de Jornalismo/ Ciências da Comunicação ou de outras áreas?

António Granado (AG) - Nós não fazemos qualquer distinção das áreas de proveniência dos alunos quando fazemos a seleção. O mestrado aceita selecionados e portanto, em qualquer área. Evidentemente que nos interessa a nota da licenciatura, como em todos os mestrados, e interessa-nos também o interesse que os alunos demonstram por vir a exercer a profissão de jornalista, não é? Porque este mestrado foi criado com o objetivo de preparar alunos para o mercado de trabalho e, nesse sentido, interessa-nos perceber pelo currículo da pessoa se está interessada em seguir para jornalismo. Fazemos uma seleção com base no currículo, não dando preferência a pessoas que veem de comunicação, sendo que as pessoas que são de comunicação e jornalismo têm obviamente, em princípio, mais aptidão para este mestrado.

⁴² Entrevista por telefone

2. Este mestrado faz a ponte entre a teoria e o mercado de trabalho?

AG - Eu penso que sim. O mestrado tenta preparar os alunos para o mercado de trabalho. É evidente que há uma área da profissão onde o mestrado não toca, que é na área da rádio, mas de resto acho que prepara os alunos para o mercado de trabalho.

3. Por que é que o mestrado não tem essa área do jornalismo?

AG - Porque quando foi criado uma das ideias foi uma preparação geral e não uma preparação muito específica para um meio de comunicação social. Acabámos por achar que era importante – ao início não tínhamos – que chamasse mais atenção para a televisão, porque era aí que se nota mais dificuldades no mercado de trabalho, principalmente aqueles que não vinham da área da comunicação. Mas de resto sempre preparamos mais para as bases do jornalismo: saber escrever, que é importantíssimo, saber encontrar histórias, que também é muito importante. Depois a parte mais prática poderão tê-la nas redações.

4. Na sua opinião, qual é que é a diferença entre um Mestrado específico em Jornalismo e um de Ciências da Comunicação?

AG - Quando este mestrado foi criado, foi como sendo profissionalizante. A nossa ideia desde o início sempre foi essa. Quando o professor Nelson Traquina o criou a ideia foi sempre preparar alunos para o mercado de trabalho, enquanto o que acontece no Mestrado em Ciências da Comunicação essa preparação é mais para pessoas interessadas em seguir estudos na área dos *media* e do jornalismo. A nossa preocupação foi sempre preparar para o mercado de trabalho.

5. Que vantagens tem este mestrado?

AG – Eu acho que é o corpo docente. É uma das mais importantes vantagens. O corpo docente é constituído na sua maioria por ex-jornalistas. Um deles ainda continua a exercer jornalismo, que é o Pedro Coelho. É um mestrado que no final garante aos alunos estágio, algo que infelizmente alguns outros mestrados no país deixaram de garantir, infelizmente. Eu acho isso muito sinceramente um erro porque não é possível entrar no mercado de trabalho. É muito difícil entrar no mercado de trabalho. Muito

mais difícil é se os alunos não têm um contacto com a redação. Depois eu acho que outra das vantagens é o facto de tentarmos que as turmas sejam turmas mais heterogéneas. O facto de termos pessoas que venham de direito, de medicina ou de psicologia dá uma grande riqueza à turma. Pode parecer que não é mas é uma grande vantagem termos pessoas de várias áreas a pensar o jornalismo.

6. Há partilha de conhecimento...

AG – Exato, não fechar o jornalismo às pessoas que vêm de comunicação e jornalismo. As redações estão cheias, mesmo cheias, de pessoas de outras áreas e eu acho que essas pessoas, muitas delas têm o talento suficiente para se virem a tornar jornalistas. É evidente que têm de ter uma preparação de jornalismo. Para essas pessoas o mestrado é importantíssimo, mas eu também acho que essa é uma das vantagens: não fazermos uma turma fechada em ex-estudantes de comunicação ou uma turma de ex-estudantes de jornalismo.

7. Considera que há matérias que se repetem nas várias Unidades Curriculares?

AG – Eu acho que pode acontecer. Felizmente o mestrado tem muitos poucos alunos de licenciatura da própria universidade. E isso é bom porque acho que os alunos não devem fazer o mestrado no mesmo sítio onde fizeram as licenciaturas, mas isso é uma posição pessoal. Acho que é muito importante exporem-se a novos ambientes. Se eu já fiz o mestrado em Ciências da Comunicação provavelmente não preciso de fazer o mestrado em Jornalismo. É a minha opinião. Ganharia mais em fazer um mestrado em gestão desportiva ou hospitalar, outra área completamente diferente que me abra outros horizontes, até de emprego. Ou um mestrado na área da economia porque quero ser jornalista na área de economia ou política porque quero ser jornalista na área de política. Nós temos uma turma com alunos de todas as áreas, portanto algumas coisas vão ter de ser ditas para os alunos que não são da área, que nunca ouviram falar do que é um *gatekeeper* ou o que é são as várias teorias do jornalismo. Acho que nalguns casos pode haver alguma repetição. Tentamos que seja o mínimo possível, mas pode haver alguma sim.

8. Como é que tem sido a evolução do mestrado ao longo dos anos? Tem havido cadeiras mais práticas?

AG - O mestrado já começou com cadeiras práticas. Aliás, o facto de termos Jornalismo Especializado 1 e Jornalismo Especializado 2, irmos buscar profissionais fora, que estão nas redações, o facto de termos escrita jornalística, novas narrativas dos media. A maioria das cadeiras deste mestrado são claramente cadeiras práticas. Nós temos sentido ao longo dos anos que o mestrado tem ganho credibilidade, tem aumentado o número de alunos interessados. Este ano tivemos 3 vezes mais o número de alunos de que precisávamos. Digamos, “deitamos fora” dois terços dos alunos que se candidataram. O que significa que nós conseguimos criar uma turma com excelentes alunos. Muitos dos nossos alunos têm conseguido ficar nos órgãos de Comunicação Social. Isto dá-nos uma ideia de que o nosso mestrado é cada vez mais procurado. Nós temos alunos de outras licenciaturas do país inteiro e isso, de alguma forma, enche-nos de orgulho.

9. Considera que este mestrado tem lacunas?

AG - Acho que para um mestrado que é dado, como são todos na NOVA FCSH, em horário pós-laboral acho que é muito difícil fazer diferente. Temos consolidado ao longo dos anos. Já fizemos variadíssimas alterações. Acho que poderia haver outras coisas que o mestrado podia ter se não fosse feito em pós laboral. Podia ter simulação de um ambiente de redação mesmo, fazer uma semana intensiva onde todos os alunos tentavam escrever artigos para uma publicação *online*. Mas é muito difícil. Acho que temos estado a melhorar. Temos feito algumas afinações. Parece-me que está quase no ponto.

10. Há alguma mudança prevista para o mestrado?

AG - Para já, estamos em avaliação pela A3ES - Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. Não fizemos nenhuma sugestão de alteração. A grande sugestão entre há 2 anos e o ano passado foi algo que nos pareceu que era inevitável. Tínhamos aulas concentradas em 2 dias para tentar atrair alunos de fora que eventualmente ficassem 2 dias apenas em Lisboa. E no ano passado começamos a dar aulas 3 vezes por semana. Estes pequenos ajustes tem sido feitos. Qualquer mudança que se faça atrai mais alunos de um tipo do que de outro, mas acho que esta mudança resultou na atração de alunos.

Fazendo em dois dias obriga que num dos dias os alunos tenham aulas entre as 18h e a 00h, o que é bastante.

MARIA JOSÉ MATA – ESCS – INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA⁴³

1. Como são selecionados os alunos para o mestrado? Têm preferência por alunos da área de Jornalismo/ Ciências da Comunicação ou de outras áreas?

Maria José Mata (MJM) - Os critérios de seriação dos alunos estão definidos no regulamento de frequência e avaliação do segundo ciclo que está no *site* da ESCS. Quando entra em “cursos”, vai a “mestrados” e depois tem o regime de frequência e avaliação do segundo ciclo. Num dos pontos dos articulados estão os critérios de seleção. No caso do mestrado de jornalismo tem em conta critérios como o currículo académico, científico, profissional, a adequação da formação e experiência anterior ao mestrado e, em casos em que se justifique, também fazemos uma seleção orientada com entrevista presencial. É este o método de seleção dos alunos. O resultado final resulta desta grelha de seriação que tem diferentes percentagens, que depois poderá confirmar com mais rigor.

2. Este mestrado faz a ponte entre a teoria e o mercado de trabalho?

MJM - Faz, eu acho que faz. Essa é, alias, uma das mais-valias do nosso mestrado. Ele tem uma componente teórica que é fundamental. Tem uma componente também de metodologia, que é também importante sobretudo para preparar os alunos para as tarefas de investigação e para os preparar para as capacidades necessárias para quem está a realizar mestrado, que não é possível fazer investigação sem rigor nem método e portanto existem unidades curriculares direcionadas para essas competências depois tempos também disciplinas de carácter opcional que tem forma de *ateliers*. *Ateliers* dirigidos para televisão, imprensa, rádio e online, que são no fundo formas de preparar os alunos para os estágios que vão realizar.

3. Esses estágios são obrigatórios?

MJM - Os mestrados podem ser concluídos através de uma de três formas, que são a dissertação, o projeto ou o relatório de estágio. No caso dos alunos que optem por

⁴³ Entrevista por telefone

relatório de estágio, esse estágio é curricular, quem não opta por relatório de estágio, quem pretende fazer apenas dissertação ou projeto não tem estágio obrigatório. É apenas obrigatório para quem opta por relatório de estágios

4. Como é que tem sido a evolução do mestrado ao longo dos anos? Tem havido cadeiras mais práticas?

MJM - No mestrado em termos curriculares são 3 semestres, o ultimo é dedicado à tese, portanto não há muito espaço para criar novas cadeiras, até porque o mestrado não é um curso técnico-profissional e portanto não vamos preencher toda a grelha curricular com disciplinas de carácter de *atelier*. Têm o seu espaço, pensado em função daquilo que são as competências necessárias para adquirir por parte dos estudantes para cumprir um perfil que determinamos para o nosso formato. Em termos de disponibilidade dos *ateliers*, tem sido mais ou menos constante. O que temos é assistido ao longo dos anos um interesse, que tem sido reforçado, por parte dos estudantes nesses mesmo *ateliers*, nomeadamente em televisão. E no caso dos *ateliers* de televisão, sendo ateliers que requerem competências técnicas também exigentes, tem um número reduzido de alunos, de maneira a que possam verdadeiramente funcionar como *ateliers*.

5. Como é que é definido o plano curricular do mestrado?

MJM - O plano curricular do mestrado resulta sempre de uma grande discussão prévia, que é obrigatória, não apenas por lei mas também ao abrigo os estatutos do IPL, da própria escola, que passa por uma discussão interna, depois uma consulta do mercado, de pessoas ligadas ao meio, exteriores à ESCS, algumas entidades empregadoras e depois também fóruns próprios com os alunos e os docentes da própria instituição. Só depois de passar por esses fóruns todos é que damos por validado internamente um plano de estudos, que terá ainda de ser submetido à aprovação das entidades competentes

6. Considera que este mestrado tem lacunas?

MJM - Na minha opinião não há cursos perfeitos, obviamente que há coisas que estamos a repensar. Muito provavelmente podemos olhar para o plano de estudos e tentar melhora-los. Temos sempre essa perspectiva de melhoria.

7. Há alguma mudança prevista para o mestrado?

MJM - Este ano, como todas as instituições do país com cursos na área de Ciências da Comunicação e do jornalismo estão sob avaliação da agência de acreditação e portanto apos os resultados divulgados por essa avaliação tomaremos as nossas opções.

PAULO MARTINS – ISCSP – UNIVERSIDADE DE LISBOA⁴⁴

1. Como são selecionados os alunos para o mestrado? Têm preferência por alunos da área de Jornalismo/ Ciências da Comunicação ou de outras áreas?

Paulo Martins (PM) - No caso do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas naturalmente que a preferência vai para alunos de Comunicação. As principais preferências são para a área de Comunicação Estratégica porque é um mestrado até com visibilidade internacional. E portanto é natural que a maior parte dos alunos diga essa vertente. Em qualquer caso, nos últimos tempos tem vindo a aumentar, ou melhor este ano, o número de alunos da vertente de jornalismo, inclusive pessoas que estavam em Comunicação Estratégica passaram para Jornalismo. Duas em concreto. Portanto há também essa vertente.

2. Por que é que acha que isso aconteceu?

PM - Acho que aconteceu porque os alunos tem a noção que quando têm a oferta de Comunicação Estratégica acham que abrange tudo e na realidade não abrange tudo. Não abrange a especificidade do jornalismo e daí essa mudança. Acho que foi sobretudo por isso. Não sou capaz de lhe dizer me concreto.

3. Este mestrado faz a ponte entre a teoria e o mercado de trabalho? O estágio é obrigatório no mestrado?

PM – Há um gabinete de estágios na faculdade. Sempre que os alunos pretendem fazer o estágio, o gabinete faz os possíveis para satisfazer essas necessidades. É previsto no

⁴⁴ Entrevista por telefone

plano curricular e há sempre um esforço de aproximação à profissão. Até convidamos jornalistas para virem dar aulas abertas. Há essa procura de ligação à profissão. E neste momento, no caso do ISCSP e de outras faculdades, há o projeto Repórteres em Construção, o REC, com essa perspetiva: procurar que professores que têm ligação ao jornalismo ou que são jornalistas e alunos que queiram seguir esta área tenham experiências que os aproxima do mercado de trabalho. É uma coisa que nasceu do Congresso de Jornalistas. Não é uma iniciativa da escola. É uma iniciativa dos professores e dos próprios alunos que estão a embarcar no projeto.

4. Na sua opinião, qual é que é a diferença entre um mestrado específico em Jornalismo e um mais geral, em Ciências da Comunicação, por exemplo?

PM – Eu acho que devíamos caminhar para os Mestrados serem mais específicos, portanto seguirem determinadas áreas como Jornalismo, Comunicação Estratégica, Relações Públicas e as licenciaturas manterem um perfil de abrir caminhos, de abrir vários caminhos, não é? Ou seja, a licenciatura ser uma base para depois os alunos se especificarem. Acho que licenciaturas em jornalismo podem estar muito precocemente a especializar as pessoas.

5. Portanto, acha que os alunos na licenciatura ainda não têm certezas quanto à área da Comunicação que mais gostam...

PM – Sim, acho que isso acontece. Falando das licenciaturas acho que as pessoas ainda não têm a noção exata do que pretendem e é preciso também dizer que a maior parte das pessoas que vão para a licenciatura em Ciências da Comunicação no ISCSP não vão para jornalismo, coisa que era completamente no meu tempo. Portanto houve essa evolução, talvez porque a imagem no jornalismo seja de maior precarização, talvez porque se percebe que pode abrir um caminho com várias possibilidades na área da Comunicação Estratégica. Mas a verdade é que os alunos da licenciatura que querem seguir jornalismo são talvez, neste momento, 10% se tanto.

6. Que vantagens tem este mestrado?

PM – Em relação às duas vertentes, a área do Jornalismo é menos atrativa em comparação com a de Comunicação Estratégica, mas permite aprofundar alguns

conhecimentos, aprofundar algumas matérias, que estão mais ou menos associadas à licenciatura. Estou a falar por exemplo de jornalismo de investigação, da cadeira que dou de Deontologia Comparada, percebe? Não tanto Jornalismo especializado, que é outra cadeira que eu dou, mas as outras duas têm essa ligação. Portanto permite aos alunos aprofundar os seus conhecimentos na área do Jornalismo.

7. Os alunos da vertente de Jornalismo têm aulas com os alunos da vertente de Comunicação Estratégica?

PM - Sim, em algumas cadeiras sim. Por exemplo eu dou uma cadeira que se chama Sistemas Mediáticos Comparados e comum às duas.

8. Considera que há matérias que se repetem nas várias Unidades Curriculares?

PM - Acho que isso tem vindo a melhorar. Essas sobreposições têm vindo a ser limadas. Eu agora estou como coordenador adjunto do ramo da Comunicação Social e nós temos de perceber com os alunos o que é que acham do curso e o que pode ser melhorado e essa questão da sobreposição de matérias não foi apontado por nenhum deles nem este ano nem o ano passado. Surgem outras naturalmente mas essa não surgiu. Vamos falando entre nós professores. Há situações inevitáveis. Se eu falo de géneros jornalísticos em Investigação e Expressão Jornalística, depois eles surgem também. Mas eu falo numa perspetiva mais teórica, mais conceptual e o professor António Vilela mais na prática. Portanto as coisas têm de se complementar assim.

9. Como é que tem sido a evolução do mestrado ao longo dos anos? Tem havido cadeiras mais práticas?

PM – Não, não tem. Estamos agora a tentar ter equipamento para que isso aconteça. Mas digamos que não tem consolidado essa vertente prática, sobretudo no Jornalismo. Na vertente de Comunicação Estratégica há alguma ligação a empresas e há alguma possibilidade de se fazer isso.

**FERNANDO VASCO RIBEIRO – FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO
PORTO⁴⁵**

1. O mestrado em Ciências da Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto está dividido em três ramos. Como é que o mestrado funciona? Os alunos têm aulas em comum?

Vasco Ribeiro (VR) – Sim, os alunos dos três ramos tem aulas em comum e depois têm 3 áreas de especialização. Nós na Universidade do Porto temos uma componente muito técnica até na área da televisão, mas na licenciatura, ou seja, na licenciatura os alunos têm muitas horas de televisão e de estúdio de televisão. Este mestrado, até como é normal nos segundos ciclos, nós temos uma componente muito mais científica e académica. Essa componente de televisão é abordada mas numa componente muito mais científica ou académica. Do ponto de vista técnico-profissional não há uma única aula prática de estúdio de televisão. Quem quer ser jornalista não precisa de um mestrado em Ciências da Comunicação. Aliás, penso que não é só o caso da Universidade do Porto. Há uma orientação do próprio Ministério da Direção-Geral do Ensino Superior para os segundos ciclos serem muito mais centrados nas componentes teóricas de desenvolvimento de conhecimento.

2. Portanto este mestrado é mais destinado a alunos que queiram prosseguir estudos na área da investigação...

VR - No nosso caso temos uma vertente de Estudos do Jornalismo, até porque como o nome diz não são práticas jornalísticas nem “*ateliers*”, como temos por exemplo no primeiro ciclo aulas práticas de jornalismo, não temos. Aqui o que damos é a interpretação do papel do jornalismo na sociedade e os efeitos do jornalismo nos estudos. Depois temos outra vertente, que é uma vertente de cultura, património e ciência. Aí é muito vocacionado para quem trabalha na área de produção cultura, museus, na área ligada à cultura, mas também depois em centros de investigação e universidades. E por último, a vertente de comunicação estratégica, que até é a minha área de investigação e de docência. Temos para já um fosso na área da comunicação política. E mais uma vez numa componente de fenómenos à volta da comunicação

⁴⁵ Entrevista por telefone

política. Repare, se pergunta se há alguém vem de um curso que não é de Ciências da Comunicação para o Mestrado e quer formação em televisão, eu seguramente nunca lhe aconselharia este mestrado, até porque esses objetivos não estão expressos em nenhum ponto do próprio plano. Eu acredito que seja uma prática na maior parte dos Mestrados em Ciências da Comunicação. Se quer mostrar que os mestrado não têm uma aplicabilidade para o mestrado de trabalho, acredito que não tenham porque há uma concentração dessa aplicabilidade no primeiro ciclo. Nós não estamos a enganar ninguém porque para entrar neste mestrado escolhemos quem tem formação na área das Ciências da Comunicação...

3. Era o que eu lhe ia perguntar, se neste mestrado têm preferência por alunos da área da comunicação ou de outras áreas...

VR - Sim, esse é um dos critérios, salvo erro o primeiro. Portanto é gente que já vem com formação técnica do próprio jornalismo, desenvolvido no primeiro ciclo nas universidades públicas portuguesas, ou privadas ou brasileiras, visto que nós temos sempre uma grande percentagem de brasileiros. Na minha área, que é a comunicação política, nós analisamos tudo o que é o campo da comunicação política nas suas variantes

4. Há muitos alunos a seguir do primeiro ciclo para o mestrado?

VR – Não temos, porque acabamos por sugerir... Eu falo por mim, não posso falar por outras pessoas, mas sou a favor de que o aluno não deve fazer o primeiro e o segundo ciclo na mesma universidade porque deve contactar com outras culturas académicas. É muito mais enriquecedor tirar um primeiro ciclo numa universidade e um segundo ciclo noutra. Quanto maior for o conhecimento de diversas culturas académicas, fica a ganhar. Alguém que tira o primeiro ciclo aqui e vai para a Nova, para o Minho, para a UNI ou para Coimbra, acho que fica a ganhar.

5. Há alguma mudança prevista para o mestrado?

VR – Há, está a decorrer neste momento uma mudança, que deve entrar em vigor só no ano 2020-2021.

6. Essa mudança é em relação a que Unidade Curricular?

VR – Um conjunto de várias Unidades Curriculares. Há uma reestruturação grande, particularmente na área da Comunicação Política. Deixa de haver um ramo de Comunicação Política e vamos criar um ramo de Comunicação Estratégica.

ANEXO D – ENTREVISTA AO JORNALISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO PEDRO COELHO⁴⁶

1. Enquanto professor, quais são as dificuldades mais frequentes nos alunos em relação ao jornalismo televisivo?

Pedro Coelho (PC) – O problema maior é os alunos virem de vários cursos. Não há propriamente um padrão de conhecimento, ou seja, temos de perceber as áreas de proveniência dos alunos e perceber quais são as bases que possam ter. É natural que no mestrado, muito mais do que na licenciatura, nós tenhamos de fazer um “*back to bases*”, para que consigamos ter em consideração os alunos que são das áreas das ciências exatas e que nunca tiveram contacto com disciplinas próximas do jornalismo. Os casos por vezes tornam-se complexos, basta que apanhemos um aluno de biologia, matemática ou até de medicina para se perceber que aquelas pessoas que, de jornalismo, não sabem nada. Mas também acontece com os de história, de direito, de geografia, de ciência política. Há sempre um conjunto imenso de pessoas, e por vezes é mais de 50% da turma, que não domina nada relativamente a jornalismo. Há portanto um “*back to bases*” que é feito nas primeiras aulas e depois um esforço muito grande por parte do professor para que a turma vá sempre mantendo o mesmo ritmo, por exemplo, com trabalhos de grupo integrando principalmente alunos que não sejam da mesma área de especialidade, tentando misturar os alunos da área mais específica de jornalismo com aqueles que não são, para ver se os grupos de conseguem equilibrar.

2. Até porque na NOVA FCSH as turmas são heterogéneas....

PC - Sim, é muito rico para o mestrado que a turma seja múltipla, mas cria é problemas acrescidos a quem ensina.

⁴⁶ Entrevista presencial

3. E o Pedro sente também essas dificuldades com os alunos que vêm da área das Ciências da Comunicação?

PC – É muito comum porque a maior parte das pessoas que não tem formação de jornalismo não conhecem a matéria jornalística e estão constantemente a ouvir falar de coisas que não dominam. É esse o esforço que nós temos de fazer. Perceber até onde eles vão e por vezes ficamos surpreendidos com o grau de desconhecimento das pessoas.

4. Em relação à formação em jornalismo, há investigadores que defendem a teoria, há quem defenda a prática. Qual é a sua posição?

PC – Eu tenho uma posição muito fechada sobre essa matéria. Acho que o jornalismo, cada vez mais e pela complexidade da profissão, é determinante que as pessoas que entram nesta área dominem, desde logo, o quadro de valores do jornalismo, porque é muito diferente um gestor ou um economista entrar numa redação para fazer jornalismo... domina a área mas está de tal forma fechado no nicho dele que depois não consegue transmitir conhecimento solidamente jornalístico. Não sabe duas coisas: como falar para as massas, que o jornalismo também é isso, e não domina o quadro de valores do jornalismo, não sabe qual é a estrutura, a base, a essência da profissão onde vai exercer funções. É a mesma coisa que eu sendo licenciado na área das Ciências da Comunicação ir trabalhar como jurista. Eu não posso, por mais capacidade que tenha, trabalhar nessa área porque não conheço a essencial da profissão. Se o jurista para ser jurista tem de estudar direito, eu para ser jornalista tenho de estudar jornalismo. Até admito a possibilidade de um aluno fazer o primeiro ciclo com uma base mais abrangente, aliás, os britânicos e os americanos têm muito isso: fazem um curso mais aberto no primeiro ciclo mas depois, no segundo ciclo, fecham o ângulo. Admito essa possibilidade. Fazer o primeiro ciclo mais aberto mas com uma vertente de Ciências Sociais e Humanas muito vincada e depois no ciclo seguinte fechar-se um pouco mais à área, não transformando o jornalismo numa componente técnica, porque não o é, mas havendo conhecimentos suficientes próximos. À medida que o ciclo vai avançando, o ângulo vai-se fechando. Quando chega ao mestrado, o aluno vai claramente trabalhar mais próximo do jornalismo.

5. Então o Pedro defende que o aluno possa ter formação em Ciências da Comunicação no primeiro ciclo e depois no segundo ciclo tenha uma formação mais específica, em economia ou política, por exemplo...

PC – Esse é outro caminho. Ou uma coisa ou outra. Ou não sou fechado ao ponto de dizer “tudo numa área” ou “tudo noutra”. Eu admito a possibilidade de no primeiro ciclo ser uma área mais aberta para se fechar no primeiro ciclo e admito igualmente a possibilidade de no primeiro ciclo ser uma área mais fechada para se abrir ligeiramente no segundo, sendo que essa abertura vai criar aquilo que eu não sou propriamente adepto, que é o jornalismo especializado. Então começar pelo jornalismo especializado acho que é o fechamento absoluto da pessoa que vai começar a profissão. Tem uma série de armadilhas, que nós só controlando é que podemos exercê-lo de forma conveniente. É natural que uma proximidade demasiado próxima relativamente ao objeto seja um desfoque. O jornalista quando começa a trabalhar na área de economia tem tendência a fechar-se em excesso nessa área. Isso cria de novo o que eu estava a dizer dos tipo que vêm para jornalismo de outras áreas. Não dominam a matéria. Aqui vão acabar por não dominar, porque se se fecham de tal forma na área de economia, ciência, justiça, política, depois não conseguem abrir o ângulo e comunicar com as pessoas. Eu admito que haja, e sou defensor, de jornalistas especializados, mas têm de ter um grau de maturidade enorme, não podem ser vocês agora no início de carreira.

6. Acha que é uma coisa que deve ser feita mais tarde...

PC - Sim, é um caminho, claramente...

7. Há uns dias quando entrevistei outro investigador, falou-me do REC, e falou-me inclusive do Pedro. Com que necessidade é que surgiu o REC? Foi por esta necessidade de ajudar os alunos?

PC – O REC não substitui nem o mundo profissional nem a academia, está ali no limbo, entre os dois. Este lugar que o REC ocupa é um lugar de valorização do que há de melhor na formação e, no fundo, a antecipação daquilo que o meio profissional não consegue dar. O REC aposta na reportagem, na valorização da reportagem, que é um género que está em desuso nos órgãos de comunicação tradicionais, atribui aos alunos competências que eles não trazem da formação académica, que não são técnicas, são

sobretudo reflexivas, mas muito próximas daquilo que é a matéria profissional do quotidiano. E é muito centrada naquilo que mais falha na área jornalística, que é a reportagem.

8. Porque é que acha que os alunos não trazem essas competências?

PC – Porque a maior parte dos cursos de jornalismo... eu já fiz essa análise... aposta na notícia, ou seja, os alunos aprendem a fazer notícias. São raras as vezes em que os alunos aprendem a trabalhar a reportagem, que é um género síntese. Aliás, faz a ponte entre a parte mais prática dos cursos e a teórica, é um género que faz a reflexão do pensamento. A notícia é muito imediata. O professor e o aluno que trabalham a notícia ficam fechados naquilo que é o mais próximo das ciências exatas, é objetiva, é simples, é uma estrutura muito fechada. A reportagem é outro muito, muito mais aberto. Pode até partir de uma notícia, mas constrói-se de uma forma muito mais rica, muito mais criativa. Obriga a dar o salto. O jornalista tem de levantar o rabo da cadeira e ir para o lugar onde as coisas acontecem, tem de mergulhar na ação, no concreto, coisa que a notícia não obriga. Eu posso fazer uma notícia no lugar por telefone, sem precisar de ir ao local.

9. No REC, essa aposta na reportagem é feita em alguma plataforma em concreto?

PC – Nós apostamos basicamente duas plataformas: o multimédia e a rádio, mas a televisão é, desde logo, a síntese de todas as plataformas, portanto o aluno tem de dominar o som, a imagem, a escrita e até tem de dominar a fotografia. E depois trabalhamos muito a componente sonora porque temos uma parceria com a Rádio Renascença, que nos permite por no ar um programa feito por alunos, editado por professores ou jornalistas, uma vez por mês, no primeiro domingo de cada vez.

10. Na sua opinião, que competências são necessárias para um jovem que queira trabalhar em jornalismo televisivo?

PC – Diversas. Desde logo uma que me parece fundamental, que é a humildade. Aquilo que os alunos parece que não trazem de casa. Ter carácter à prova de bala. A humildade para quem começa é o primeiro ponto da viagem. Ser humilde, acreditar que não sabem tudo, pelo contrário, que sabem muito pouco, e terem uma enorme disponibilidade para aprender. Isto quer dizer que sejam críticos, cultivem o espírito crítico, mas com uma dose imensa de humildade. O princípio geral da humildade é

saber que é preciso aprender, que estamos muito longe, aliás, todos nós, de chegar onde quer que seja. Carater, humildade e conhecer bem a essência do jornalismo.

11. Na sua opinião, para se trabalhar em jornalismo, são mais importantes as caraterísticas pessoais ou as competências que se vão adquirindo com a experiência?

PC – Uma coisa e outra têm de andar juntas. Acho é que temos muita dificuldade em interagir com o conhecimento se não o soubermos receber. Se acharmos que sabemos tudo, estamos desde logo a ser estúpidos. É preciso disponibilidade para recebermos o conhecimento e essa disponibilidade é um ato de carater, tenho de estar predisposto para receber conhecimento. Essa associação entre caraterísticas pessoais e aquisição de conhecimentos parece-me determinante para o sucesso.

12. O que é que distingue um jornalista que trabalhe em televisão de um que trabalho em rádio ou imprensa?

PC – Acho que, desde logo há uma coisa muito importante, seja em que plataforma for, que é saber aliar forma e conteúdo. Cada plataforma tem as suas especificidades. A televisão é talvez a mais complexa de todas elas, que é a imagem, que é uma componente que nos torna reféns dessa componente. Mesmo a nível do texto, tem de saber que está a construir um texto para uma plataforma que é visual e o texto tem necessariamente refém da imagem, apresenta-se como uma legenda construtiva da imagem. É um texto informativo, naturalmente, mas ainda assim refém da imagem. Portanto este conhecimento da especificidade da televisão é determinante. É no terreno que as histórias se constroem. Quando o acontecimento se perde, quando estou no local e não o vejo, se o perdi, perdi. Mas o ideal é que não o percamos.

ANEXO E – RESPOSTAS AO INQUÉRITO

Tabela 7 – SPSS Variable View das respostas ao Inquérito

	Name	Type	Width	Decimals	Label	Values	Missing	Columns	Align	Measure	Role
1	Género	Numeric	8	0	Género	{1, Feminin...	None	8	Right	Nominal	Input
2	Idade	Numeric	8	0	Idade	{1, Menos d...	None	8	Right	Nominal	Input
3	Licenciatura	Numeric	8	0	Formação base	{1, Jornalia...	None	8	Right	Nominal	Input
4	Mestrado	Numeric	8	0	Mestrado	{1, Jornalis...	None	8	Right	Nominal	Input
5	Instituição...	Numeric	8	0	Instituição do ...	{1, Faculda...	None	8	Right	Nominal	Input
6	Local_Estágio	Numeric	8	0	Local do Estágio	{1, RTP}...	None	8	Right	Nominal	Input
7	Contrato_E...	Numeric	8	0	Contrato depois...	{1, Sim}...	None	8	Right	Nominal	Input
8	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
9	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
10	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
11	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
12	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
13	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
14	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
15	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
16	Conhecime...	Numeric	8	0	Nível de Conhe...	{1, Não sei ...	None	8	Right	Nominal	Input
17	Satisfação...	Numeric	8	0	Nível de satisfa...	{1, Nenhum...	None	8	Right	Nominal	Input
18	Satisfação...	Numeric	8	0	Nível de satisfa...	{1, Nenhum...	None	8	Right	Nominal	Input
19	Concordânc...	Numeric	8	0	Estágio é funda...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
20	Concordânc...	Numeric	8	0	Mestrado prepa...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
21	Concordânc...	Numeric	8	0	Oportunidades ...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
22	Concordânc...	Numeric	8	0	Oportunidades ...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
23	Concordânc...	Numeric	8	0	Domínio de téc...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
24	Concordânc...	Numeric	8	0	Estagiários são...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
25	Concordânc...	Numeric	8	0	Estagiários têm...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
26	Concordânc...	Numeric	8	0	Caraterísticas p...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
27	Concordânc...	Numeric	8	0	Formação acad...	{1, Discordo...	None	8	Right	Nominal	Input
28	Component...	Numeric	8	0	Componente Le...	{1, Nunca}...	None	8	Right	Nominal	Input
29	Component...	Numeric	8	0	Componente Le...	{1, Nunca}...	None	8	Right	Nominal	Input
30	Component...	Numeric	8	0	Componente Le...	{1, Nunca}...	None	8	Right	Nominal	Input
31	Component...	Numeric	8	0	Componente Le...	{1, Nunca}...	None	8	Right	Nominal	Input

Tabela 8 - SPSS Data View das respostas ao Inquérito

	Género	Idade	Licenciatura	Mestrado	Instituição_M estrado	Local_Está...	Contrato_Est ágio	Conheciment o_Entrevista	Conheciment o_Off
1	1	2	1	1	1	2	1	5	4
2	1	3	1	1	1	2	2	3	3
3	1	3	1	1	1	2	2	5	5
4	1	3	1	1	1	2	1	4	4
5	1	3	1	1	1	2	2	3	3
6	1	2	1	2	2	2	1	4	2
7	1	2	1	1	1	1	2	3	2
8	1	2	1	1	1	2	1	3	3
9	1	2	1	1	1	2	2	3	5
10	1	2	1	1	1	2	2	3	3
11	1	2	1	1	1	2	1	5	5
12	1	3	1	1	2	2	2	5	2
13	1	2	1	1	1	4	2	5	5
14	1	2	1	2	2	4	2	4	4
15	1	2	2	2	1	4	1	3	3
16	1	2	1	1	1	4	2	5	5
17	1	2	1	1	1	2	1	5	5
18	1	2	1	1	1	2	2	5	4
19	1	2	1	1	1	2	2	3	4
20	1	2	1	1	2	2	1	5	5
21	1	3	1	1	1	2	1	5	5

22	5	4	2	2	3	2	3	1	5			
23	5	3	2	2	5	2	4	4	5			
24	4	4	3	2	3	3	4	2	4			
25	5	5	5	2	5	5	5	5	5			
26	5	5	5	4	5	5	4	1	5			
27	5	5	4	4	2	4	5	4	4			
28	3	3	3	3	3	3	5	4	5			
29	4	4	3	2	2	3	4	3	4			
30	5	5	5	3	5	5	4	2	5			
31	2	2	2	2	3	4	4	3	5			
32	5	5	5	4	4	4	4	3	4			
	Conheciment o_CortarVivos	Conheciment o_Peça	Conheciment o_Reportage m	Conheciment o_Direto	Conheciment o_Pivotar	Conheciment o_EdiçãoIma gemSom	Conheciment o_Sonorizaçã o	Satisfação_A prendizagem Estágio	Satisfação_M estrado	Concordância EstágioFunc amental		
1	5	5	5	2	2	4	2	4	4	5		
2	3	3	2	2	2	3	3	5	2	5		
3	5	5	5	2	2	2	5	5	3	4		
4	4	4	4	4	2	4	4	4	3	2		
5	3	3	3	3	2	3	3	4	3	4		
6	4	3	2	2	2	2	2	4	5	5		
7	2	5	2	2	2	4	3	5	4	5		
8	3	3	3	2	2	3	3	3	4	4		
9	5	4	2	3	2	2	4	5	3	5		
10	3	3	2	2	2	3	3	5	3	5		
11	5	5	5	2	2	2	2	5	2	5		
12	5	5	2	2	2	3	2	4	3	4		
13	5	5	4	3	3	5	5	4	2	5		
14	4	4	4	4	4	4	3	3	3	4		
15	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4		
16	5	5	5	3	2	5	5	5	2	5		
17	4	5	5	2	2	4	3	4	4	5		
18	5	5	2	2	2	2	2	4	3	5		
19	5	5	3	2	3	4	5	5	3	4		
20	5	5	5	4	2	5	5	4	2	5		
21	5	4	4	2	2	4	5	5	4	5		
22	2	5	4	2	2	3	2	3	1	5		
23	3	5	3	2	2	5	2	4	4	5		
24	4	4	4	3	2	3	3	4	2	4		
25	5	5	5	5	2	5	5	5	5	5		
26	5	5	5	5	4	5	5	4	1	5		
27	5	5	5	4	4	2	4	5	4	4		
28	3	3	3	3	3	3	3	5	4	5		
29	4	4	4	3	2	2	3	4	3	4		
30	5	5	5	5	3	5	5	4	2	5		
31	2	2	2	2	2	3	4	4	3	5		
32	5	5	5	5	4	4	4	4	3	4		
	Concordância MestradoPr eparação	Concordância Oportunidad esEstágio	Concordância Capacidade sEstágio	Concordância TécnicasEst ágio	Concordância EstagiáriosF undamentais	Concordância PoucasHipó tesesCont...	Concordância Caraterístic as	Concordância FormaçãoAc adêmica	Componentel ativa_Impr ensa	Componentel ativa_Radio	Componentel ativa_Televisã o	Componentel ativa_Online
1	3	4	4	3	4	4	4	2	4	1	3	4
2	1	5	5	4	5	3	4	3	1	1	1	1
3	2	4	4	2	4	4	4	4	4	3	3	3
4	3	5	5	4	4	4	2	2	4	1	3	2
5	3	5	5	5	4	3	3	4	5	1	3	5
6	5	5	4	4	4	4	4	5	4	3	4	5
7	4	5	5	5	4	2	3	4	4	1	4	1
8	3	4	4	4	5	3	3	4	4	1	4	2
9	3	5	3	5	5	5	2	1	4	2	4	3
10	3	5	5	5	5	3	3	4	3	1	5	1
11	3	5	5	2	5	1	5	5	4	4	5	1
12	2	4	4	4	5	4	3	4	3	4	2	3
13	1	4	4	5	5	5	4	2	3	2	3	2
14	4	2	3	2	2	2	1	2	3	2	3	3
15	4	4	4	4	4	3	3	4	3	3	3	3
16	2	5	5	5	5	5	5	3	2	2	2	4
17	4	5	5	4	5	4	4	4	3	1	4	4
18	1	5	4	4	3	4	2	4	2	2	2	2
19	2	4	4	4	4	4	2	4	4	2	3	1
20	2	4	4	3	4	3	3	3	4	3	2	2
21	2	4	4	5	5	3	2	3	3	1	4	3

22	2	4	4	5	2	5	4	5	4	3	3	2
23	5	5	4	5	4	5	4	5	3	3	3	5
24	4	4	4	4	4	4	4	4	4	1	3	5
25	1	2	5	3	2	2	2	1	4	1	1	3
26	2	4	2	5	5	2	2	5	4	1	4	4
27	4	5	5	3	3	2	3	5	3	3	3	3
28	2	5	5	5	3	3	2	5	4	4	4	5
29	3	4	4	2	2	5	3	4	3	3	3	3
30	4	5	5	2	3	2	4	3	4	4	5	3
31	4	5	4	4	5	5	5	4	4	2	4	3
32	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4

ANEXO F – ANÁLISE DE CONTEÚDO AOS PLANOS CURRICULARES DOS MESTRADOS

Tabela 9 - SPSS Variable View da análise de conteúdo

	Name	Type	Width	Decimals	Label	Values	Missing	Columns	Align	Measure	Role
1	Faculdade	Numeric	8	0	Instituição de E...	{1, Faculda...	None	8	Right	Nominal	Input
2	Mestrado	Numeric	8	0	Tipo de Mestrado	{1, Jornalis...	None	8	Right	Nominal	Input
3	Vagas	Numeric	8	0	Número de vag...	None	None	8	Right	Scale	Input
4	NumeroUnid...	Numeric	8	0	Número de Uni...	None	None	8	Right	Scale	Input
5	TipoUCTelev...	Numeric	8	0	Tipo de Unidad...	{1, Teóricas...	None	8	Right	Scale	Input
6	Professores	Numeric	8	0	Docentes	{1, Jornalist...	None	8	Right	Nominal	Input
7	CréditosUni...	Numeric	8	0	Créditos em Un...	None	None	8	Right	Scale	Input
8	CréditosCo...	Numeric	8	0	Créditos da Co...	None	None	8	Right	Scale	Input
9	Semestres	Numeric	8	0	Número de Se...	None	None	8	Right	Nominal	Input

Tabela 10 - SPSS Data View da análise de conteúdo

	Faculdade	Mestrado	Vagas	NumeroUnida desCurricular es	TipoUCTelevisao	Professores	CréditosUnid adeCurricular	CréditosCom ponenteNaoL etiva	Semestres
1	1	1	25	7	3	3	60	33	3
2	1	1	30	12	2	3	75	45	4
3	1	1	20	10	2	3	60	60	3
4	1	2	25	6	2	3	60	60	4
5	1	2	30	13	4	3	80	60	4
6	1	2	65	9	4	3	60	60	4
7	2	2	15	12	4	4	60	60	3
8	2	2	25	14	2	3	60	60	4